



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS – PPGAC

ANA PAULA PENNA DA SILVA

PERFORMANCE RELACIONAL COMO CRIAÇÃO DE NOVAS FORMAS DE VER A

CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro

2020

ANA PAULA PENNA DA SILVA

**PERFORMANCE RELACIONAL COMO CRIAÇÃO DE NOVAS FORMAS DE VER A
CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGAC/UNIRIO) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes Cênicas.

Área de concentração: Artes Cênicas.

Orientadora: Prof.^a Dra. Tania Alice Feix

Rio de Janeiro

2020

Performance relacional como criação de novas formas de ver a cidade do Rio de Janeiro

Ana Paula Penna da Silva

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes Cênicas junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGAC/UNIRIO).

Banca Examinadora:

Orientadora: _____

Prof.^a Dra. Tania Alice Feix

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Membro: _____

Prof.^a Dr. Roberto Charles Feitosa de Oliveira

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Membro: _____

Prof. Dr. Marcos Aurélio Bulhões Martins

Universidade do Estado de São Paulo (USP)

Membro: _____

Prof.^a Dra. Marina Henriques Coutinho

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Membro: _____

Prof.^a Dra. Walmeri Kellen Ribeiro

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Rio de Janeiro, 09 de dezembro de 2020.

PENNA, Ana Paula

PERFORMANCE RELACIONAL COMO CRIAÇÃO DE NOVAS FORMAS DE VER A
CIDADE DO RIO DE JANEIRO/ Ana Paula Penna da Silva – Rio de Janeiro, UNIRIO,
2020.

135f.: il,

Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas) – Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2020.

Orientação: Tania Alice Feix

1. Performance relacional 2. Cidade. 3. Desigualdades sócio-espaciais 4. Pesquisa-criação I. ALICE, Tania (Orient.) II. PPGAC/UNIRIO III. Artes Cênicas. IV. Título

DEDICATÓRIA

A todas as pessoas que disseram sim ao encontro com uma estranha, pelas horas e até dias compartilhados, presencial e/ou virtualmente, pelas impressões trocadas, pela escuta, pelas ideias, pelas questões suscitadas, pelo afeto, pelas risadas, pela partilha de alimento e tantas outras, pelos retornos sobre meu caminhar nessa pesquisa. Sou imensamente grata à Nathalia, à Penha e ao Luiz da Vila Autódromo, encontro que ultrapassou a pesquisa e entrou no campo da amizade; ao Vanderson, à sua filha Liz, à sua tia que nos recebeu em casa, ao Giraia, que nos apresentou à praça com instalações, pinturas e canteiro feitos por ele (Vila Kennedy), à Drica, também amiga querida, e Lohana (Comunidade Pingo d`água), à Gerusa (Del Castilho), à Mariana (Méier); ao Bruno Lima (comunidade São José Operário), à Fernanda (Tijuca), Jéssica (Cosmos), Vick (Paciência), Thamires (Campo Grande), Jakie (Realengo), Thamires (Campo Grande), Jennifer (Pedra de Guaratiba), ao Willian (Santa Cruz), especialmente ao Rafael (Senador Camará) por ter desenhado o mapa afetivo que é parte importante desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação e a pesquisa sobre a qual ela versa só puderam acontecer porque eu tive o apoio de muitas pessoas. Ajuda em muitos sentidos, nesses vinte e oito meses que passaram, desde o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), em que atravessei momentos delicados, financeira e emocionalmente.

Agradeço imensamente à Christiane Marta, dona da casa em que moro em Laranjeiras, e às mulheres que dividiram a casa comigo: Bia Santos, Laura Nielsen, Nicole Gomes e Nivia Terra, por terem permitido que eu vivesse na casa, sem pagar aluguel, durante dois anos. Embora usasse a dependência de empregada para dormir, ocupei bastante o espaço comum da sala, para estudar, e contei então com a compreensão dessas mulheres incríveis. Muito obrigada!

Agradeço à acolhida da minha grande amiga Sonia de Oliveira, que durante alguns meses me convidou a compartilhar sua casa, em 2018. Sem você, Sonia, eu não teria concluído as disciplinas do Mestrado ao mesmo tempo em que trabalhava como massoterapeuta, ensaiava e apresentava uma peça de teatro.

À minha mãe Maria Aparecida, ao meu pai Oziel e ao meu irmão Bruno, por todo amor e apoio. E à minha irmã e amiga Cacau por tanto amor materializado em alimento. Não há um dia sequer que, a cada prato que faço, penso no quanto te amo e no quanto você é especial pra mim. Sem sua ajuda, talvez não conseguisse concluir o Mestrado, sem bolsa. À Liz, sobrinha que me inspira, me alegra, me enche de amor e esperança em outro mundo.

Ao Henrique, que sempre me apoia, me escuta e estimula minhas ideias mais loucas, me encoraja e torce por mim. E que nessa reta final, com seu pai Donald, disponibilizou seu apartamento para que eu pudesse concluir, em um ambiente mais reservado, parte desta dissertação.

Agradeço ao querido Charles Feitosa por ter sido o primeiro a me orientar nessa empreitada. Por ter me dado a liberdade de mudar radicalmente de pesquisa, pela escuta e também pelo retorno precioso que possibilitou criar um novo projeto. Muito obrigada também às mulheres artistas pesquisadoras que fazem parte deste grupo de pesquisa: Fernanda Paixão, Luciana de Lucena, Paola Vasconcelos e Samara Pinheiro, por todas as trocas durante o compartilhamento de nossas pesquisas, pela escuta e pelo afeto. Agradeço especialmente à Flavia Naves, que se disponibilizou a ler as páginas iniciais deste trabalho, pelo retorno afetuoso, que me fez enxergar outras nuances da pesquisa.

À querida Tania Alice, minha orientadora e amiga, por ter aceitado me orientar a partir da banca de qualificação, mesmo sabendo que minha pesquisa ainda precisava de tanto caminhar. Muito obrigada pelas ideias de como eu poderia fazer os encontros durante a pandemia, pela escuta sempre tão atenta e retornos tão precisos e preciosos, pela parceria no voo do Crescer Passarinho, pelas risadas juntas dadas e as que ainda virão.

Ao Renato Carrera, artista e amigo, que admiro tanto e que me encorajou a mudar de projeto, se fosse minha vontade. Todo meu carinho, por tantos anos que nos acompanhamos e porque meu projeto inicial era sobre seu admirável trabalho como encenador/pesquisador. Muito obrigada por tanta generosidade e carinho, Rê.

Ao querido Marcos Bulhões, com quem o encontro foi inspirador, incitador e decisivo para que eu mudasse de projeto, tomando coragem para criar uma pesquisa sobre performance na cidade, e por participar da minha banca de qualificação. Seu retorno sobre meu texto reverbera até hoje, e, aos poucos, sem saber, está presente do início ao fim desta dissertação.

Aos artistas que me concederam entrevista, conversas, muito obrigada! Eleonora Fabião, Diego Baff, Ítala Isis, Leslie, Renata Sampaio, Juliana, Marcelo Asth, Rafael Amorim, Tania Alice.

Aos amigos e conhecidos que me levaram ao encontro com as pessoas maravilhosas que encontrei, a conhecer outros lugares da cidade: Pedro Santos, Katianne, Jaime Alves, Drica, Pedro Alonso, Natalia Macena, Fernanda Santos, Fabricio e Suellen. Cada um de vocês, com suas indicações, foi fundamental para esta pesquisa. Pedro Santos, Katianne, Jaime Alves e Drica, além de indicarem pessoas para participarem desta pesquisa, ainda participaram dos encontros e nos fotografaram. O meu muito obrigada!

Aos meus grandes amigos que mesmo longe estão sempre perto e me dão forças pra seguir, há décadas: André Rodrigues e Mariana Cassab. A torcida de vocês por mim, sinto daqui. Amo vocês.

E por fim, às atuais parceiras de casa: Bianca Tonini, Laura Nielsen e Luisa Côrtes, por todas as trocas, palavras de encorajamento e atitudes concretas, como emprestar computador, leitura de parte da dissertação para revisão do texto, disponibilidade incrível em muitos momentos, que contribuíram para que eu chegasse na reta final. Muito obrigada! Jamais esquecerei de cada um de nossos momentos juntos.

RESUMO

Nesta dissertação, busquei compartilhar a cartografia de uma pesquisa-criação em torno da elaboração e da realização de um programa performativo para furar muros invisíveis da cidade onde nasci, cresci e vivo até hoje, o Rio de Janeiro. Partindo da noção de Estética Relacional de Nicolas Bourriaud (2009) e da ideia de que a potência da performance consiste em des-habituar e desmecanizar nossos automatismos, como coloca Eleonora Fabião (2008), criei um programa performativo de encontros com desconhecidos, em seus bairros, situados nas zonas oeste e norte do Rio de Janeiro, áreas invisibilizadas ou estigmatizadas por nós, moradores das zonas mais privilegiadas da cidade. A partir de encontros presenciais e depois, durante a pandemia, virtuais, criei algumas narrativas com o objetivo de compor com essas pessoas e com os lugares da cidade outras histórias possíveis, que não são contadas pelos meios de comunicação de massa e que não temos a chance de experimentar ou, talvez, não queiramos experimentar no nosso cotidiano. Na busca inicial de me encontrar com as desigualdades socioespaciais da cidade, me deparei com uma cidade predominantemente negra e parda, uma das questões que me levou à minha própria desprogramação como artista pesquisadora iniciante no campo da performance relacional.

Palavras-chave: Performance relacional; Espaço urbano; Desigualdade social; Pesquisa-cartográfica

ABSTRACT

In this dissertation, I sought to share the cartography of research-creation around the elaboration and realization of a performance program to drill invisible walks in the city where I was born, grew up and live today, Rio de Janeiro. Starting from the notion of Relational Aesthetics by Nicolas Bourriaud (2009) and the idea that the power of performance consists in getting used to and demechanizing our automatisms, as Eleonora Fabião (2008) puts it, I created a performative program of encounters with strangers, in their neighborhoods, located in the west and north of Rio de Janeiro, areas made invisible or stigmatized by us, residents of the most privileged areas of the city. From face-to-face meetings and later, during the pandemic, virtually, I created some narratives in order to compose with other people and the places of the city other possible stories, which are not told by the mass media and that we don't have the chance to experiment or, perhaps, we don't want to experiment in our daily lives. In the initial search to meet the socio-spatial inequalities of the city, I came across a predominantly black and brown city, one of the issues that led me to my own deprogramming as a beginning research artist in the field of relational performance.

Keywords: Relational performance; Urban space; Social inequality; Cartographic research

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
1. SOBRE ENCONTROS, RELAÇÕES E MARCAS QUE MUDARAM MINHA TRAJETÓRIA	31
1.1 No olho da rua, em maio de 2016, o encontro entre as narrativas de Linha, de Eleonora Fabião, e minhas inquietações em relação às desigualdades na cidade do Rio de Janeiro...	31
1.2 Encontro entre o assombro das desigualdades sociais e a disciplina Coletivos Artísticos, da professora Laura Erber, no primeiro semestre do Mestrado	39
1.3 Ensaio para criação da performance coletiva:	40
1.4 Encontro com Tania Alice, Marcos Bulhões, Marcelo Denny e suas práticas e bases teóricas ou sobre quando decidi mudar de caminho	47
1.5 Encontro com grupo de pesquisa e Charles Feitosa.....	50
1.6 Programa para furar muros invisíveis na cidade do Rio de Janeiro.....	51
1.7 Reencontro com Tania, Charles e Marcos, na qualificação do Mestrado.....	51
2. CARTOGRAFIA DO RIO INVISIBILIZADO, ATRAVÉS DA PERFORMANCE RELACIONAL	54
2.1 Mapa afetivo da cidade do Rio, por Rafael William	63
2.2 Aqui todo mundo é artista. Com Vanderson e Katianne. Vila Kennedy (zona oeste)	65
2.3 Aqui não tem eu, tem nós. Com Nathalia e família. Vila Autódromo (zona oeste)	81
2.4 Shopping como não lugar. Com Gerusa Flor. Bairro Del Castilho (zona norte).....	95
2.5 O Méier é meu país Com Mariana e Jaime Alves, no Méier (zona norte)	98
2.6 Alegria como (re)existência comunidade Pingo d`água (Guaratiba – zona oeste).....	101
2.7 Encontros virtuais para furar muros invisíveis	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
BIBLIOGRAFIA	124
ANEXO.....	127
Anexo 1	127

INTRODUÇÃO

Escrevo ao encontro da provocação de Krenak, de que adiar o fim do mundo seria sempre poder contar mais uma história (2019, p. 27). Embora a leitura de seu texto tenha vindo depois de iniciada a pesquisa, sua provocação diz muito sobre o que me moveu a começar este trabalho e o que move minha escrita, uma vez que esta pesquisa, desde a primeira vontade que a originou, vem sendo construída dentro de contextos políticos, sociais, éticos e ambientais de muitas crises: processos de gentrificação pré-Copa e Olimpíadas; golpe que destituiu a presidenta Dilma Rousseff; assassinato da socióloga, “cria da Maré²” e vereadora negra Marielle Franco; expansão de discursos e práticas fascistas não só no Brasil, mas também em outros lugares do mundo; a eleição de um presidente que corporifica esses discursos e práticas; necropolítica em escala nacional e planetária; que envolve também uma relação predatória com a natureza e, por último, sem perspectiva para o fim, uma pandemia que torna visível ainda mais a crise de saúde pública e do direito básico à vida de grande parte da população brasileira.

Tendo como questão primordial as desigualdades sociais e espaciais na cidade do Rio de Janeiro, bem como sua naturalização, busquei criar programas performativos que furassem os muros invisíveis da cidade onde nasci, cresci e vivo até hoje, o Rio de Janeiro, com o objetivo geral de criar narrativas a partir de encontros com pessoas e lugares invisibilizados ou estigmatizados por nós, da classe média, brancos, das zonas privilegiadas da cidade. Narrativas de possíveis contrapontos às produções em massa (mídias televisivas, digitais e impressas) de modos de ver que estigmatizam e reforçam preconceitos em relação à maior parte da população carioca.

Não apenas pela pandemia, mas pela intensificação de políticas neoliberais implantadas pelo atual governo federal, há um aumento das desigualdades sociais no Brasil, problema antigo e questão disparadora desta pesquisa-criação. O desemprego e a retirada de direitos dos trabalhadores vêm aumentando o abismo entre as classes. Abismo esse escancarado durante a pandemia, que, apesar de democratizar o risco à vida, expôs ainda mais

¹ Luiz é morador da Vila Autódromo (comunidade da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro que sofreu remoções pré-Olimpíadas) e é uma das pessoas que conheci graças aos encontros criados por esta pesquisa.

² Cria da Maré era como Marielle e outros moradores se autodenominam quando nascem e crescem no Complexo da Maré: um conjunto de 17 favelas na cidade, onde vivem 140 mil moradores.

a vulnerabilidade de grande parte da população, que ainda não dispõe de água limpa, recursos financeiros para prevenção à COVID-19, como materiais de limpeza básicos, sabonetes e até mesmo alimentos essenciais.

O direito à vida ainda não é garantido, aqui no Brasil, para grande parte da população, submetida a uma necropolítica. Os próprios moradores das comunidades tiveram que se organizar por si mesmos para receberem doações e distribuírem aos moradores, pois não houve e não há uma política de prevenção à COVID-19 voltada a essas pessoas. Pelo contrário, o atual presidente vem minimizando, desde o início, a gravidade da pandemia e passando à população mensagens que contradizem as orientações das autoridades mundiais e nacionais de saúde, chamando-a de “gripezinha” e desfilando sem máscara pelas ruas, ao encontro com seus apoiadores. Sem contar as frases³, como: “e, daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou messias, mas não faço milagre”, quando ultrapassamos em abril o número de mortos (5.017) na China; e, ainda, a indicação da cloroquina como cura para a COVID-19, medicamento já proibido em alguns países por seus efeitos colaterais.

Relacionar minha pesquisa a esse cenário macro é fundamental para compreender como ela foi sendo desenvolvida, o surgimento das questões iniciais e das emergentes da prática. Portanto, durante toda a dissertação, procurarei contextualizar o momento da escrita, uma vez que nos vinte meses (fevereiro de 2019 até meados de 2020) em que ela se desenvolveu, esses contextos (no âmbito planetário, nacional e da vida pessoal) foram se movimentando e alterando meus caminhos. Optei por registrar alguns desses contextos em que realizei a escrita, não por acaso, mas por entender que ao variar o contexto, varia-se o conteúdo e o modo como se escreve.

É também necessário fazer isto porque o próprio objeto desta pesquisa — encontros com lugares e moradores da cidade do Rio — está implicado em contextos sociais e políticos e, inclusive, comprometido pelo fato de estarmos vivendo uma pandemia da COVID-19, que mudou radicalmente nossos modos de estar em casa, de sair de casa, de encontrar pessoas, de trabalhar, de experimentar a vida, de olhar para nossas escolhas, para o caráter impermanente de nossa existência, para as desigualdades sociais abismais no Brasil e muitas outras coisas.

E, neste momento histórico, encontrar, aproximar-se do outro é a principal forma de contágio da doença. Agora, mais do que nunca, encontrar é perigoso. Não apenas pessoas desconhecidas, em lugares considerados “perigosos”, mas, inclusive, encontrar as pessoas que mais amamos, nos lugares habitualmente frequentados por nós, incluindo nossas casas. O

³ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53327880>.

contágio se dá por via oral, por gotículas da saliva. O mundo inteiro parou, e, por um momento grande, mantivemo-nos isolados em nossas casas, apartamentos.

Este texto termina durante a pandemia, mas inicia-se em outro período, quando ainda era possível o encontro. Havia medos, havia muros, muitos, mas agora o risco de vida está em todos os lugares⁴, em qualquer encontro. O contexto é de insegurança. Não sabemos quando voltaremos a ter uma vida sem medo de encontrar as pessoas, abraçá-las, conversar de pertinho. Estamos em agosto de 2020 e já são mais de 120 mil mortos por COVID-19 no Brasil, e eu estou em quarentena desde meados de março de 2020, que começo a flexibilizar. Em cinco meses, encontrei as seis pessoas da minha família duas vezes e quatro amigas, separadamente. Mas parece que a maioria voltou à “normalidade” e já faz tempo. Em outros lugares, nunca houve distanciamento social.

O processo de construção desta pesquisa não começa no Mestrado em Artes Cênicas e também não se encerra nele. Tampouco é um processo solitário, pelo contrário, quem escreve dá corpo ao texto, mas sempre há múltiplas vozes, muitos encontros. Encontros com lugares por mim desconhecidos, da minha cidade, com pessoas que não conheceria se não tivesse criado um programa performativo. Mas também encontros, casuais ou por necessidade de busca, com artistas, performers, autores e pesquisadores com quem aprendi e aprendo muito. No entanto, os encontros com duas disciplinas e com meus grupos de pesquisa, durante o Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), fizeram reverberar em mim algo que Suely Rolnik chama de marcas e foram fundamentais na trajetória de pesquisa, que culmina com esta dissertação.

Portanto, este trabalho é também sobre minha própria construção artística, no campo da performance, ações ou práticas performativas, sobre meu tatear e me arriscar na aventura e responsabilidade de criar encontros com estranhos, moradores da cidade do Rio, que por minha condição de classe média, moradora da zona sul, área mais privilegiada da cidade, não encontraria, nesta cidade de tantas desigualdades socioespaciais. Quis criar histórias com essas pessoas, narrativas outras, que dessem a ver pessoas e lugares invisibilizados ou estigmatizados por nós, em uma cidade ainda partida, desigual em suas paisagens, direitos básicos e cheia de muros invisíveis. A intenção é narrar com elas e não sobre elas. Quis

⁴ Importante salientar que os riscos de vida continuam não sendo tão democratizados assim. Muitas pessoas, além da preocupação da COVID-19, continuam sob o risco de morrer de fome ou por bala perdida, e ainda relacionado à COVID-19, sem diagnóstico e sem direito à assistência médica a tempo de ser tratada.

colocar-me em experiência, no sentido de Larrosa (2002, p. 25), me ex-por, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco.

Eu escolhi contar, nesta introdução e no primeiro capítulo, a trajetória desta pesquisa, a partir do que Suely Rolnik (1993, p. 242) chama de marcas, ou seja, estados vividos em nosso corpo no encontro com outros corpos, a diferença que nos arranca de nós mesmos e nos torna outro. Marcas que provocam a criação de um estado de estranhamento que nos obriga a criar novos corpos, conceituais e práticos. Foi isso que aconteceu aqui, uma vez que desde a construção do objeto até sua realização, esta pesquisa insere-se no campo metodológico da cartografia, ou seja, foi sendo realizada passo a passo, com a busca pela escuta e pela surpresa que os encontros foram nos dando.

Nesse texto de Suely que me foi apresentado no “encontro” com a artista Janaina Leite⁵, no curso virtual “Dramaturgias híbridas e performativas”, encontrei ressonância com o que buscava, desde o dia da qualificação do Mestrado, a partir das sugestões dos artistas pesquisadores Tania Alice e Marcos Bulhões, que compuseram a banca: pistas para uma escrita performativa carregada de movimento e deslocamento, que desse conta desses estranhamentos, desassossegos que me provocaram, instigaram, desafiaram e me fizeram criar outros corpos, me reinventar e buscar outros corpos conceituais, outros caminhos para minha prática, outros autores antes impensados.

Tentei criar uma dramaturgia acadêmica que espelhasse o processo desta pesquisa que não começou com uma metodologia predeterminada por objetivos rígidos, mas que foi se fazendo no caminhar, no processo de encontros de minhas marcas, com outras pessoas, com outros modos de ser e ver a vida e a arte. Como escrevem Passos, Kastrup e Escóssia (2009, p. 10-11), a opção feita aqui é por “um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude”. Ao invés de regras para serem aplicadas, pistas. “Pistas para nos guiar, já que não podemos pré-determinar de antemão a totalidade dos procedimentos metodológicos” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 13).

O documentarista brasileiro João Moreira Salles faz uma diferenciação dos processos de criação de documentários, mas que podemos relacionar com o método cartográfico de pesquisa e com as posturas de um (a) pesquisador (a).

Há os que vão com mapa, saem com a câmera sabendo por onde têm que ir, sabem o que filmar, como filmar, sabem o que fazer. De certa maneira, o mundo não apresenta mistérios, o mundo confirma certezas que o documentarista já tem antes

⁵ Janaina Leite é atriz, diretora e escritora, doutoranda pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

de começar o filme. Se preparam muito antes de filmar, portanto, tentam eliminar do processo de filmagem o acaso e a surpresa. E há os caras que vão para o mundo com uma frase apenas. Eu vou acompanhar o Lula durante 40 dias, não sei se vou conseguir, não sei se o Lula vai deixar, não sei se o filme vai ser sobre a impossibilidade de fazer esse filme. (...) O que vier eu vou fazer como filme. É filmar como jazz, você vai improvisando. (SALLES, 2010. Transcrição da autora da entrevista para curso abril de jornalismo⁶)

A primeira vontade de criar um programa performativo que desse a ver as outras partes da cidade, para além das zonas sul e central, consideradas pelos cartões postais e pela grande mídia como sendo a totalidade da cidade, surgiu de um encontro com Eleonora Fabião, em 2016. No olho da rua, em Botafogo, zona privilegiada da cidade, ouvi Eleonora compartilhar narrativas criadas com base na ação Linha, em que ela encontrava, a partir da criação de um programa performativo, desconhecidos na cidade de Nova Iorque. A Linha começa a partir de um pedido, por telefonema, a uma amiga, que lhe indicasse uma pessoa desconhecida, um estranho. Eleonora, então, vai até a casa dessa pessoa, e numa conversa sem temas predeterminados, elas combinam uma ação para ser realizada em espaço público da cidade. Em outro dia, realizam a ação. Depois essa pessoa indica outra, que indica outra, e, assim, cria-se a Linha.

Mais tarde, eu me perguntaria: quanto tempo levaria para uma Linha, iniciada a partir da indicação de uma amiga ou amigo meu, majoritariamente da zona sul do Rio de Janeiro (área mais privilegiada), chegar à Vila Kennedy, e mais: será que um dia chegaria até lá? Ou em Santa Cruz? Não só pela distância, mas pelos muros. Esse encontro me provocou, pela simplicidade e poesia de seu trabalho, mas também por ter reatualizado uma de minhas marcas mais antigas: a indignação com a existência dos muros invisíveis da minha cidade.

Cada marca tem a potencialidade de voltar a reverberar quando atraindo e é atraída por ambientes onde encontra ressonância (aliás muitas de nossas escolhas são determinadas por esta atração). Quando isto acontece a marca se reatualiza no contexto de uma nova conexão, produzindo-se então uma nova diferença. E mais uma vez somos tomados por uma espécie de "desassossego", como diz muito apropriadamente Fernando. (ROLNIK, 1993, p. 2)

Um desassossego foi o que senti, ao ouvir Eleonora, no momento em que a questão do Rio de Janeiro como uma cidade cheia de barreiras invisíveis me intrigava cada vez mais. Havia pouco tempo, em 2012, que enxergara o mapa da minha cidade, com 163 bairros, e vi a área mínima ocupada pela região que é emblema da cidade para o mundo. Olhar para o espaço físico ocupado pela zona sul (área circunscrita de verde claro, no mapa) me deixou abismada.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6o5BE76jsPE>.

Figura 1 — Mapa dos bairros da cidade do Rio de Janeiro



Fonte: <http://pt.maps-rio-de-janeiro.com/rio-de-janeiro,-bairro-do-mapa.>

A marca produzida por esse encontro ficou guardada e só decido transformar isso em pesquisa três anos depois, a partir do encontro com estudos e práticas de Tania Alice (UNIRIO), Marcos Bulhões e Marcelo Denny (USP) compartilhados na disciplina Práticas Performativas Contemporâneas, no início de 2019, como parte da formação no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC-UNIRIO). Aqui temos uma mudança radical de trajetória: meu pré-projeto aprovado pela Banca de Mestrado, em meados de 2018, era sobre genética da encenação da peça Abajur Lilás (2015), do ator e diretor Renato Carrera, e então decido mudar para performance. Decido sair da caixa-preta ou das paredes da sala de ensaio para ir para a rua.

Tania, Marcos e Marcelo me permitiram perceber o potencial da performance nas ruas como criação de novos mundos, novas existências, novas corporeidades, cada um de seu jeito, cada um na sua linguagem. De novo, a vontade de fazer algo que transformasse uma inquietação de origem social e política em prática artística, em possíveis utopias. Sair de minha “bolha”, dos meus “muros”, das fronteiras na minha cidade também era questão de arte e já havia um campo teórico com o qual eu me identificava: a estética relacional de

Bourriaud, a partir de uma perspectiva crítica que me foi apresentada, naquele curso, por Tania Alice.

Do(s) lugar(es) de onde escrevo

Como optei por criar narrativas a partir dos encontros, é importante explicitar o lugar de onde falo ou escrevo, reconhecendo que narrar é tomar posição e que:

[...] podemos pensar a política da narratividade como uma posição que tomamos quando, em relação ao mundo e a si mesmo, definimos uma forma de expressão do que se passa, do que acontece. Sendo assim, o conhecimento que exprimimos acerca de nós mesmos e do mundo não é apenas um problema teórico, mas um problema político. (PASSOS; BARROS, 2009, p. 151)

Não com a pretensão de serem histórias extraordinárias, mas sim porque se faz necessário, pensando no rigor, falar sobre minha implicação, meu comprometimento com esse texto, com as narrativas produzidas a partir das ações que criamos.

Escrevo de um apartamento de classe média, no Jardim Botânico, bairro privilegiado da cidade do Rio de Janeiro. Um bairro de moradores, predominantemente, brancos. Da varanda, no 2º andar, olho para baixo, e na calçada há quatro moradores de rua, sendo que um deles cata lixo numa grande caçamba. Os quatro são negros. Vivo em lugares da cidade em que parece que os negros são excedentes, sobras, restos, pessoas que não deram certo. Exceções. Aqueles de quem se tem medo, desprezo ou pena. Aqueles a quem dou uma “quentinha”⁷ e volto para casa, para dormir tranquilamente, enquanto nós, brancos, de classe média, parecemos maioria. E a TV e jornais reforçam essa imagem. Geralmente, negros aparecem associados ao crime, nos telejornais, ou, ainda, em papéis subalternos nas telenovelas.

Escrevo isso porque esta pesquisa, que no início era sobre furar os muros das desigualdades sociais, encontrou, a partir da realização dos programas performativos, um Rio de Janeiro negro. O que deveria ser óbvio pra qualquer um, não fosse o *apartheid* não assumido, pois, segundo a historiadora Ynaê Lopes, o Rio de Janeiro foi a maior cidade escravista das Américas (2010). Vick, uma das pessoas que encontrei a partir do programa performativo, moradora de Cosmos – bairro pobre da zona oeste da cidade –, me disse sonhar com uma cidade onde não saberíamos onde encontrar negros e brancos.

Veio a necessidade, então, de buscar o conceito de lugar de fala, por ser uma mulher não negra a falar sobre esse Rio negro e de lugares cujas demandas ainda são muito básicas e

⁷ Embalagem, geralmente de alumínio ou isopor, para transportar e conservar quentes os alimentos em viagem.

o risco de vida, diário, mesmo antes da pandemia, ou seja, lugares onde o direito básico à vida ainda não foi estabelecido. Por diferenças abismais entre o que conheço é que me vejo na necessidade de buscar esse conceito, até para me colocar de um lugar diferente, mas sem deixar de expor minha visão. Não há dúvidas de que eu posso falar, mas até onde eu posso falar?

Há situações, então, em que minha visão discorda absurdamente da visão de Vanderson, um dos participantes desta pesquisa-criação, mas compreendo sua visão a partir do contexto em que ele vive. Sem hierarquizar essas narrativas, as exponho. Assim, é importante que em alguns momentos as narrativas produzidas por mim confrontem, discordem das pessoas com quem encontrei.

O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas. A teoria do ponto de vista feminista e lugar de fala nos faz refutar uma visão universal de mulher e de negritude, e outras identidades, assim como faz com que homens brancos, que se pensam universais, se racializem, entendam o que significa ser branco como metáfora de poder, como nos ensina Kilomba. (RIBEIRO, 2019, p. 69)

É importante ressaltar o motivo que me leva a usar o termo “não negra” aqui e em outros momentos “não branca” e até branca. Sou e fui denominada parda, termo atribuído aqui, no Brasil, às pessoas que não são negras, nem brancas. Então, em alguns lugares, como entre amigos da zona zul, meus traços de origem indígena e afrodescendente tornam-se mais visíveis, mas entre pessoas negras, e em lugares onde há predominância de pessoas negras, sou branca.

Cabe também expor o porquê das questões das desigualdades sociais constituírem uma primeira marca. Nasci em uma casa de cômodos, na Lapa, filha de pai balconista de padaria e mãe que trabalhava como babá, em Copacabana, antes da gente nascer. Casa de cômodos significa casa grande antiga, em que mora alguém ou uma família em cada cômodo ou quarto. Tenho poucas lembranças desse lugar. Saí ainda muito criança para morar numa zona rural no município de Nova Iguaçu (subúrbio do Rio), mas talvez por ter voltado depois para visitar uma família que ficou amiga da minha, guardo a lembrança de uma área de serviço externa ao nosso quarto, com um banheiro comunitário, cheio de lodo, e um tanque de lavar roupas, ambos compartilhados entre a minha e essa família e talvez com o senhorio, um velho que reclamava se a gente brincasse no corredor. Havia ratos na nossa casa, mas esse era o nosso normal.

Quando fiz 5 anos, sem consultar minha mãe, meu pai pôs tudo que tínhamos num caminhão e nos trouxe de volta à cidade do Rio. – “Essa menina tem que estudar. E tem que ser na cidade”. Ingressei na Escola Municipal Machado de Assis e começamos a morar em Santa Teresa. Numa casa de um quarto, sala, cozinha, banheiro do lado de fora, vivemos em cinco (meus pais, eu e meu dois irmãos), durante quase 20 anos. Para chegar ao banheiro, a gente precisava sair de casa, descer uma escada, atravessar um corredor e descer uma segunda escada. Mas tudo isso em ambiente externo. Ou seja, com chuva, nem durante a madrugada a gente ia ao banheiro. Tínhamos um balde dentro de casa para xixi e cocô. Às vezes ficava um cheiro ruim. O quarto era dividido com um guarda-roupas, meus pais de um lado e eu e minha irmã num lado menor, numa beliche. Na infância brincávamos o dia todo, além de irmos à escola. Era muito bom. Gostava muito dos nossos vizinhos também crianças: Reginaldo, Luciana e Regiane, todos filhos de Lucia, nossa vizinha cabeleireira, paraibana. Éramos uma família, com as coisas boas e ruins disso. Meu pai é baiano, do sertão baiano. Ou seja, sou de origem pobre, não miserável, mas pobre, simples. Não só de condições financeiras, mas no campo do simbólico, da linguagem usada em casa, nas formas de pensar dos meus pais. Meus pais são semialfabetizados, cresci com poucos livros em casa. Mas acho que tive uma infância relativamente boa, de muitas brincadeiras com os vizinhos e estudo.

Viver numa dada condição só é colocado em questão quando se descobre que há outras condições de vida possíveis. Somente do meu ingresso aos 10 anos no Colégio Pedro II, localizado no Humaitá, bairro vizinho ao que estou agora, de classe média alta, também de brancos, é que percebi que vivíamos num país muito desigual. Principalmente naquela época, em que não havia outra forma de ingresso a não ser provas extremamente rígidas e conteudistas, os alunos que entravam eram de um meio social completamente diferente do meu. Falavam sobre coisas que eu nunca ouvira falar, como o *Big-Bang*, por exemplo, e outros assuntos que não havia aprendido na escola, nem ouvia falar em casa. Eles, além de serem majoritariamente de classe média, de bairros privilegiados, eram quase todos brancos.

Hoje olham para mim e não entendem muito bem por que falo tanto sobre desigualdades sociais, nas redes sociais e nos meus discursos entre amigos; me veem, e sou mesmo, uma mulher não negra, de classe média, no meu segundo mestrado. Moro numa dependência de empregada, mas numa casa grande, num bairro muito aprazível da zona sul, Laranjeiras, e estou há dois meses no apartamento de um amigo, que permitiu que eu ficasse para escrever esta dissertação com certa tranquilidade, já que na minha casa vivo com mais quatro mulheres.

Reconheço meus privilégios, mas como diz Suely Rolnik, as marcas permanecem vivas e, até que encontrem algo que as faça ressoar, são sempre prenes de criação. Por outro lado, também não consigo entender muito como a questão das desigualdades não é problema para todas/todos. O Brasil é um dos países mais desiguais do mundo. Mas, talvez, porque vivemos cercados em nossos muros, não conseguimos enxergar. Ou melhor, até enxergamos mas não somos capazes de ver como elas são criadas, não a partir de méritos individuais. Criar pontes e desnaturalizar essas desigualdades foi o objetivo principal que motivou a criação de um programa performativo.

Acredito que as desigualdades sociais só existem e permanecem porque existe um mecanismo, ou vários, muito eficiente que as mantêm. Um deles é criar muros invisíveis. Evitar o encontro. Acredito que há um *apartheid* aqui que é resultado das desigualdades, cuja existência é necessária para que a gente continue a olhar para essas diferenças de forma hierarquicamente superior.

Anteontem, 26 de agosto de 2020, fico feliz com a notícia de que Vanderson, com quem mantenho contato, publicou no Jornal Meia Hora uma matéria intitulada: *Favela também tem coração*, para dizer que não é lugar de bandido, como fazem parecer os grandes detentores das mídias. Mas, no mesmo dia, a Rede Globo de televisão, no R2, fala que a Maré é um *bunker* de bandidos⁸. Estigmatizar, reforçar preconceitos é uma forma de criar medo, criar muros.

Este trabalho é também sobre minha própria desprogramação ao ir ao encontro com minha “cidade real”. O próprio entendimento dos textos mudou. Ler sobre estética relacional depois de ter feito alguns encontros já me levou a outros lugares. E, pessoalmente, a outros estranhamentos. No último carnaval, neste ano, um bloco que antes acharia incrível pela quantidade de “gente bonita”, pela alegria, músicas tocadas e performances, hoje olho para ele com um grande estranhamento. Havia apenas três pessoas negras no bloco do Aterro do Flamengo. Isso me envergonha, me deixa perplexa e me faz pensar no quanto ainda precisamos mudar.

Claro que há outros caminhos que me trouxeram até esse estranhamento. Anteriores à minha iniciação como performer, há um conjunto de transformações sociais, políticas, discursivas e práticas que vinham ganhando corpo no Brasil. A própria Universidade Pública, lugar reconhecidamente elitizado, ganhou uma diversidade de origens que não havia nos anos em que cursei a graduação de Biologia (1994-1999) e Artes Cênicas (2007-2013). O curso de

⁸ Disponível em: <https://revistaforum.com.br/midia/globo-chama-complexo-da-mare-de-bunker-de-bandidos-e-criticada-nas-redes-sociais/>. Acesso em: 28 ago. 2020.

Artes Cênicas era predominantemente branco, de classe média e, pelo menos nas autodefinições, heterossexual e cisnormativo. Hoje, após períodos longos de luta dos movimentos negros, da ampliação da política de cotas e dos movimentos LGBTI+, felizmente, as coisas melhoraram. Há uma diversificação que faz pensarem não só os alunos, mas o corpo docente, nos seus modos de ensinar, pesquisar e em novas bibliografias.

No primeiro capítulo, contarei um pouco das histórias das minhas marcas, que traçaram o caminho desta pesquisa, por considerar a importância de pesquisadores e artistas na inspiração desta pesquisa-criação. Não se trata apenas de uma cronologia, pois o tempo vem e volta com a reatualização das marcas. Cada encontro me afetou e reacendeu as marcas, que sempre estarão vivas, exigindo novos corpos, novas maneiras de pensar/agir, novas exigências de bibliografia. O começo era sobre desigualdades sociais, mas no caminho encontrei desigualdades raciais. Neste primeiro capítulo, explicitarei os encontros que me provocaram a criação de novos corpos, novos caminhos na criação da pesquisa que originaram esta dissertação, expondo as marcas ou memórias do invisível (ROLNIK, 1993, p. 1).

No segundo capítulo, convido você a conhecer esses lugares e essas pessoas que encontrei, a partir de um mapa afetivo desenhado por Rafael, artista negro e favelado que encontrei através de um programa performativo de encontros virtuais, criado e realizado durante a pandemia. O mapa foi construído a partir dos encontros presenciais e virtuais (pós-pandemia), partindo das conversas que tive com os moradores das zonas oeste e norte. Conversamos, eu e Rafael, a partir de exemplos de mapas psicogeográficos, que o deixaram fascinado, e após ele topar fazer esse desenho, enviei um material com as impressões, relações com os lugares que poderiam estar no mapa (ANEXO 1).

Capítulo 1. Sobre encontros, relações e marcas que mudaram minha trajetória

Compartilho aqui a cartografia desta pesquisa-criação em torno das possibilidades de criação de um programa performativo que furasse muros de minha cidade, as questões que nortearam a criação do programa, as que emergiram da prática, da ida ao encontro, da realização de um programa. Trata-se, sobretudo, de como também a partir dos encontros, outros conceitos puderam surgir, ou, melhor, criou-se a necessidade de busca por novos conceitos e bibliografias, não antes esperada. É sobre o processo desta pesquisa-criação. Mais do que busca de resultados. O termo programa performativo usado neste trabalho refere-se ao significado desenvolvido por Fabião (2013, p. 4) como motor de experimentação⁹.

(...) porque *a prática do programa* cria corpo e relações entre corpos; deflagra negociações de pertencimento; ativa circulações afetivas impensáveis antes da formulação e execução do programa. Programa é motor de experimentação psicofísica e política. Ou, para citar palavra cara ao projeto político e teórico de Hanna Arendt, programas são **iniciativas**. Muito objetivamente, o programa é o *enunciado* da performance: um conjunto de ações previamente estipuladas, claramente articuladas e conceitualmente polidas a ser realizado pelo artista, pelo público ou por ambos sem ensaio prévio.

1.1 No olho da rua, em maio de 2016, o encontro entre as narrativas de Linha, de Eleonora Fabião, e minhas inquietações em relação às desigualdades na cidade do Rio de Janeiro

Em 2016, o encontro com as narrativas de ação Linha, de Eleonora Fabião, ou “encontro com o encontro”, como ela mesma gosta de chamar, fez ressoar uma marca já antiga, uma inquietação, um estarcimento em relação às desigualdades espaciais e sociais na minha cidade e foi primordial para a criação do programa performativo, fruto e objeto desta pesquisa. Na performance “Linha”¹⁰, realizada por Eleonora Fabião (2010-2016) na cidade de Nova Iorque, a artista solicita a uma amiga o número de telefone de uma pessoa aleatória e desconhecida que more em outro bairro da cidade. Ela, então, liga para essa pessoa, perguntando-lhe se poderia ir até sua casa para um chá e conversa. Se a resposta fosse positiva, Eleonora ia até a casa da pessoa levando uma garrafa térmica com um chá, para esse

⁹ Eleonora Fabião chama este procedimento de “programa” inspirada pelo uso da palavra por Gilles Deleuze e Félix Guattari no famoso “28 de novembro de 1947– como criar para si um Corpo sem Órgãos”. Neste texto os autores sugerem que o programa é o “motor da experimentação”.

¹⁰ Tive a oportunidade de ouvir a artista e professora Eleonora Fabião em “uma performance chamada Linha: encontros com o encontro” (2010-2016), na Esforços #2 — Mostra de Performances, em maio de 2016, no Olho da Rua, Rio de Janeiro. Neste artigo/entrevista a performer cita “Linha”: <http://www.premiopia.com/2018/03/conversa-com-eleonora-fabiao-por-luiz-camillo-osorio/>.

encontro improvável, onde conversam sobre assuntos não determinados. Eleonora, então, sugere que essa “estranha” proponha uma ação que possam realizar juntas/juntos, em local público da cidade. Uma pessoa propôs que pulassem de mãos dadas no rio Hudson, de água podre. Outra propõe que levem uma muda de figueira para passear de barco. Finalizado o segundo encontro, onde há a realização da ação, ela pede então que essa pessoa “estranha” indique uma outra pessoa, que ela também irá encontrar em sua casa e realizar uma ação cocriada em outro lugar público e para quem pedirá mais uma indicação. E assim segue a linha.

No momento em que ouvi Eleonora falar sobre Linha, em 2016, período de gentrificação e remoções de comunidades resultantes do pós-Copa e Olimpíadas, meses antes do golpe que destituiu Dilma Rousseff, questões do Rio de Janeiro como uma cidade de muitos muros invisíveis gritavam aos meus ouvidos e olhos, o que me intrigou ainda mais, levando-me a pensar no quanto seria desafiador realizar encontros nos bairros desta cidade. Após ouvir suas narrativas, sempre tão poéticas e instigantes, ela então abriu ao público para perguntar ou colocar questões, dúvidas, sensações. Eu, então, tomo a palavra e coloco minha questão: como seria realizar essa ação numa cidade como o Rio de Janeiro, onde há 163 bairros, se nós, aqui da zona sul, circulamos tão restritamente por aqui e pela região central? Ela, muito aberta à escuta, concordou que seria muito interessante. Não exatamente com essas palavras, mas de seu modo tão performativo e cuidadoso de falar. É importante também ressaltar que esse encontro onde a ouvi falar foi realizado em um evento na zona sul da cidade, no bairro de Botafogo, com alguma diversidade de gênero e orientações sexuais. Mas frequentado majoritariamente por artistas, performers, estudantes de artes, em sua maioria, classe média, brancos.

Mais tarde viria a conhecer outros trabalhos de Eleonora, reconhecendo, me inspirando, me provocando pela simplicidade e por pensar como o simples pode ser tão revolucionário. Propor encontro com estranhos já é transgressor hoje, na medida em que, mesmo antes da pandemia, até encontrar amigos era raridade. O ritmo imposto pela vida, baseado no trabalho pela sobrevivência, tornava esses encontros cada vez mais raros. Minhas experiências de encontros estavam quase sempre aliadas a algum trabalho, a algum objetivo específico. Encontrava um grupo de amigas, mas com o objetivo de produzir um trabalho artístico. Dificilmente encontrava para “jogar conversa fora”, falar apenas sobre a vida, abraçar. Hoje vemos como tudo isso é fundamental para nossa saúde emocional, mental e espiritual. Espero

que sirva para valorizarmos mais os encontros para nada, sem objetivos, sem tentativa de produtividade.

Como disse acima, o programa performativo de Eleonora, intitulado *Linha*, começava com a ligação para uma velha amiga que indicava um desconhecido à Eleonora, que então o procurava por telefone e marcava um encontro com esse desconhecido, em sua casa. Essa amiga perguntou a ela se esse estranho precisava ser um artista. E ela respondeu: tem que ser uma pessoa. Eu quero encontrar com uma pessoa (FABIÃO, 2016, p. 289). Quando Eleonora diz “pessoa”, ela abre sua ação, seu encontro a qualquer um/uma: branco, negro, amarelo, indígena, gordo, magro, médio, baixo, pobre, rico, classe média, cis, trans, hétero, homo, bissexual, dentre outros, o que é um ato político que podemos considerar democrático, por não definir critério nenhum para essa pessoa.

Mas, algumas questões me fazem pensar: será que na cidade do Rio de Janeiro, ou até mesmo em outras cidades, quando dizemos pessoas, estamos de fato pensando em qualquer um, estamos abrangendo todas as possibilidades de existências, de classes, de cor, de orientações sexuais e gêneros?

A capa do jornal O Dia, de 19 de agosto de 2019 — jornal popular de grande circulação na cidade —, dizia: *Balas perdidas matam uma pessoa por semana no Rio*. Será que quando leio esse título me sinto identificada como uma “pessoa” que toda a semana tem a chance de morrer por bala perdida? Se todos realmente corrêssemos os mesmos riscos de morrer assassinado, se a palavra p e s s o a pudesse ser universalizada no Rio de Janeiro, em relação ao direito à vida, essa notícia repercutiria da mesma forma como repercute hoje, quase com indiferença e naturalidade por muitos de nós? Nossa indignação com essa capa seria a mesma, se enxergássemos nessa palavra “pessoa” nossos filhos, sobrinhos, pais, irmãos, amigos? A pergunta é radicalmente retórica, uma vez que tenho certeza que, se todas as pessoas corressem os mesmos riscos de morrer por violência, algo já teria sido feito para mudar essa realidade. Até que ponto, eu, moradora de Laranjeiras, não negra, sinto-me vulnerável com essa notícia? Ou podemos dizer que aqui há ainda pessoas e pessoas?

Krenak (2019) usa o termo “sub-humanidade” para falar daqueles que vivem meio esquecidos pelas bordas do Planeta, que vivem nas favelas e periferias. Se já pudéssemos universalizar e todos fôssemos pessoas, deveríamos nos referir a nós, da zona sul, como periféricos e minorias, já que somos poucos e ocupamos apenas uma pequena área da cidade. Mas não. Pelo contrário. Apenas nós existimos, para a TV, para os cartões-postais, para a

grande mídia. Os 90% são restos. Pessoas desinteressantes ou perigosas que vivem em lugares desinteressantes e perigosos.

Figura 2 — Capa do Jornal O Dia



Fonte: Arquivo pessoal.

Então, a marca reacendida com o encontro com Eleonora é sobre uma inquietação em relação às desigualdades sociais, sobre como furar esses muros e criar encontros com aqueles que são invisibilizados por nossa sociedade. Djamila Ribeiro escreve sobre a importância de nomear, de identificar as diferenças, porque sem isso sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível. Ela escreve pensando nas mulheres negras, mas pode ser estendido às pessoas desse Rio invisibilizado, que estão neste lugar, em relação a nós brancos de classe média.

A história tem nos mostrado que a invisibilidade mata, o que Foucault chama de “deixar viver ou deixar morrer”. A reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida. (RIBEIRO, 2019, p. 42)

O conjunto de práticas de Eleonora é de uma beleza e poesia incríveis, é sobre afeto e também político. Mas percebi que a aleatoriedade dos encontros como programa poderia criar uma linha viciada, uma linha que, partindo de uma pessoa que conheço, teria grandes chances de ser um grande emaranhado nas zonas sul, central, no máximo bairros de classe média da zona norte. E, por isso, ainda muito restrita. Gostaria de ver outros rostos, outros modos de ser, de pensar, agir, improváveis de se conhecer a partir da minha vivência como moradora da zona sul, classe média.

Como me disse Vanderson, um dos estranhos que encontrei, cada pessoa é um universo, e criar encontros com estranhos dentro dos meus muros já seria incrível e

revolucionário, mas a ideia é também reconstruir rostos sobre os quais construí ideias pré-concebidas através dos anos como carioca e vivente do Rio.

A cidade é dividida em quatro zonas (sul, central, norte e oeste) e, pelo seu tamanho e geografia, seria esperado e, inclusive, muito instigante que houvesse diferenças visuais e culturais entre esses espaços. Mas o problema não está nas diferenças, o problema é que uma rápida observação visual que cruze essas zonas revela profundas desigualdades de acesso em relação à infraestrutura (asfaltamento, iluminação, coleta de lixo etc.) e a um pensamento urbanístico estético e relacional (arborização, existência e conservação de praças e parques, entre outros). Um olhar mais atento, que não seja apenas de passagem, mas que dedique certo tempo a visitar essas diferentes zonas nos diz mais sobre as desigualdades de oferta de espaços públicos fundamentais na nossa construção/desconstrução individual e relacional, como, por exemplo: espaços ou serviços de lazer e cultura (praças e parques públicos, salas de cinemas e teatros, casas de *show*, música, teatro ou performances nas ruas, ofertas de cursos de qualificação ou de música, teatro etc.), do que apenas sobre diferenças referentes à valorização das culturas locais.

Essas desigualdades espaciais refletem as desigualdades sociais, uma das características do nosso país, mas que no Rio de Janeiro são gritantes porque produzem disparidades visuais entre bairros muito próximos e até dentro do mesmo bairro (asfalto x favela). O lugar onde uma pessoa mora diz muito sobre ela, constituindo uma marca de distinção, entre os cariocas. Onde você mora é a pergunta que vem depois de qual o seu nome e, dependendo da resposta, uma pessoa pode ser incluída ou não no mundo da outra. Moradores das favelas e das zonas norte e oeste são estigmatizados pela maioria de nós, e não há uma circulação entre as quatro zonas de forma equilibrada. Geralmente, pessoas da zona sul circulam dentro da zona sul e, por vezes, vão à zona central. Para muitos, a zona norte e a oeste (exceto Barra da Tijuca, São Conrado) são consideradas zonas perigosas e também sem muitos atrativos.

Quando comunico a algumas pessoas sobre a minha pesquisa, elas dizem: ah, importante falar de Nova Iguaçu! Ou citam outra cidade da Baixada Fluminense, pois acham que estou falando desses lugares. Aconteceu algo parecido, no final de 2019, quando fui a uma banca no centro da cidade e perguntei se havia um mapa da cidade. A moça respondeu que sim, e, ao ver que o mapa era da zona sul, disse que estava procurando um mapa da cidade toda, e ela também pensou que eu estivesse me referindo à Baixada Fluminense, subúrbio do Rio, formado por outras cidades vizinhas. Em outra tentativa, já em outra banca,

havia um mapa formado apenas por cerca 40% do Rio, abrangendo a zona oeste até a Barra Tijuca e Bangu. Quando penso e escrevo sobre essa parte invisibilizada, refiro-me à Maria de Graça, Triagem, Bangu, Campo Grande, Santa Cruz, Padre Miguel, Paciência, Cosmos, Campo Grande, Ramos, Olaria, Costa Barros, Méier, ou seja, aos bairros da cidade do Rio de Janeiro. Falo da Linha 2 do Metrô (que abrange pequena parte da zona norte) e da zona que ocupa maior espaço e onde não há praticamente Metrô – a zona oeste.

— *Pai, por que a gente nunca pega o metrô da Linha 2?* Perguntou uma criança branca que, pelo modo de falar e vestir, deveria ser de classe média, já dentro do vagão na Linha 1 – Linha que liga Ipanema a outros bairros da zona sul, centro e parte mais favorecida da zona norte, como o bairro da Tijuca, ou seja, a Linha privilegiada da cidade do Rio de Janeiro. Ao contrário de nós, cariocas da zona sul, que já naturalizamos os muros invisíveis da cidade, essa criança questionava sua circulação limitada pela cidade. Os moradores das áreas privilegiadas (zona sul, principalmente) circulam muito pouco ou quase nada pelas zonas oeste e norte, já a população mais pobre (localizada majoritariamente em partes da zona oeste e norte) tende a se locomover para trabalhar nas zonas mais privilegiadas ou, quando pode, para ter algum tipo de lazer que não seja oferecido nas suas áreas.

Figura 3 — Mapa das linhas do Metrô – Rio

Linha 1 – laranja (General Osório até Uruguaí)

Linha 2 – verde (Botafogo até Pavuna)

Linha 4 – amarela (General Osório até Jardim Oceânico)



Fonte: <https://www.metrorio.com.br/VadeMetro/Mapas>.

Compartilho aqui mais uma experiência pessoal, uma das quais me despertou para a questão da circulação de pessoas na cidade do Rio. Há aproximadamente cinco anos, quando morava no bairro de Vila Isabel (zona norte), onde permaneci por dois anos, fui convidada por uma amiga a um chá de bebê em Maria da Graça. Eu, que passei a maior parte da vida entre Santa Teresa (zona central) e Laranjeiras, fui à *internet* para saber como chegar nesse bairro que deveria ser muito distante. Pois bem, eu morava a duas estações de Metrô ou sete minutos de Maria da Graça (tomando o Metrô – Linha 2, na Estação Maracanã, próximo de casa, passaria Triagem e, pronto, Maria da Graça), mas no meu imaginário Copacabana era mais próximo da minha casa do que Maria da Graça.

A distância física entre os bairros não é o mais determinante nessa circulação pela cidade do Rio e nas possibilidades de encontro, pois talvez seja mais fácil um carioca da zona sul ou bairros privilegiados da zona norte, como Tijuca e Grajaú, encontrar alguém em Paris, do que encontrar alguém de Bangu, por onde circula.

Com quem se cocria? Com quem se faz arte? Como falar da cidade do Rio circulando apenas pelas áreas central e zona sul? Como criar relações que fujam do que nossos olhares estão familiarizados?

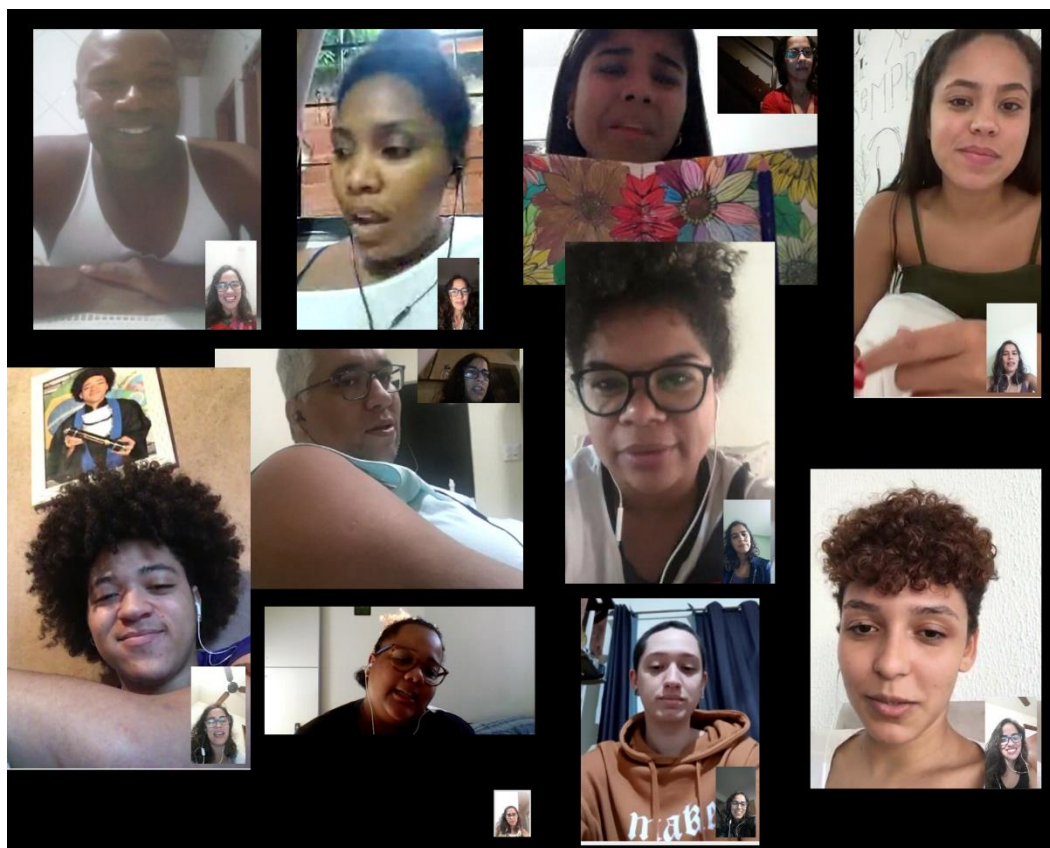
Encontrar-me com os encontros de Eleonora despertou, reacendeu uma marca não só de vontade de fazer algo artístico/político, mas me colocou em contato, pela simplicidade e beleza, com a possibilidade de que eu poderia também criar algo simples e potente, sem muitos custos financeiros. Me emociona a beleza de sua “estética da precariedade”, que de modo algum significa ausência ou falta de valor, compreendido dentro dos valores neoliberais vigentes, muito pelo contrário.

Aqui o precário não é um vilão a ser combatido, mas é condição do vivo e potência de vida que pode tornar-se meio de criação e modo de produção. O entendimento de precariedade proposto aqui não corresponde à "precarização dos modos de vida" de acordo com o glossário neoliberal. Muito pelo contrário. No âmbito da performance, precariedade não é miséria e degradação, mas a própria riqueza do vivo. (FABIÃO, 2015, p.129-131)

Pensei e senti-me instigada a realizar algo inspirado em Linha, descobri que criar encontros pode ser uma ação artística fascinante. Mas, por alguns anos, deixei esse desejo e a coragem para concretizá-lo em algum lugar guardado, como mais uma marca viva.

Estas são as pessoas que encontrei, das zonas oeste e norte.

Figura 4 — Registros dos dez encontros, realizados via Whatsapp, com pessoas das zonas norte e oeste, a partir de um programa performativo virtual criado durante a pandemia.



Fonte: Arquivo pessoal.

E estes somos eu e minhas/meus amigas/amigos com quem tenho mais vínculos, atualmente (oito moramos na zona sul, dois na zona norte (Rio Comprido e Bento Ribeiro):

Figura 5 — Fotos das pessoas com quem mais tenho me relacionado, atualmente. A fotografia do meu rosto está no centro da montagem.



Fonte: Arquivo pessoal.

1.2 Encontro entre o assombro das desigualdades sociais e a disciplina Coletivos Artísticos, da professora Laura Erber, no primeiro semestre do Mestrado

Deste encontro surgiu um primeiro esboço de um programa performativo, que originou o que é objeto desta pesquisa, mas que eu pretendia realizar só no doutorado. Vou contar um pouco dessa trajetória, de novo explicitando o contexto em que foi criado e, de

certa forma, justificando a importância de ainda falarmos sobre desigualdades sociais. Há uma naturalização das desigualdades sociais. Como afirma Mujica, criamos consumidores, e não cidadãos.

Tinha e tenho uma sensação de que a arte de museus, espaços convencionais de teatro, centros culturais, sempre foi uma coisa elitizada. Mesmo quando se busca ir à rua, a rua sempre é o centro da cidade, mesmo quando o que se busca são as relações. Nesta disciplina, um dos exemplos de ações ou eventos artísticos foi uma reinvenção das artes performativas dos anos 70 que aconteceram no MAM (Museu de Arte Moderna), situado no Aterro do Flamengo, bairro privilegiado da zona sul do Rio, nos anos 90 e em frente a um espaço já destinado à arte. Como seria fazer a mesma coisa, em um local não destinado à arte e inclusive distante desses espaços? Fiquei de novo pensando, o que aconteceria se a mesma coisa tivesse acontecido numa praça de Bangu, bairro pobre da zona oeste do Rio de Janeiro?

1.3 Ensaio para criação da performance coletiva

Encontros improváveis na cidade-ovo

Era fevereiro de 2019, quando tive a primeira ideia de um programa performativo que pudesse furar muros na cidade do Rio de Janeiro. Penso e crio esse programa durante acontecimentos devastadores: centenas de corpos soterrados na lama tóxica de Brumadinho e o assassinato de treze pessoas em Santa Teresa, bairro onde nasci. Treze favelados. E escrever assim: “treze favelados”, muda muita coisa, pois para muita gente, favelados não são gente, pelo menos não como a gente, talvez outra categoria de gente ou apenas números, a quem se permite exterminar sem muito drama. Escrevo sob escombros e cinzas que restaram de um Museu Histórico em chamas e sob as casas e pessoas que a última tempestade no Rio levou. Ouço o som de um bloco de Carnaval passando agora na minha rua, em Laranjeiras, e por considerar a alegria ainda uma forma de resistência, gosto do som que vem de fora, embora saiba que as pessoas a festejar não são as mesmas que mais sofrem direta e historicamente com as políticas perversas de sucessivos governos brasileiros. Penso no que seria possível dizer ou fazer sobre arte ativismo ou arte política mergulhada nesse cenário. E, principalmente, vejo a necessidade de realizar ações individuais ou coletivas, em relação a tantas questões sociais e políticas que nos atravessam hoje, como artistas e cidadãos brasileiros.

Não há tempo sequer para o luto. Pois um acontecimento é atropelado por outro e porque dar conta da própria sobrevivência, física e psíquica, também tem sido cada vez mais difícil. Além das tragédias anunciadas e até desejadas por parte da população, como a guerra “contra o tráfico” nas favelas, há também um conjunto avassalador de medidas autoritárias e nocivas à maioria da população, tomadas pelas três instâncias de poder executivo (Prefeitura, Governo Estadual e Federal). Medidas essas que reduzem o direito de ir e vir ou direito à cidade (cortes nas linhas de ônibus e aumento da passagem, pelo Prefeito Crivella), o direito à assistência médica (o serviço de assistência básica, realizado pelas clínicas da família, estão cada vez mais precarizados), os direitos trabalhistas e previdenciários, o direito à educação (projeto Escola Sem Partido, projetos de militarização das escolas) e os direitos das mulheres e LGBTI+, o direito à terra e outros.

Apresentando-se de formas diferentes, sabemos que o retrocesso em relação aos direitos de grande parte da população brasileira e o crescimento do discurso conservador que vivemos aqui no Brasil é tendência global e faz parte de mudanças necessárias para manutenção do regime financeiro neoliberal¹¹. Ou seja, se fossem localizados, já seria difícil reunir planos para agir. Como são contextualizados, esses retrocessos parecem causar mais medo e paralisia do que vontade de agir. Até porque essas medidas governamentais vêm em forma de decretos e os governos possuem máquinas de produções de discurso de grande amplitude: as Igrejas Neopentecostais e a grande mídia — discursos esses que visam neutralizar ou tornar essas medidas como única salvação de um país supostamente “destruído”, nos últimos anos, pelo governo do PT (Partido dos Trabalhadores).

Aliado a isso, as vozes dissonantes nas ruas na forma de manifestações ou ações artísticas vêm sendo inibidas pelo forte aparato policial ou censuradas, como foi o caso mais recente da performance do coletivo “És uma maluca”, que faz referência à tortura no período da ditadura militar, censurada¹² pelo governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel¹³, em janeiro deste ano. A seguir, uma foto desta performance chamada “A voz do ralo é a voz de Deus”.

¹¹ Sobre a aliança entre neoliberalismo e conservadorismo, Suely Rolnik (2018) faz alguns apontamentos em seu livro *Esferas da Insurreição. Notas para uma vida não cafetinada*.

¹² Mas acabou acontecendo na parte de fora da Casa França Brasil.

¹³ No dia 28 de agosto de 2020, Witzel foi afastado do cargo de governador, pelo Supremo Tribunal de Justiça, por 180 dias, em razão de supostos desvios da saúde do Estado, durante a pandemia da COVID-19.

Figura 6 — Foto da performance “A voz do ralo é a voz de Deus”, do coletivo *És uma maluca*.



Fonte: Midianinja.

Nos últimos anos, as lutas identitárias foram e continuam fundamentais para dar visibilidade às desigualdades de direitos, aos preconceitos e à exclusão a que são submetidos os negros, os LGBTI+ e as mulheres, mas, sendo mais pautadas pela esquerda brasileira, que não ampliou a discussão à grande parte da população, foram massacradas pela direita, que se utilizou de discursos moralistas e conservadores para convencer essas pessoas dos riscos dos governos de esquerda. Primeiro para derrotar a esquerda nas últimas eleições e, agora, possivelmente para desviar a atenção de questões como a Reforma da Previdência e esquemas de corrupção do atual Governo¹⁴ e desestabilizar as forças dissonantes.

A esquerda, principalmente a partir do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade), ampliou as reivindicações para além da luta de classes, o que é um ganho, mas talvez não apenas o PSOL mas outros partidos de esquerda tenham perdido a comunicação com a população mais pobre, ou seja, a maioria de eleitores, que, pelo contrário, não foi esquecida

¹⁴ A Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damare Alves, vem dando depoimentos e divulgando vídeos com frases polêmicas, como “meninas vestem rosa e meninos vestem azul” e a última: aconselhou pais e mães de meninas a fugirem do Brasil para evitar violência e abuso sexual. Folha de São Paulo (15 fev. 2019).

pela Igreja Universal do Reino de Deus, nem pela grande mídia, o que pode ter favorecido a eleição dos partidos da extrema direita conservadora.

Se o contexto não é nada favorável para ações de oposição, Suely Rolnik (2018) nos lembra que períodos de convulsão são sempre os mais difíceis de viver, mas é neles também que a vida grita mais alto e desperta aqueles que ainda não sucumbiram integralmente à condição de zumbis.

E se, no campo da macropolítica, as forças parecem intransponíveis, no campo da micropolítica há muito a ser feito e é sobre essa possibilidade que gostaria de me ater neste trabalho, considerando micropolítica um campo de poder que trata da produção de subjetividades em relação ao poder dominante (ROLNIK, 2018).

Escrevo também do lugar de cidadã brasileira usuária do SUS, de transportes públicos, ex-aluna exclusivamente de instituições públicas, mestranda de Universidade Pública, artista e professora que participou ativamente das manifestações de 2013 e 2014, com muita esperança de que finalmente as pessoas estivessem acordando para reivindicar seus direitos, mesmo sabendo da pulverização das pautas. Mas sem ter noção de que ali se fazia o início do golpe de Estado que destituiu a então presidenta Dilma Rousseff. Esse período foi também o momento de efervescência de realizações de coletivos artísticos e ações de rua, pelas cidades, junto às manifestações.

Apesar de reconhecer toda a importância das lutas identitárias e sua relação com as transformações estruturais do capitalismo no Brasil, acredito que um dos principais problemas brasileiros continua sendo a absurda desigualdade social e o *apartheid* gerado por ela, bem como os valores relacionados a uma sociedade ainda muito estratificada. *Apartheid*, que é ao mesmo tempo gerado pelas desigualdades e estrategicamente corresponsável por sua manutenção. Não colocando a questão de classe acima da questão racial ou de qualquer outra luta identitária, mas compreendendo que pela complexidade é preciso olhar a partir da perspectiva da interseccionalidade, se quisermos pensar em transformar nossa realidade.

Negros, LGBTI+ e mulheres vêm conquistando, ao longo dos últimos anos, certo lugar de fala na nossa sociedade, através dos movimentos sociais, ativismo em redes sociais e algumas ações governamentais, como a ampliação das cotas raciais¹⁵ e sociais. Mas o lugar de fala foi ampliado para negros, LGBTI+ e mulheres, de classe média ou ricos, o que significa uma grande conquista, mas ainda restrita às pessoas com uma dada escolarização, modos de

¹⁵ Em junho de 2020, um dos ex-ministros da Educação assinou uma portaria que derrubava incentivos às cotas para negros e indígenas nas pós-graduações brasileiras, último ato antes de deixar o cargo, mas o MEC (Ministério da Educação) tornou sem efeito a portaria assinada pelo ex-ministro Abraham Weintraub.

falar e vestir, talvez porque essas pessoas nas sociedades capitalistas possuam algum valor, enquanto consumidoras. Mas há lugar de fala para o negro pobre e favelado? E para a “bichinha” pobre e suburbana? Onde está o lugar de fala da mulher, mesmo branca, que é empregada doméstica desdentada e semialfabetizada? De maneira geral, quem ouve os pobres? Se a identidade “pobre” não envolve apenas a questão financeira, mas também cultural, como a forma de articular a fala, vestir-se e portar-se, o pobre que estuda deixa de parecer pobre e, portanto, perde o lugar de fala.

Um ponto a ser destacado, embora seja óbvio, é que a luta pelos direitos dos pobres atinge diretamente privilégios construídos secularmente por uma parte da população que explora a mão de obra e vive confortavelmente graças à existência de uma população pobre. Outro agravante é o fato de que “ser pobre” pode ser visto como uma condição passageira ou mutável, diferentemente de ser gay ou negro ou mulher, pois, para uma ideologia dominante que valoriza a meritocracia, ser pobre ou não deve-se ao esforço ou a capacidades individuais, cognitiva ou de outra ordem. Ou seja, culpa-se o pobre por sua condição e, portanto, justifica-se seu lugar de inferioridade.

Lembro-me de uma das assembleias no Ocupa Minc RJ (2016)¹⁶ em que o microfone foi aberto e um homem negro se apresentou, sendo da Rocinha — uma das maiores favelas da cidade, localizada entre as zonas sul e oeste do Rio de Janeiro —, e poucas pessoas o ouviam. O homem era da Rádio Comunitária, mas não o ouviam. E estavam ali “pessoas legais”, ditas de esquerda, ativistas, gente do teatro, da performance, gente engajada, ocupantes do Minc. Não pararam para ouvir o homem negro da Rocinha durante um encontro numa ocupação sobre cultura. Parece que, para um homem negro ou mulher negra terem voz, é preciso ter uma projeção, serem ator ou atriz famosos (Thais Araujo e Lazaro Ramos), Youtuber com milhares de seguidores (Spartacus Santiago), cantora famosa (Elza Soares, Jojo Toddynho), ter Mestrado/Doutorado (Djamila Ribeiro, Grada Kilomba). Na mesma ocupação Minc RJ, lembro-me de uma artista carioca da zona sul assustar-se com a quantidade de skatistas no local. Os meninos e rapazes não eram negros, mas eram visualmente da zona norte ou oeste. Ela estava visivelmente incomodada e chegou a falar que aquele espaço não os pertencia: uma ocupação cultural!!!

Numa das últimas manifestações contra o Golpe, na praia de Copacabana, um outro acontecimento me chamou a atenção. Primeiro por ser a primeira manifestação de muitas em que realmente houve um investimento de divulgação para que os moradores das favelas

¹⁶ O Ocupa Minc foi um movimento de Ocupação, por artistas e gente da cultura, do espaço físico do extinto Ministério da Educação e Cultura, como reivindicação.

cariocas fossem. Fiquei pensando que, para uma dada esquerda carioca, pobre realmente só serve pra fazer número. E, ao mesmo tempo, vi pessoas notadamente assustadas quando meninos negros, possivelmente favelados, atravessaram a manifestação. Era visível o medo em seus corpos.

O vira voto foi um acontecimento bonito, porém não suficiente para mudar o resultado da última eleição presidencial (2018). Muita gente de esquerda ou anti-Bolsonaro buscou conversar com seus porteiros, empregadas, motoristas de uber; artistas e ativistas foram às ruas para conversar com a população em geral. Foi realmente muito bonito e nos encheu de esperança, porque muita gente parecia desconhecer os verdadeiros interesses do candidato do PSL e parou para repensar seu voto no 2º turno. Mas após a consolidação da vitória de Jair Bolsonaro, todo o ódio e o desprezo à população menos favorecida vieram à tona nos memes e postagens nas redes sociais.

Figura7— Meme “Pobre de Direita”



Fonte: lablivre.org.

Figura 8 — Meme “Pobre de Direita”



Fonte:ideiasembalsamadas.blogspot.com.

Ainda vivemos em um país em que os encontros entre camadas sociais e regiões geográficas diferentes, mais especificamente nas grandes cidades, acontecem em situações específicas, como nas cozinhas da classe média, nos consultórios do SUS (entre médico e paciente), nas escolas (professor e aluno), nos serviços de comércio (balconistas de padarias, vendedores de lojas, garçons de restaurantes), mas não sei nem se poderíamos chamar esses momentos de encontros. Essas relações geralmente são pautadas por relações de poder

hierarquizadas, a ponto de alguém da classe média brasileira falar com certo entusiasmo e com receio de não ser acreditada: “Eu tenho uma amiga que é empregada doméstica! É uma amiga mesmo!”. É importante olhar para essas relações do ponto de vista histórico, reconhecendo os condicionamentos sociais que se dão no nosso país, com uma herança ainda presente de uma cultura escravocrata.

Se a verdadeira função da cidade fosse o encontro entre estranhos, como escreve idealisticamente Brigida Campbell (2015), quais seriam as possibilidades desses encontros numa cidade partida como o Rio de Janeiro, principalmente o Rio de Janeiro pós-grandes eventos (Olimpíadas e Copa do Mundo), a partir dos quais o modelo de produção do espaço urbano incorpora ainda mais o acúmulo das desigualdades sociais?

E como realmente tornar possível a experiência do encontro entre essas pessoas, considerando que, como diz Jorge Larrosa (2002), para que haja experiência é preciso tempo, uma interrupção, parar para olhar, para escutar, olhar mais devagar, abrir os olhos e os ouvidos, cultivar a arte do encontro e dar-se tempo e espaço?

A ideia inicial era realizar algo parecido nos bairros desta cidade, mas com um objetivo não apenas de produzir encontros improváveis, entre eu e outra pessoa, mas de propor encontros improváveis entre pessoas de áreas geográfica e culturalmente muito diferentes, como, por exemplo, entre pessoas do Leblon e Santa Cruz, Ipanema e Bangu, Copacabana e Marechal Hermes, Laranjeiras e Vigário Geral.

De acordo com Nicolas Bourriaud (2009), a tarefa da arte contemporânea é criar espaços livres, cujo ritmo atravesse aqueles que organizam a vida cotidiana; é favorecer relacionamentos intrapessoais diferentes daqueles que nos impõe a sociedade capitalista atual. Ele aponta para as “utopias de aproximação”, práticas artísticas que pretendem agir, gerando novas percepções e novas relações de afeto, num mundo regulado pelo isolamento individual. E, acreditando nas potências da performance de des-habituar e desmecanizar (FABIÃO, 2008), a ideia inicial era criar um programa performativo de encontros entre pessoas de áreas distantes, não só física, mas culturalmente. Como ex-professora de alunos que moram na zona sul (alto Leblon, Ipanema, Humaitá), Zona Oeste (Santa Cruz, Bangu e outros) e favelas de Santa Teresa, teria uma certa facilidade em acessar algumas pessoas e convidá-las a encontros nos bairros. Um grupo ou dupla de Padre Miguel iria encontrar uma dupla de moradores em Copacabana, por exemplo, com meu acompanhamento. Esse mesmo grupo se encontraria depois em Padre Miguel. A ideia é que um grupo A apresente ao B um lugar de que gosta no seu bairro e lá realizar alguma ação em conjunto, na rua. E vice-versa. Independente da

denominação arte colaborativa, arte relacional ou contextual, arte participativa, sabia que essa ação não seria nada de fácil realização, haja vista que Eleonora teve dificuldades de realizar “Linha”, que envolvia encontro apenas com ela e também devido às dificuldades de locomoção e questões de violência enfrentadas pela população do Rio de Janeiro.

Talvez incluídos no que Bourriaud chama de “estética relacional”, esses encontros buscariam criar um espaço-tempo que quebrasse a lógica funcional de aproximações que geralmente se dão apenas através de relações de trabalho e nas áreas privilegiadas. O suburbano pobre e o favelado se deslocam para os bairros mais ricos, para trabalhar, bem menos para o lazer. Mas, as pessoas das classes médias e ricas não costumam ir às regiões mais pobres.

Criar uma suspensão, gerar regimes de dissenso, ou seja, criar uma situação que desestabilize as formas de sensibilidade e percepção seriam objetivos dessas ações. Como escreve Brígida Campbell (2015), sobre um dos papéis da arte contemporânea coletiva e urbana: criar situações abertas em que há liberdade para a produção de sentido, criando novos regimes de interpretação. O resultado não é um saber, mas a dissociação de certo corpo de experiências.

1.4 Encontro com Tania Alice, Marcos Bulhões, Marcelo Denny e suas práticas e bases teóricas ou sobre quando decidi mudar de caminho

“Anote seus sonhos. Durma com um caderninho ao lado”. Uma das coisas que me disse Tania Alice, no primeiro encontro que tivemos assim que ela aceitou ser minha orientadora, aos 15 meses de Mestrado. Mais tarde, encontraria essa ressonância em Krenak (2009), que vê o sonho como uma prática que é percebida em diferentes culturas, em diferentes povos, como exercício de buscar orientações para nossas escolhas no dia a dia. Sonhar não é abdicar da realidade, mas, sim, poder buscar os cantos, a cura, a inspiração e mesmo a resolução de questões práticas que não são possíveis de discernir. Vejo-os conversarem entre si e com Eleonora, que, ao ser perguntada sobre como nascem suas performances, responde que surgem de necessidades, que “vão crescendo em pensamento, planejamento e sonhos”. Acho bonito demais esse encontro, que nunca aconteceu no plano real, mas que é possível aqui, ao realizar esta escrita. E só assim parece que eu compreendo organicamente o que quer dizer performatividade da escrita.

A poesia desse encontro criado, inventado, me faz lembrar também que Eleonora (2016) diz que o contrário de crimes não é não realizar crimes, mas produzir anticrimes.

Se o desejo de cometer anticrimes em relação aos muros invisíveis da cidade do Rio já estava em mim, como marca, desde 2016, quando encontrei Eleonora no “Olho da rua”, encontrar Tania Alice, Marcos Bulhões, Marcelo Denny e tudo mais que eles trazem de práticas e referências bibliográficas, me fez mudar a trajetória do mestrado. O projeto, que era em teatro, um ano depois da admissão tornou-se em performance.

Tania, Marcos e Marcelo, cada um com seus modos de ver e fazer performance, uniram-se para oferecer o curso intensivo “Práticas Performativas Contemporâneas”, oferecido pelo Programa de Pós-graduação da Unirio no início de 2019. E foi um encontro revolucionário, não só para mim, mas para companheiros de turma que, até hoje, seguem desenvolvendo trabalhos nascidos ali. Minhas inquietações, marcas, encontraram ressonância com o campo teórico apresentado por Tania Alice, logo na primeira aula. Descobria ali o campo da estética relacional de Bourriaud (2009), uma arte que toma como horizonte teórico a esfera das interações humanas e seu contexto social mais do que a afirmação de um espaço simbólico autônomo e privado. Senti que ali poderia encontrar algum caminho. E mais ainda, que minhas críticas sobre os tipos de relações criadas nas artes e a questão da democratização das relações foram e são desenvolvidas por Belenguer, Melendo, Claire Bishop e pela própria Tania, para quem, aliás, o tema da invisibilidade já foi bem explorado, em grupo, pelos “Heróis do Cotidiano¹⁷”.

A performance "Poder da Invisibilidade" buscava tornar visíveis aquelas pessoas que, excluídas do sistema econômico-político, tornaram-se invisíveis para a sociedade: a população que habita as ruas das grandes cidades. Esta performance caracteriza-se basicamente pelo ato de os Heróis do Cotidiano se agruparem às pessoas que estão nas ruas, reproduzindo suas posturas corporais. A intenção do Coletivo nesta performance é criar imagens (fotos, vídeos) que, pela conjugação ambivalente do familiar e do estranho, subvertem a percepção habitual que, com sua cegueira, reiteravam o gesto de exclusão social. (ALICE, 2012, p.5-6)

Figura 9 — Performance “Poder da Invisibilidade”. Cinêlandia, zona central do Rio de Janeiro, 2012.

¹⁷ O coletivo *Heróis do Cotidiano*, coordenado por Tania Alice e Gilson Motta, realizava intervenções urbanas que borram as fronteiras entre projeto social e projeto estético, como na intervenção *Soltando Preocupações*, na qual o coletivo passa dias em comunidades perguntando aos moradores que preocupações gostariam de enviar para o espaço e lançando coletivamente as preocupações para o alto amarradas em balões de hélio no final do dia. Na performance *O Banquete*, do mesmo coletivo, um banquete é montado em diversos lugares públicos da cidade, oferecendo comida aos transeuntes com a única condição de que falem de amor.



Fonte: <http://taniaalice.com/poder-da-invisibilidade/>.

O curso ministrado por Marcos Bulhões, principalmente, a partir das experiências performativas com corralidades urbanas na Cinelândia e também por me fazer pensar em escolhas estéticas, possibilitou que eu me reconhecesse como potencial criadora desse projeto, colocando em prática, assim, desejos antigos de realização de um trabalho político-artístico no espaço público dessa cidade que, muitas vezes, é denominada como “ovo”¹⁸, mas que “esconde” profundas marcas das desigualdades sociais, raciais do nosso país.

Ir para a rua, na praça da Cinelândia, onde já passei por tantas vezes e em situações tão diversas, desde a infância, mas agora experimentando outras temporalidades, outros modos de estar, de ver, de sentir, me fez perceber que colocando-o em escuta e em experiência de relação, com o espaço e pessoas, que não fosse apenas de passagem, aquele mesmo lugar podia ser sentido de tantas formas, e meu corpo, nossos corpos podiam se relacionar com aquele espaço concreto e abstrato, com tanta história e criar outras corporeidades. E isso me seduziu pela simplicidade e potencialidade, ao mesmo tempo.

Olhar para a minha cidade, onde transitam e vivem pessoas, onde há sons de carros, de ônibus, de metrô, onde a vida pulsa e grita, onde há a Câmara dos Vereadores onde trabalhava Marielle Franco, onde tantas coisas me aconteceram no passado e naqueles presentes, me fizeram pensar que eu poderia finalmente criar algo em que estivesse implicada. Ali já havia a ideia que gerou esta pesquisa, mas que pensava em adiar para o doutorado. Até que, compartilhando com o Marcos, ele diz: Muda agora, você pode. Então, em meados do ano

¹⁸ Nossa, essa cidade é um ovo! É uma expressão recorrente entre cariocas ou moradores da cidade, quando nos esbarramos pela zona sul ou centro do Rio, com amigos ou conhecidos.

passado apresentei o novo projeto, dessa vez em performance, dessa vez no espaço da cidade, para meu orientador que até então era o Charles Feitosa, que acolheu com muita generosidade e escuta minha mudança radical de plano.

1.5. Encontro com grupo de pesquisa e Charles Feitosa

Em junho do ano passado, 2019, apresentei um esboço do que seria a pesquisa ao Charles Feitosa e ao meu então grupo de pesquisa do *Laboratório de Estudos em Filosofia Pop* (POP-LAB).

Buscando furar os muros visíveis e invisíveis entre as classes e os bairros do Rio de Janeiro, considerando a produção de encontros como papel da arte contemporânea e a potência da performance em des-habituar e desmecanizar (FABIÃO, 2008), este projeto de Mestrado propõe a criação de um programa performativo de encontros entre pessoas de classes sociais diferentes. Mas, não a fim de escamotear as diferenças e muito menos as desigualdades, mas acreditando que o olhar para o outro, de outra classe, de outro bairro, fora do contexto a que se está acostumado, possa inclusive dar a ver algumas condições de produção dessas desigualdades, desnaturalizando as visões pré-concebidas potencializadas por uma cidade altamente segregada.

A ideia é provocar encontros improváveis que, situados no campo da estética relacional (BOURRIAUD, 2009), buscarão criar um espaço-tempo que quebre a lógica funcional dessas aproximações. Um grupo pequeno (3 ou 4 pessoas) de moradores de classe média de Copacabana irá ao encontro de um grupo de moradores de Padre Miguel (bairro pobre), por exemplo, nesse mesmo bairro. Os dois grupos se encontrarão depois em Copacabana. A ideia é que o grupo A apresente ao B um lugar de que goste no seu bairro e uma proposta para realizar alguma ação em conjunto, na rua. E vice-versa. Todos os encontros serão registrados através de fotografias, vídeos e anotações.

Com as perguntas: “Você é Deus?” e “Por que não vai você?”, Charles e Flavia Naves me tiraram mais uma vez do meu lugar, e eu, inicialmente contrariada, me pergunto internamente: Por que não? Foi a melhor coisa que fiz. A pergunta “Você é Deus?” me fez pensar em qual seria meu papel a partir da realização desses encontros, o que faria? Ficaria apenas como observadora? Por que não me colocar em experiência nesses encontros com minha cidade e com esses desconhecidos? E, assim, eu chego a esse programa que deu origem a esta dissertação.

1.6. Programa para furar muros invisíveis na cidade do Rio de Janeiro

Buscar, a partir de conhecidos ou amigos (pessoas-pontes), indicações de pessoas das quatro zonas (oeste, norte, central e sul). Combinar com a pessoa desconhecida o primeiro encontro, em que eu vou até ela.

— 1º ENCONTRO: Caminhar e conversar neste e sobre esse lugar, durante uma parte do dia (manhã, tarde ou noite), com essas pessoas estranhas. Combinar o 2º encontro: a pessoa vem até o meu lugar (Laranjeiras – zona sul).

— 2º ENCONTRO: Passar uma parte do dia (manhã, tarde ou noite) no meu lugar, com essas estranhas. Caminhar juntos pelo bairro ou arredores. Sem gasto de dinheiro. Combinar uma ação para realizarmos juntos, em local público onde vive a pessoa, para realizar no 3º encontro.

— 3º ENCONTRO: Realizar a ação, conjuntamente.

— Registrar esse encontro, a partir de fotografias ou vídeos, feitos por mim ou pela pessoa-ponte.

1.7. Reencontro com Tania, Charles e Marcos, na qualificação do Mestrado

21 de novembro de 2019

Tania, Charles e Marcos,

Agradeço imensamente a vocês três pelo nosso encontro, no dia 14 deste mês.

A sensação de alívio da qual me falaram outras/outros mestrandas/os, sobre a pós-qualificação, não aconteceu comigo. Pelo contrário, sinto que o mergulho mesmo ainda está por vir, pois já imaginava que o caminho seria longo, mas vocês me mostraram que há muitos mais passos a serem dados.

E eu os quero dar.

No entanto, os primeiros só foram possíveis graças à confiança e à liberdade que Charles Feitosa me consentiu, com sua espera e escuta para entender o que eu gostaria de pesquisar. Agradeço a você, Charles, por ter me permitido esse tempo que, embora curto, foi fundamental para começar esse caminho. Perdida como estava, só consegui esboçar o que realmente me movia a pesquisar graças ao tipo de relação de respeito que estabelecemos, nos encontros no grupo de pesquisa e individuais. Obrigada também por ter me permitido

qualificar mesmo sabendo que o trabalho estava quase ou praticamente como um material bruto. Penso que fui muito audaciosa, mas ao mesmo tempo sabia que a contribuição da banca nesse momento poderia ser fundamental, pelos caminhos que acabei traçando. E você "comprou essa briga" comigo.

Tania e Marcos, chamei vocês quando o trabalho ainda era e é apenas um rascunho de pesquisa, com tantas lacunas, dúvidas, faltas de bibliografias e até entendimento do que seja performance ou ações performáticas, não por acaso. Mas por reconhecer que vocês são artistas que admiro e que têm muito a dizer a mim e a muitas outras pessoas. Agradeço por terem lido esse trabalho-rascunho e terem contribuído de forma tão contundente, ao mesmo tempo delicada e detalhada, para minha pesquisa.

Jamais esquecerei que Marcos Bulhões foi o principal encorajador da minha mudança de projeto, por suas aulas tão instigantes e mobilizadoras de práticas, na Cinelândia, e por ter me dito com todas as palavras: não espere para mudar! Mude agora! Você pode. Obrigada, Marcos, pela generosidade, cuidado, sem precisar fugir do que realmente precisava ser dito, nesse estado atual do meu texto. Muitas de suas ideias, em breve, estarão colocadas em prática.

À Tania, já a agradeço como minha atual orientadora, que em poucos dias já me aceitou, oficializando com um bombom delicioso no Largo do Machado e um abraço, que em 1 dia me ofereceu uma quantidade razoável de bibliografia e que me ajudará a continuar esse caminho, que não tem muito tempo a esperar. Todos os caminhos me levaram até você, Tania, com quem ainda quero compartilhar mais gargalhadas e abraços, para além da vida acadêmica.

Aliás, em relação aos 3, desejo estar perto, para além do trabalho, até porque nossos trabalhos em arte, na rua e/ou na academia, não estão desvinculados da nossa existência nesse mundo, das pessoas que estamos ou somos.

Foi muito bonito ver, naquele dia, sobretudo a escuta e troca que vocês tiveram entre vocês, artistas e pesquisadores fodas. Nos dias de hoje e em um ritual acadêmico isso parece ser raro. Foi lindo presenciar isso.

Sigamos,

com afeto, generosidade e trocas, independente desse contexto sociopolítico cada vez mais tenebroso.

Axé! Saravá!

beijos e abraços,

Ana Paula

E assim sigo, seguimos para a criação destas narrativas que têm como ponto de partida o encontro com minha própria origem, onde me deparei com o familiar e também com situações que nunca havia visto de perto. Convido você a seguir comigo.

“Berço e fornalha.
Minha casa. Lar nem sempre doce lar, mas minha morada.
E minhas ciladas, roubadas, a cidade em chamas em que eu sou o pão que o diabo amassa.

Rio de Janeiro, Cidade Maravilhosa.
Só que não. 40 graus...
Sol que não nasce para todos.

RJ40°. AK47¹⁹.
Mas entre um disparo e outro, enquanto se sobrevive,
a gente se diverte.”

Vander King — Redator Voz da Vila Kennedy²⁰

CAPÍTULO 2 – Cartografia do Rio invisibilizado, através da performance relacional

Escrever sobre os encontros com as pessoas e com os lugares a partir da realização do programa performativo objeto desta pesquisa é um dos desafios deste trabalho porque corporificar em palavras aqueles instantes, horas, trajetos, acontecimentos, suscita questões éticas e metodológicas que me acompanharão até o fim desta escrita.

Outro desafio, não menos importante, mas que relaciona-se aos meus afetos em relação ao que experimentei, é sobre tocar agora no que são memórias, sensações de presenças ausentes, revisitadas a partir de textos já escritos, de arquivos fotográficos, mensagens trocadas via Whatsapp (que com alguns perduram até hoje, mais de um ano do primeiro encontro performativo). Revisitar minhas memórias, sensações, trajetórias, ouvir de novo aquelas vozes, lembrar dos cheiros, dos medos, dos sorrisos e choro, das afinidades e dissonâncias, tudo isso num contexto em que minhas emoções oscilam de uma hora a outra, por questões relacionadas à pandemia da COVID-19 e ao contexto político, tem sido sobretudo um exercício de coragem, pois é mergulhar em memórias, sensações, temas e conceitos que me trazem, também, dor. Lugares que não são fáceis de acessar, principalmente neste momento. A motivação vem das lembranças dos sorrisos e da força que encontrei/encontro em Vanderson, na D. Penha, Nathalia, Drica, no Rafael e nos outros que participaram deste trabalho e que muito pelo contrário não tinham interesse em, apenas, reforçar as mazelas de seus lugares e suas vidas.

Busco escrever não para eles, nem por eles, mas com eles. E para nós, do meio acadêmico. A artista, educadora e curadora negra Renata Sampaio, em entrevista²¹ sobre

¹⁹ AK47 é um fuzil de origem Russa, capaz de dar 600 tiros por minuto e alcançar até 400 metros. Disponível em: <http://www.militarypower.com.br/frame4-armas38.htm>. Acesso em: 25 out. 2020.

²⁰ Vanderson é uma das pessoas que conheci através dos encontros criados a partir desta pesquisa. Mora na comunidade Vila Kennedy, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro.

contribuição da performance na educação antirracista, falou sobre a importância de redistribuir a violência, referindo-se à ideia de que os temas relacionados a dores que ferem pessoas por serem de um grupo deveriam ser compartilhados com quem não as sofre. A artista fez uma curadoria de uma mostra de videoperformance, com trabalhos de mulheres negras, de diversas partes do Brasil, chamada EstereotipAÇÃO, na qual havia uma parte só sobre cabelos.

Uma pega o cabelo dela e passa cinco tipos de químicas diferentes, a outra tem a experiência de cortar o cabelo, a outra tem a experiência de pentear o cabelo até exaustão. Das vezes que eu exibi, eu lembro que era muito forte porque todas as mulheres negras que estavam naquele lugar olhavam praquilo e era como se aquela memória voltasse. Várias falavam assim: Eu praticamente, sinto o cheiro do cabelo queimado da chapinha, ou, eu sinto cheiro da química passando, ou até mesmo lembranças amorosas, lembro da minha mãe passando cabelo em mim e as pessoas brancas que tavam junto, tavam sinceramente desesperadas porque elas não faziam a mínima ideia de que aquilo existia. Lembro das pessoas completamente constrangidas por saber que todas mulheres negras do mundo já passaram por aquilo. (...) Elas não faziam ideia do que é um pente de ferro sendo esquentado no fogo, passado no seu cabelo. Essas pessoas ficavam quase que violentadas, ali, vendo aquilo. Eu acho que é isso também, sabe? uma experiência de violência. Eu acho que é isso. Quando você se sente violentado por uma imagem, você tem que fazer alguma coisa com aquela violência que você tá sofrendo, que seja fugir, fechar os olhos ou fazer alguma coisa. Então, eu acho que é didático nesse sentido, de redistribuir a violência, sabe? De tipo: Então, agora eu vou transformar uma experiência minha, da vida inteira, de dor, transformar ela em uma obra e te mostrar. E aí o que você faz com isso? Porque agora não dá mais pra você fingir que não sabe que isso aqui existia. (SAMPAIO, 2020)

Há assuntos que devem ser falados entre nós, de maioria branca e privilegiados dos institutos de pesquisa, porque esta pesquisa poderia ser redundante e só reforçar a dor, “renovar ferida” se fosse voltada às pessoas que vivem diariamente sob opressões.

Tenho criado momentos em que vou à superfície para recuperar o ar. E volto. Como diz Rolnik (1993, p. 9), escrever é traçar um devir. Saí outra até o fim desta escrita, há coisas que nem se sabe antes de escrever. Sobre o que sei agora é que também já não sou mais a mesma pessoa que realizou os encontros. Não só pelos encontros, mas por tudo que veio acontecer depois. São muitas feridas abertas e outras saradas. Nunca mais me senti confortável em lugares onde há apenas pessoas brancas, por exemplo. Ou que até haja pessoas negras, mas prestando serviços. Passei também a ter outra relação com a vida/morte. Lembrome no início desse ano (fevereiro e março de 2020), em que fui diretora assistente da Peça Pentesileia, de conclusão de curso técnico da Cal (Centro de Artes Laranjeiras), ao lado de

²¹ Entrevista realizada por Juliana Liconti, integrante da plataforma “quandonde intervenções urbanas em arte” e doutoranda em artes cênicas na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), com a pesquisa “Pedagogias Performativas: uma cartografia”, sob a orientação da artista e pesquisadora Tania Alice. In: @performerssemfronteiras, em 26 de junho de 2020.

Renato Carrera. Todas as vezes em que eu orientava o aquecimento e alguns jogos para conectar com o aqui-agora, eu falava coisas do tipo: vamos agradecer por esse dia, por estarmos juntos, saudáveis, respirando. E a turma, composta por pessoas majoritariamente brancas, de classe média alta, olhava sem entender muito o teor daquelas palavras. Meses depois, com a chegada da COVID-19, elas se reportaram a essas frases, que pareciam sem sentido à época, como se eu pudesse ter sido uma visionária. Não fui. Apenas havia ampliado minhas referências compreendendo a minha cidade como maior do que posso experimentar na minha vida cotidiana, entre meus muros invisíveis. Uma cidade onde ainda morar e sobreviver são lutas que vêm de longa data.

Escrever sobre os encontros com as pessoas e com os lugares não é apenas resultado da pesquisa, mas é parte fundamental desta, que não existe para além dos acontecimentos criados pelo programa performativo, enquanto eu não dou corpo ao texto. Percebo que assim como criamos ao falar, criamos também no ato da escrita. E algumas vezes surpreendo-me com o que vai se fazendo no pensamento. Talvez a pesquisa até já exista no meu corpo-mente, para quem também participou dos encontros, mas ganha outra forma, novas aproximações, novos olhares e dimensões, desejos por outros diálogos só possíveis porque paramos pra escrever. Como parte desta pesquisa, muitas vezes tenho dúvidas sobre como e o que escrever. Parte destas questões envolve o desejo de compartilhar de forma mais cuidadosa, implicada, responsável, ao mesmo tempo o desejo de criar curiosidade, instigar a continuidade da leitura e inclusive despertar a vontade da leitora ou do leitor de cruzarem fronteiras nas suas cidades, principalmente as invisíveis.

Para designar os conhecimentos desenvolvidos pelo artista pesquisador a partir da elaboração ou apresentação de um acontecimento cênico, Diego Baffi usa o termo *translato*, com o qual gostaria de me aproximar nesta escrita.

A proposição deriva do conceito de transcrição (CAMPOS), a partir do qual se considera que toda a tradução – aqui entre o acontecimento artístico e o acontecimento da escrita – exige uma recriação, ou antes, uma vinculação ao proposto inicialmente como instaurador de um espaço poético e uma co-criação nesse novo espaço de potência. (BAFFI, 2010, p. 3)

Há algumas considerações a fazer antes de lhe convidar a caminhar por um Rio de Janeiro que não está estampado nos cartões-postais e lhe apresentar os encontros com as pessoas que conheci. Considerações éticas, estéticas e políticas. Considerações sobre as dificuldades que tive na realização do programa performativo criado, sobre como gostaria que esta fosse uma escrita que, embora solitária, porque agora sou eu que dou um corpo final

provisório a ela, trouxesse as múltiplas vozes que encontrei, os sorrisos, minhas sensações, impressões, questionamentos.

A primeira consideração é que esta pesquisa não é sobre os outros, as pessoas desconhecidas que encontrei, nem tampouco pretende dar conta de fazer um panorama das zonas oeste e norte, consideradas de modo generalizado neste trabalho como áreas invisibilizadas ou estigmatizadas. Não é um trabalho sobre geografia, tampouco ciências sociais ou psicologia, mas ao mesmo tempo foi e tem sido importante dialogar com esses campos de saber, mesmo que de forma ainda muito ligeira. Como escreve o professor Luciano Bedin da Costa, da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sendo essa uma pesquisa cartográfica que “trata-se da vida, da subjetividade, de algo que é ao mesmo tempo singular e coletivo, que se faz entre o que é mais íntimo e aquilo que está fora, algo que está sempre em movimento, que nunca é exatamente uma coisa porque está sempre entre” (COSTA, 2014, p.68), não cabe aqui nenhuma visão essencialista, nem das pessoas, nem dos lugares.

A própria divisão da cidade em lado de cá e lado de lá, entre zonas mais privilegiadas e não privilegiadas não é tão simples assim. Ao invés de partida, a cidade assemelha-se mais a um mosaico. Mesmo dentro das zonas privilegiadas, como a zona sul, há múltiplas favelas.

O aglomerado metropolitano comandado pela cidade do Rio de Janeiro se apresentou, não como uma cidade segregada, partida (Ribeiro & Telles, 2000; Ventura, 1994), mas como uma heterópolis, no sentido empregado por Jencks (1993), um verdadeiro e sofisticado mosaico urbano (Timms, 1971), marcado tanto por *dégradés* quanto por dicotomias, desautorizando-nos a pensar o espaço urbano carioca como uma cidade dual, visto que ele se nos apresentava como uma cerzidura, um mosaico complexo, bem mais próximo ao que parece ter-se transformado a própria sociedade brasileira nas últimas décadas. (NAJAR, A. L. *et al.*, 2002, p. 91)

E mesmo dentro das favelas, não se pode falar em homogeneidade social, espacial ou racial. Segundo a arquiteta e urbanista Camila Lima e Silva de Carvalho (2017, p. 283), “as disparidades sociais na escala da cidade – que separa grupos de renda, segrega por cor, por investimento em infraestrutura, entre outros – é reproduzida na escala das favelas, como uma espécie de *transescalaridade* das disparidades sociais”. É importante salientar isso, haja visto que dos cinco encontros presenciais que fiz durante esta pesquisa, três deles foram em favelas da zona oeste do Rio de Janeiro: Vila Autódromo (Jacarepaguá), Vila Kennedy e Pingo d'água (Guaratiba). E principalmente porque há um preconceito muito grande das pessoas que moram no asfalto em relação aos favelados e às pessoas que moram na zona norte ou em determinados lugares da zona oeste.

No Rio de Janeiro, o senso comum aponta as favelas como o “lugar” da pobreza, da violência e marginalidade, por excelência. Segundo pesquisa do Instituto Data Popular, que buscou mostrar a visão da população em relação às favelas, nota-se que o preconceito ainda é muito grande. Por exemplo, a pesquisa que consultou 3050 pessoas em 150 cidades do país, realizada em janeiro de 2015, aponta que 69% dos entrevistados disseram que têm medo quando passam em frente a uma favela e 51% afirmaram que as primeiras palavras que lhes vêm à mente quando ouvem falar de favela são droga e violência (MORADORES, 2015).

A segunda consideração é que, a partir do momento em que me surpreendi com uma cidade predominante de pessoas negras, passei a questionar meu lugar de fala nesta pesquisa. Surgia, então, mais uma questão ética: Além de indagar sobre como escrever e o que escrever, passei a me perguntar se eu, como uma pessoa considerada branca, pelo menos aqui no Brasil, poderia escrever sobre esse tema. Sempre me autodeclarei parda, a contragosto (quando tinha ou tenho que preencher algum documento), ou morena (como me autodenomino informalmente). Ser considerada parda sempre foi algo que rejeitei porque a imagem-referência é do papel usado nos murais da escola, uma cor que não gosto e com a qual não me identifico. Mas também não sou negra, nunca sofri racismo dentro do Rio de Janeiro ou em viagens pelo Brasil. Como disse no primeiro capítulo, a minha busca inicial era por encontros que dessem a ver desigualdades sociais e espaciais na cidade do Rio de Janeiro.

Encontrei motivação e menos desconforto para continuar a escrita a partir de leituras: Djamila Ribeiro, Grada Kilomba, Denise Carreira e de conversas com a já citada artista e curadora Renata Sampaio, que além de ser uma mulher negra, nasceu em Realengo (bairro da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro). Expondo a ela meu lugar de origem social e minha relação com as pessoas com quem encontrei, compreendendo que a mim não cabe falar sobre essas pessoas, no sentido essencialista de defini-las, mas sim de falar sobre os encontros e debruçando-me sobre o conceito de lugar de fala, apaziguei esse conflito interno. Para Renata Sampaio, “querer ouvir e demarcar nosso lugar de privilégio é um bom começo de conversa”²².

Djamila Ribeiro (2009) escreve que lugar de fala não tem a ver com uma visão essencialista de que somente o negro pode falar sobre racismo, mas que o meu lugar na hierarquia social, como mulher “branca”, não legitima falar sobre o racismo do ponto de vista de quem sofre racismo, por exemplo. E fala também da importância de “tirar pautas da invisibilidade, analisadas com olhar interseccional para fugir de análises simplistas ou para se

²² Live do coletivo Performers sem Fronteiras, na plataforma Instagram, em que Juliana Liconti entrevista Renata Sampaio, no dia 26 de junho de 2020.

romper com a tentação da Universalidade que exclui” (RIBEIRO, 2009, p. 42). Quem pode falar? É a pergunta que ela e outras pensadoras negras nos coloca e aqui eu repito a pergunta: Quem pode fazer arte? Com quem se co-cria nas performances relacionais?

Então, minha questão aqui não é dar voz aos outros, mas fazer uma composição com essas pessoas e os lugares da cidade. “No lugar de *o que é isto que vejo?* (pergunta que remete ao mundo das essências), um *como eu estou compondo com isto que vejo?*” (COSTA, 2014, p.70). Colocar-me no lugar de quem dá voz não seria só pretensioso da minha parte, mas seria um ato completamente desavisado e mentiroso porque existem muitas mídias nas redes sociais criadas pelos moradores das zonas mais pobres do Rio. Inclusive, uma das pessoas que encontrei a partir desta pesquisa, o Vanderson, é redator da Voz da Vila Kennedy, página do Facebook que procura divulgar as notícias boas do bairro, localizado na zona oeste. Mas existem outras páginas, como a Voz da comunidade, no Instagram e Facebook, que abarcam várias comunidades do Rio e que durante a pandemia desempenharam e desempenham papéis fundamentais nas campanhas de prevenção à COVID-19, além de informarem as comunidades e as pessoas de fora sobre o que acontece dentro das favelas cariocas.

O documentarista João Salles (2004, p. 67) escreve sobre a função do cinema documental, que é interessante analisar na transposição para esta pesquisa cartográfica:

Nos últimos anos, o cinema documental vem tentando encontrar modos de narrar que revelem, desde o primeiro contato, a natureza dessa relação. São filmes sobre encontros. Nem todos são bons, mas os melhores tentam transformar a fórmula *eu falo sobre ele para nós* em *eu e ele falamos de nós para vocês*. Desse encontro, nasce, talvez, uma relação virtuosa entre episteme e ética. Filmes assim não pretendem falar do outro, mas do encontro com o outro. São filmes abertos, hesitantes no que diz respeito a conclusões categóricas sobre essências alheias. Não abrem mão de conhecer, apenas deixam de lado a ambição de conhecer tudo.

Colocar-me em composição significa aqui expor meus lugares de afeto, de surpresas e limitações deste trabalho percebidos no momento pós-práticas, mas também minha branquitude, minha participação no racismo estrutural. Para começar, gostaria de ter aprofundado aqui uma escrita coletiva de fato, em que o próprio texto fosse produzido não só por mim mas revisto, discutido e finalizado em conjunto com as pessoas que participaram do encontro. Mas adiarei este desejo para o processo de doutoramento.

A educadora e integrante do colegiado de organização da Ação Educativa e da Plataforma DHESCA²³, Denise Carreira (2018, p. 134), considera que:

É necessário, se expor ao encontro com essas outras e outros, tensionando as fronteiras impostas pela segregação racial e social vigente na sociedade brasileira e reconhecendo que nossa perspectiva é sempre parcial e localizada. Ambientes segregados geram branquitudes acrílicas, distorcidas, confortáveis (...)

²³ A sigla DHESCA refere-se à: direitos humanos, econômicos, sociais, culturais e ambientais.

A terceira consideração é que há muitos artistas nas zonas oeste e norte, alguns dos quais mencionados pelas pessoas que encontrei e outros que busquei em consultas via *internet*, como o artista visual, escritor, negro, LGBTI+ Yhuri Cruz, de Olaria (zona norte), que desenvolveu em 2017, mas não teve a oportunidade de expor, o trabalho “PM//poéticas marginais”.

Era uma outra época, eu estava muito influenciado pela obra Necropolítica do Achille Mbembe, e me interessava pesquisar sobre poéticas presentes na violência do Estado e nas políticas de genocídio do povo preto. A palavra sempre me convoca, é sempre a primeira coisa que soa ou que me captura. No caso dessa série de fotografias que aproprio a palavra é literalmente um gatilho. Operações policiais são sinônimos de morte. São cirurgias num corpo social e cirurgias combinadas para serem um fracasso (ou um sucesso). Morte é fracasso? Morte é sucesso? Mas morte é luto pra quem vive e quando é constante, morte é melancolia. PM é melancolia, poética marginal é melancolia (misturada com axé). Nessa série de fotografias de 2017 eu inscrevo verdade poética sobre a palavra Polícia. E as placas e números dos carros são os fantasmas que eles carregam, números de autos de resistência (pessoas mortas em operações policiais) e números de policiais mortos nessas mesmas operações. Pretx matando pretx, nesse ciclo maligno.

Figuras 10 e 11 — PM//poéticas marginais, de Yhuri Cruz



Fonte: Página do Instagram do artista: @yhuricruz. Acesso em: 20 nov. 2020.

Outro trabalho do Yhuri Cruz²⁴, realizado em Dezembro de 2019, é o “Cavalo é levante” — um monumento às almas-ventos:

²⁴ Para conhecer mais esse artista e outros artistas negros no Brasil, este *site* é um dos caminhos: <https://projetoafro.com/artista/yhuri-cruz/>.

que são nossos ancestrais e que também somos nós trabalhadorxs do tempo de cura. Saímos no trem de Olaria, saltamos na estação Central do Brasil, cruzamos a Av. Presidente Vargas e chegamos ao Campo de Santana. Tudo isso carregando bandeiras. Numa tentativa de desenhar uma das milhares de diásporas que acontecem diariamente das periferias aos centros. Aqui, nesta performance, leia-se aos centros de si. E trouxemos com a caminhada o peso dos nossos espíritos. 'O Cavalo é Levante' é sobre o peso dos cavalos, o hasteamento de suas energias no Opaxorô, cajado da criação de Oxalá. As energias que arrastamos conosco são as mesmas que criam e destroem, ritmadas em transformação inesgotável.

Figura 12 — Performace “Cavalo é levante”.



Fonte: <https://projetoafro.com/artista/yhuri-cruz/>. Foto: Jessica Senra/Reprodução.

Um ponto importante que venho observando no discurso de pensadores e artistas negros e negras é sobre a necessidade de nós, pessoas brancas, também nos engajarmos na luta antirracista, não delegando apenas às pessoas negras o papel de falar sobre o tema, de estudar sobre o tema e lutar por uma sociedade mais justa. A artista, escritora e teórica Grada Kilomba considera a consciência sobre o racismo não como uma questão moral, mas como um processo psicológico que exige trabalho.

Em vez de fazer a clássica pergunta moral “Eu sou racista?” e esperar uma resposta confortável, o sujeito branco deveria se perguntar: “Como eu posso dismantelar meu próprio racismo?” Tal pergunta, então, por si só, já inicia esse processo. (KILOMBA, 2019, p. 46)

E Renata Sampaio nos chama a atenção para o fato de que precisamos também enxergar que nem todas as pessoas negras, artistas negras e negros irão, necessária ou exclusivamente, ter como tema a questão racial. Juliana dos Santos é artista, arte-educadora, doutoranda em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e gosta de falar, por exemplo, sobre o azul.

Figura 13 — Entre o azul e o que não me deixo/deixam esquecer (2019). Instalação, Temporada de Projetos Paço das Artes



Fonte: <https://projetoafro.com/artista/juliana-dos-santos/>. Acesso em: 6 nov. 2020. Foto: Romulo Fialdini.

Então, esta dissertação diz mais sobre as potencialidades da performance relacional em proporcionar encontros surpreendentes, numa pesquisa cartográfica, sobre sair do meu lugar, não apenas físico. E pra isso eu busquei também criar um corpo performativo. Por mais que eu já tivesse algumas noções e já fosse uma pessoa com uma dada abertura, com empatia, interesse e com uma história de vida que faz intersecção com o tema da racialidade, o que eu encontrei é muito diferente das coisas que conheço de perto e vivo hoje.

Dos cinco encontros presenciais realizados a partir do primeiro programa performativo, 3 foram em favelas planas, na zona oeste: Vila Autódromo (Jacarepaguá), Vila Kennedy e Pingo d'água (Guaratiba), e 2 em bairros na zona norte: Del Castilho e Méier. Apenas na Vila Autódromo consegui realizar o programa performativo na íntegra, e pelo caráter cartográfico desta pesquisa, sem que eu esperasse, aconteceu de criarmos um mapa afetivo. Na 2ª fase, quando veio a pandemia, criamos um outro programa performativo, virtual, a partir do qual eu cheguei até o Rafael, artista independente, negro e favelado²⁵, de 18 anos, morador de Senador Camará. Eu propus a ele que fizesse o mapa. Apresentei a ele, através de *links* enviados por Whatsapp, o que seriam mapas psicogeográficos e afetivos. Ele se apaixonou pela ideia, ficou muito entusiasmado, e criou um mapa afetivo da cidade do Rio de Janeiro, concluído em 9 de outubro deste ano. Enviei, via Whatsapp, um material com fotos dos encontros nos outros bairros e favelas e com pontos que foram ressaltados pelas pessoas moradoras desses lugares.

2.1. Mapa afetivo da cidade do Rio, por Rafael William

No início de julho deste ano, propus um encontro com todas as pessoas que encontrei (presencial e virtualmente) durante esta pesquisa (agosto de 2019 até junho de 2020), fiz um encontro virtual através da plataforma Zoom, com cinco pessoas que encontrei nesta pesquisa (Rafael, de Senador Camará, D. Penha e Nathalia, da Vila Autódromo e Vick, de Paciência). Fiz esse encontro pra eles se conhecerem, foi muito bonito e importante e eles gostaram muito. Eu também. Pretendo continuar com esses encontros, que me deram mais ideias, e assim que possível realizá-lo presencialmente. Através de um grupo criado no Whatsapp, com as pessoas que conheci, fiz o convite transcrito abaixo:

Boa tarde, gente! Pra quem não lembra, aqui é Ana Paula que já estive com você presencial ou virtualmente pra encontro com desconhecidos na Zona Oeste e Zona Norte! Gostaria de fazer um encontro com todos vocês pra que vocês se conheçam e também pra gente construir um novo mapa da cidade do Rio de Janeiro. A partir da Zona Oeste e Zona Norte e não apenas a partir da zona sul. Vocês topam? Seria domingo (12 de julho) às 15 horas. Vamos? Ficarei muito feliz! O mapa mundi descolonizado já existe vamos criar um mapa da nossa cidade que não seja só praias da zona sul e pão de açúcar? (mensagem escrita, via Whatsapp, no dia 10 de julho de 2020, às 14:57 h)

²⁵ Pedi a Rafael que criasse uma forma de eu apresentá-lo aqui. Ele respondeu assim.

Dona Penha diz no dia da nossa reunião no Zoom, em julho de 2020: “Esse mapa afetivo é uma forma de contar a sua própria história, porque o pobre não tem espaço pra contar a sua história”. Eu disse a ela na reunião que ela sempre sabe explicar meus trabalhos melhor do que eu.

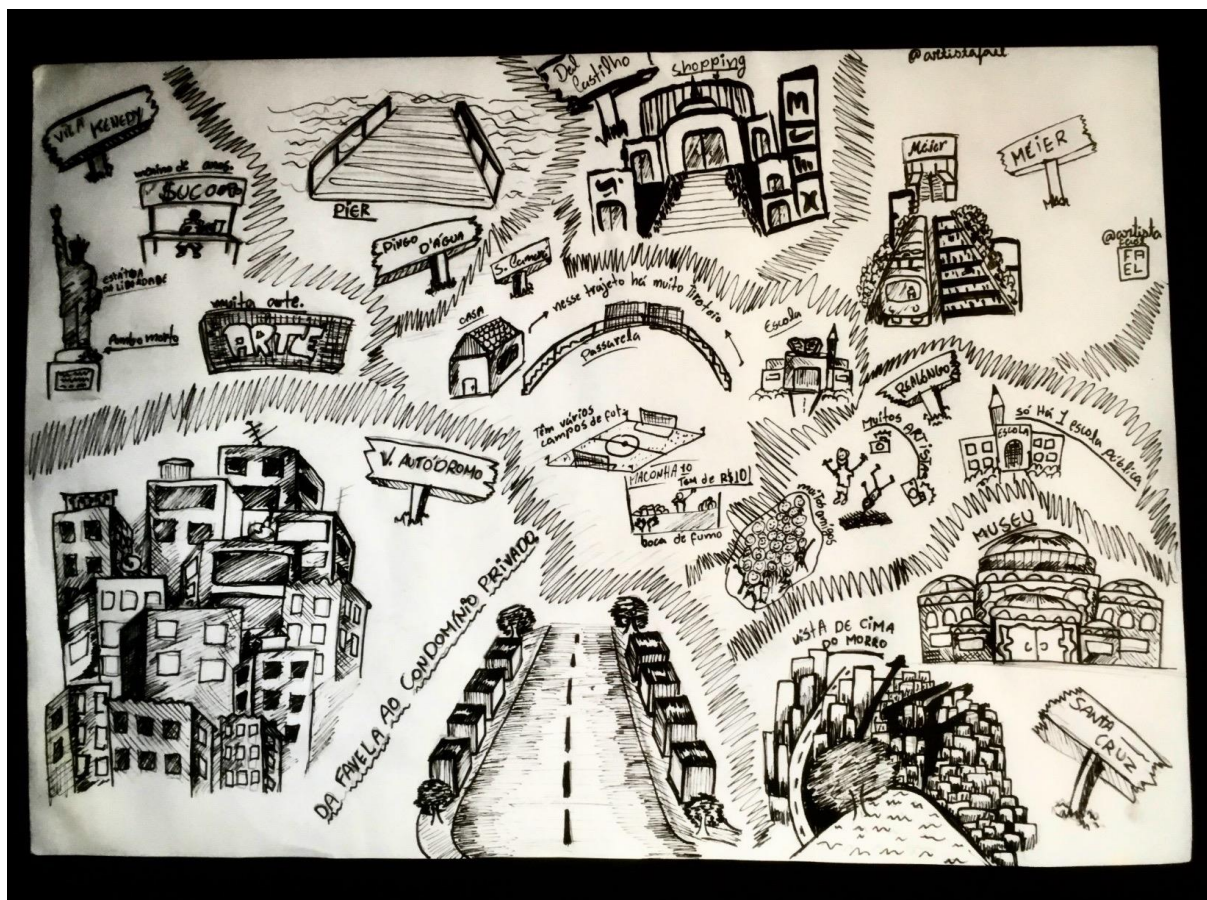
O mapa afetivo na geografia emocional é uma possibilidade de metodologia. Aqui surgiu como um desdobramento da realização dos programas performativos de encontros. É uma metodologia de apreensão dos afetos que tem o desenho e a metáfora como recursos imagéticos através dos quais busca-se apreender a dimensão do afeto. No nosso caso, a construção foi mais intuitiva. Segundo a geógrafa, doutoranda em Geografia na Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rizia Mendes Mares (2019, p. 90):

a geografia emocional pode ser uma ferramenta capaz de compreender os processos de produção e apropriação do espaço urbano, tendo a dimensão do cotidiano como uma lente que permita visualizar não apenas as relações de exclusão e desigualdades socioespaciais no movimento do real e simbólico entre os ‘eus’ e os ‘outros’, mas também, como possibilidade de superação dessa racionalidade com vistas à produção de outra cotidianidade.

A relação que faço com o conceito de mapas afetivos se dá porque foi construído a partir da composição criada durante o caminhar por esses lugares, a partir da relação que essas pessoas têm com seus lugares, seus afetos, bons e ruins. E a partir também, no caso dos encontros virtuais, do que elas me falavam sobre seus lugares. A psicóloga ambiental cearense Zulmira Bomfim trabalha com mapas afetivos como metodologia e instrumento de compreensão do urbano, “redimensionando questões econômicas, políticas, éticas e culturais, tanto no plano individual quanto no coletivo. Trabalham na perspectiva do indivíduo ser uma cidade e a cidade ser o indivíduo rompendo com a dicotomia subjetividade/objetividade” (ZULMIRA, 2008, p. 254).

Finalmente, convido vocês para conhecerem um pouco de nossas composições criadas, a partir de pequenos translatos criados com essas pessoas incríveis e lugares que encontrei. O mapa do Rio de Janeiro, nesta dissertação, é este. Sem a zona sul e a zona central. Quando perguntei ao Rafael, cadê a zona sul, ele respondeu, rindo: “Não coube a zona sul, porque a Zona Oeste é imensa e tem muito conteúdo. A zona sul é muito pequenininha, não deu pra fazer”.

Figura 14 — Mapa afetivo da cidade do Rio de Janeiro, desenhado por Rafael William



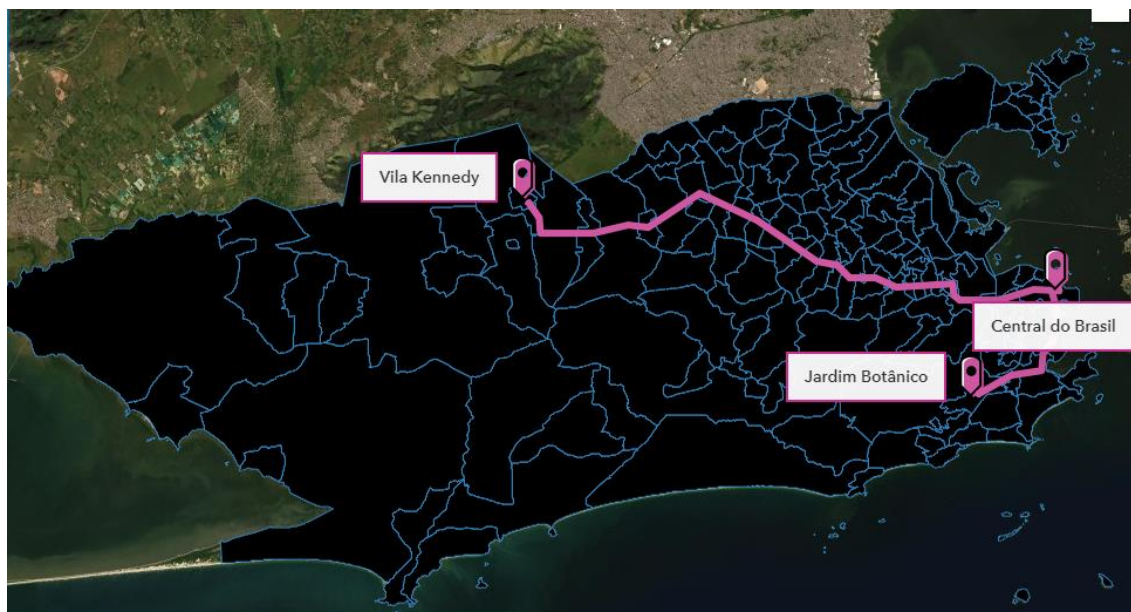
Fonte: Desenho e fotografia do desenho por Rafael William

2.2. Aqui todo mundo é artista. Com Vanderson e Katianne. Vila Kennedy (zona oeste)

Domingo de final de Campeonato de Futebol na Vila Kennedy, zona oeste do Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Chegaremos às 11:30 h da manhã do dia 20 de agosto de 2019.

O trajeto que me separa da Vila Kennedy tem 44 km, que, feitos em transporte público, em um domingo, somaram-se quase 3 horas (apenas a ida), 21 reais e oitenta centavos de gasto com passagens (ida e volta) e, o mais importante, inúmeras diferenças. Um (1) ônibus de metrô, um (1) metrô até a Central do Brasil, um (1) trem que nos fins de semana pode ter intervalo de quase uma hora e a van 811 *Presidio* sentido Vila Kennedy. Durante 40 minutos, na Estação Central do Brasil, antes de partir, tivemos (eu e os outros passageiros) que mudar umas 5 vezes de um trem a outro. E foi quase enlouquecedor ouvir repetidas vezes, durante uns 30 minutos, um apito, seguido da voz eletrônica: “Portas em movimento” – algum defeito disparou esse sinal, que naquela expectativa de sair e não sair, e mudar de trem, tornava-se uma tortura aos ouvidos, ao menos ao meu, que não estão acostumados a isso.

Figura 15 — Trajetória do bairro do Jardim Botânico até o bairro Vila Kennedy, realizada de transportes públicos



Fonte: <https://www.data.rio/maps/edit?content=PCRJ%3A%3Alimite-de-bairros>. Acesso em: 9 nov. 2020.

Cheguei até a Vila Kennedy, onde conheci Vanderson, através da pessoa ponte Katianne, que, amorosamente, esteve presente neste encontro, participando das conversas e fotografando. Eu e ela nos conhecemos na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), em 2019, no curso de Filosofia Pop, disciplina do curso de graduação em Filosofia, ministrado pelo filósofo e professor Charles Feitosa. Katianne cursa Pedagogia nesta mesma Universidade, é performer e moradora de Bangu, bairro vizinho à Vila Kennedy. Só quando estávamos lá vim saber que ela mora em um lugar que é considerado inimigo da Vila Kennedy. Isso não podia ser ouvido por ninguém.

Só no trajeto Central do Brasil-Bangu há muitas histórias, muito diversas às costumeiras ouvidas ou compartilhadas por mim, moradora de Laranjeiras, zona sul, uma das áreas privilegiadas do Rio de Janeiro. Embora esse trajeto seja de alguma forma familiar a mim, uma vez que dei aulas em Santa Cruz e Guilherme da Silveira (estação vizinha à Bangu) durante três anos, estar na situação de um programa performativo me coloca em outra escuta, outro corpo. No sentido que me abri muito mais para ouvir, ver, tanto a cidade que passava pelas janelas, quanto as histórias das pessoas. E o trem, domingo, é outra coisa! Histórias ouvidas no trem, de uma senhora que conta, usando gestos, como treme sua neta ao ouvir o som dos helicópteros da polícia sobrevoando o lugar onde mora. Essa mesma senhora desce

também na estação Bangu comigo e pergunta como chegar ao presídio. Eu lhe dou a informação, porque a van que pegarei vai até lá. É domingo. Dia de ver filho, irmãos, netos, no presídio. No ponto da van Presídio encontro Katianne. Chegaremos juntas na Vila Kennedy.

Voltei desse encontro com a pele e boca secas. Sensação que tinha em poucas horas estado em outro país, dentro da minha própria cidade. Já fui a Portugal, França, Inglaterra, ao sertão baiano, mas passar uma tarde em Vila Kennedy me tirou do lugar de uma forma como nunca me aconteceu. Talvez porque a diferença estivesse no território da minha cidade, apenas há 44 quilômetros dos meus olhos. E mesmo que eu soubesse sobre algumas coisas que vi lá, agora as coisas, as pessoas, tinham nomes, ganharam corpo, cores, texturas, atmosferas, cheiros, temperaturas, afetos, e deixaram marcas no meu próprio corpo, durante um longo dia, que reverbera até hoje.

Cheguei em casa, olhei para os detalhes da sala espaçosa, visualizei o entorno dela, o bairro das Laranjeiras. Não fui capaz e não tinha vontade também, porque não sabia o que falar com as pessoas com quem dividia a casa. Era noite e pensava daqui, do meu lugar, que naquela mesma hora, na mesma cidade em que vivo, havia ali uma outra realidade, extremamente diferente do que eu e a maioria das pessoas do meu convívio conhecem. A secura na pele e na boca tomavam conta do meu corpo. Um medo do que poderia acontecer lá, durante aquela noite, ou nos próximos dias, com as pessoas que conheci e com outros moradores. Faltavam palavras, sobravam sensações de horror, medo, angústia, revolta, ao mesmo tempo de satisfação por ter tido a oportunidade de conhecê-las. Sentei para escrever. Num primeiro momento, as palavras saíram em silêncio, marcadas apenas pelo som das teclas do computador.

Ao escrever agora, meses depois desse encontro, reencontro e revivo algumas dessas sensações e não é tão simples escrever. Volto ao áudio enviado por Vanderson para me encorajar a escrever. Pouco antes de eu apresentar o início desse trabalho no Seminário de Pesquisas em Andamento (SPA), na Universidade do Estado de São Paulo (USP), lhe perguntei se gostaria de mandar algum recado para os pesquisadores presentes durante minha apresentação.

(risos) Eu? Recado? Ai, sei lá que recado (risos). Eu sou péssimo pra isso. Nem sei o que eu diria, assim...Sem querer parecer muito é... taxativo, como se fosse dar uma resolução que definisse tudo..., mas o que eu talvez sinta alguma vontade de compartilhar eu diria, reforçando o que a gente vivenciou, eu diria: esteja aberto, exercite o interesse pelo outro, o interesse em perceber, conhecer, a perspectiva, a vivência, e, ampliar dessa maneira os horizontes, a visão de mundo, né? Até pra de repente, observando de outro ponto de vista, até pra perceber coisas que a gente

estando em uma determinada posição não compreenda. E é claro, um dia é muito pouco. Mas se não é nada, é alguma coisa. Então, exercitar o interesse, vivenciar outras perspectivas além das quais a gente tá habituado acho que é enriquecedor, pra gente ampliar nossa visão de mundo, as nossas empatias, as nossas compreensões. Acho que é isso. A troca também é sempre válida. Nunca se negue a troca com qualquer pessoa que seja, sabe? Seja uma pessoa afeita à troca, sem distinção de pessoas. Acho que é isso! (risos) (áudio Vanderson, em 4 de setembro de 2019)

Lendo hoje o que escrevi assim que cheguei em casa, percebo o quanto minhas palavras não dão conta do que vi, senti no corpo, pensei, ouvi. Penso também no quanto é difícil selecionar os acontecimentos e imagens. Respiro e tomo fôlego a partir do que Marcos Bulhões apontou na qualificação: onde está a voz deles? E suas sensações?

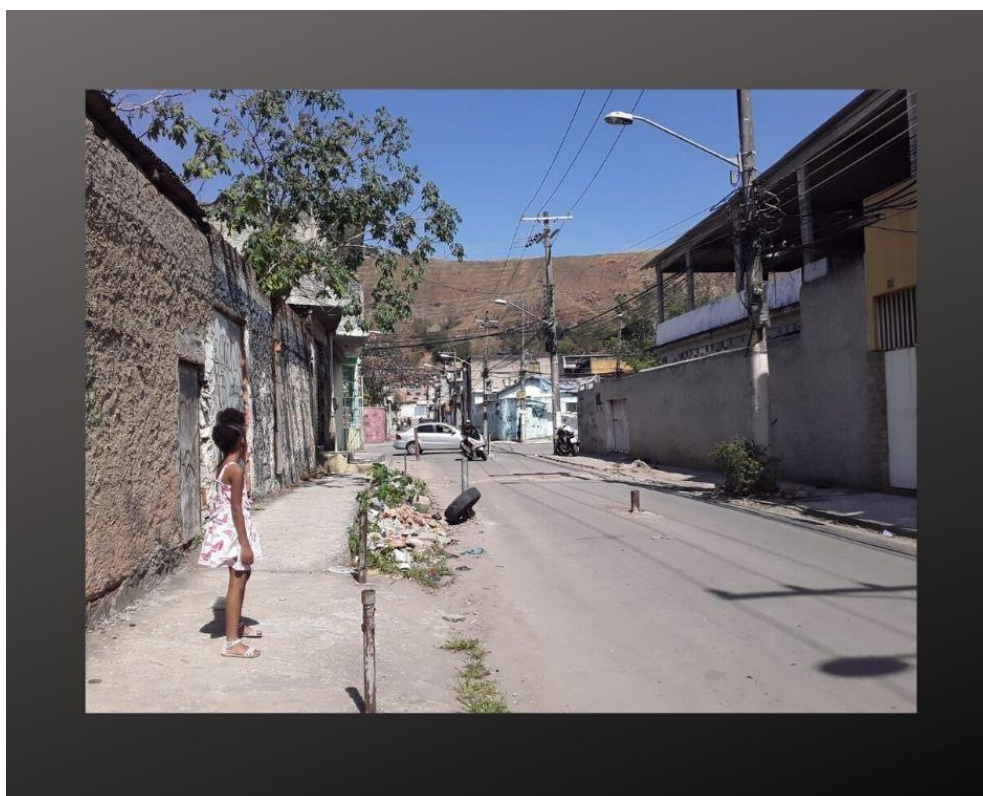
Chegamos em Vila Kennedy, no lugar combinado com Vanderson: uma praça. “Encontro vocês numa praça”. Ele disse. Sinto cheiro de esgoto, na pracinha, muito simples e pequena. E vejo que à frente da praça há um posto de saúde. Do outro lado, uma faixa: “Entrega teu caminho ao senhor. Confia nele e ele tudo fará”. Vanderson chega com sua filha Liz, de 7 anos, de mesmo nome da minha sobrinha. E nos recebe com um sorriso no rosto e muita vontade de nos apresentar seu bairro. Eu logo me pergunto se o contrário aconteceria, se eu ou outras pessoas que conheço levaríamos uma filha, ou sobrinha ao encontro de alguém que nunca vimos, mesmo intermediados por uma pessoa conhecida e, principalmente, ao encontro de alguém morador de uma favela. Logo, Vanderson nos mostra os bancos pintados da praça, a instalação com lâmpadas coloridas, um canteiro com plantas e: — “Até uma amarelinha!” complementa sua filha, apontando feliz para amarelinha no chão, já quase apagada.

— Ana Paula, agora vou lhe apresentar o autor da obra. – Giraia, essa aqui é Ana Paula, Ana Paula esse é Giraia, quem basicamente criou essa praça e a mantém arrumada e bonita! Olho mais atentamente para os detalhes da praça e para o entorno e penso no quanto há para se discutir sobre cidade, direito à cidade, outras formas de se relacionar com o lugar onde se mora, só naquele momento, naquela pracinha. Mas o sentimento é de angústia e tristeza. Giraia me olha desconfiado. Eu lhe parablenizo por seu trabalho. E na minha pretensão de alguém que pode definir o outro, lhe digo: – Giraia, você sabia que é um artista!? Ele, ainda parecendo desconfiado, me responde: — Minha filha, aqui todo mundo é artista! Eu me sinto mais uma vez revendo meu modo de falar, de nomear as coisas. Pisa mais devagar, Ana Paula. Mais escuta, mais calma, menos palavras, maior abertura aos sentidos.

O meu modo de vestir, de falar, a motivação de ir até lá, minha cor, tudo isso endossava e justificava a desconfiança de Giraia. O que eu estaria fazendo ali, na Vila

Kennedy? Um lugar que de tão seco, me remeteu à cidade onde meu pai nasceu, no sertão da Bahia, chamada Cafarnaum. Mas a seca em Cafarnaum é diferente, faz parte de uma biogeografia que compõe aquele tipo de solo e vegetação. Mesmo sabendo que há medidas técnico-políticas que podem minimizar a seca no sertão, não há justificativa na natureza para encontrar a seca dentro da cidade do Rio de Janeiro. A seca é política. Quase não há árvores em Vila Kennedy. E, no Rio, a gente reconhece os bairros mais privilegiados pela quantidade de árvores – pensei. Uma matéria da Revista Exame afirma que quantidade de árvores é um bom termômetro de prosperidade de uma região, o que pode ser conferido através do Google Earth e confirmado por números do IBGE de 2010. “Apenas 58,5% dos lares com renda inferior a um quarto do salário mínimo tem algum nível de arborização nas proximidades. Esse índice aumenta para 78,5% se a renda ultrapassar dois salários”²⁶.

Figura 16 – Foto de uma das ruas, por onde andamos, até chegar ao campo de futebol. Na foto, a filha de Vanderson



Fonte: Ana Paula Penna

²⁶ Disponível em: <https://exame.com/brasil/diferenca-de-ricos-e-pobres-se-ve-do-espaco-e-com-o-google/>. Acesso em: 6 nov. 2020.

Vanderson escolheu a trajetória que faríamos, eu, ele, sua filha e Katianne, depois de nos apresentar à praça. Quis nos levar direto ao campo de futebol, onde aconteceria o evento *mais importante e mais esperado do ano da comunidade*, mas pedi que antes nos levasse por algumas ruas que pra eu conhecesse um pouco mais o seu lugar. Depois dessa primeira praça, chegamos a uma outra – a Praça Miami – de mesmo nome da cidade norte-americana, onde ao lado havia uma feira de frutas, peixes, feiras típicas dos bairros de toda a cidade do Rio. Mas nessa praça havia uma réplica (uma maquete usada como modelo para construção da original) da Estátua da Liberdade, uma das 3 réplicas feitas pela francês Frederic Augusto Bartholdi, que existem no mundo, nos disse Vanderson. Nesse momento, Vanderson contou a história do surgimento da Vila Kennedy, a partir de remoções de favelas na Lagoa Rodrigo de Freitas e de outras favelas, durante a ditadura militar de 1964, contou da relação dessas remoções com os Estados Unidos e o porquê da estátua. Ouvi tudo com muita perplexidade e espanto, pensando que se a Vila Kennedy não existe pra nós, das zonas privilegiadas da cidade, sua história mostra que para os “*podres poderes*” ela existe, inclusive, existe internacionalmente. O conjunto habitacional criado pelo governador Carlos Lacerda fazia parte do projeto Aliança para o Progresso, idealizado pelo presidente americano John Kennedy, para financiar projetos sociais na América Latina e com isso conter o comunismo²⁷.

Havia um pombo morto em cima da estátua, observado por mim e também pela filha de Vanderson. Uma estátua da Liberdade, numa praça de nome M i a m i, no meio daquela comunidade, soava a mim como uma afronta, um escárnio. E logo à frente, após passarmos pela feira, isso soaria ainda mais violento. Pois andamos por uma rua onde ele nos avisou que não se podia olhar para os lados, nem falar sobre determinados assuntos e eu logo percebi o motivo: lá estavam os meninos do tráfico, com seus radinhos nas mãos. Mas Vanderson contava tudo com muita calma, como se fosse meu guia turístico. Eu pensava como seria viver assim, com uma filha ainda criança que caminhava com a gente.

²⁷ Sobre o tema, há uma matéria no Jornal O globo, disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/conheca-historia-da-estatuada-liberdade-da-vila-kennedy-22464418>.

Figura 17 — Eu e Vanderson na praça Miami

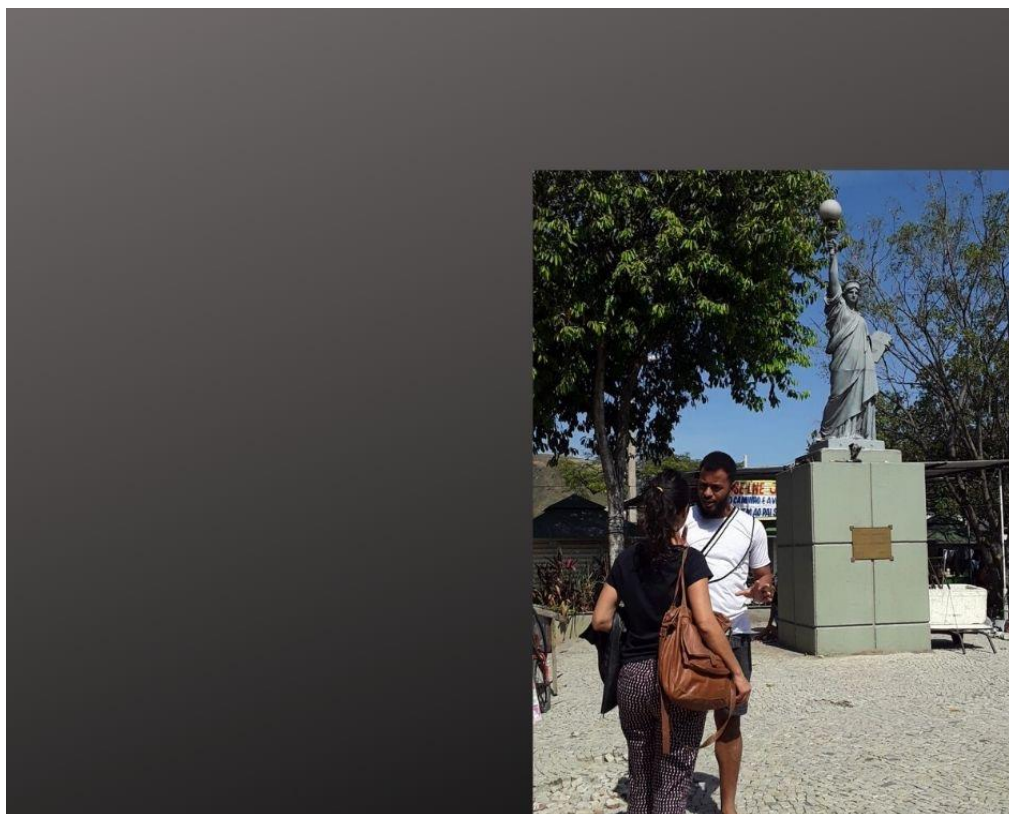


Foto: Katianne Souza.

Era domingo, como já falamos. E Vanderson escolheu esse domingo por ser um dia muito especial: dia de campeonato de futebol! Um campeonato que envolvia toda a comunidade! Queria me mostrar o melhor de sua comunidade, mas ao mesmo tempo penso que sua intenção também era que eu realmente enxergasse os contrastes com os lugares onde frequento. Se era me chocar, conseguiu.

Seria uma oportunidade de vivenciar uma experiência que mobiliza uma parte significativa da comunidade. E vocês teriam acesso, teriam a possibilidade de vivenciar, de testemunhar as veias da comunidade. É uma mobilização gigante, grande, onde vão no campo pra prestigiar o evento, pra torcer, cada qual pelas suas tor (torcida)..porque são times locais, né. Porque a Vila Kennedy é muito grande, é muito extensa, então tem vários territórios dentro da Vila Kennedy e cada território tem seus times. E chegaram a essas finais dois times locais, que tem uma rivalidade bem grande. Você vai ver de tudo lá. Eu estarei lá já porque como eu colaboro para o portal de notícias aqui, que é o Voz da Vila Kennedy. Se for pra vocês... (...) Fica uma sugestão. Porque é um mergulho, vivenciar, o foco não é nem o futebol. É a periferia de tudo que ocorre em função disso. Pensa aí com carinho, na possibilidade desse domingo. Ou a partir da outra semana, qualquer outro dia, eu me organizo. (Áudio, via Whatsapp. Arquivo pessoal)

Tem muita coisa ali, que você com seus olhos vai poder testemunhar, vai poder... Com certeza eu arrisco dizer – quer dizer, cada pessoa é um universo que às vezes nos surpreende. Mas, eu ousou dizer que você vai testemunhar coisas que você vai ficar assim intrigada. “Cara, eu nunca conceberia isso, dentro da minha realidade,

dentro do meu contexto, das minhas relações sociais, onde eu tou inserida, isso não tem espaço, é algo surreal” (risos) e esse que vai ser o barato. (áudio, via Whatsapp)

Chegando ao campo de futebol, vimos a chegada da primeira torcida, fogos, bombas, muita animação e uma tensão no ar. A tensão só aumentava, quanto mais gente chegava. Mas essa talvez fosse apenas minha percepção de mulher, branca, classe média, pós-graduanda, moradora de um bairro da zona sul em meio a uma maioria de homens predominantemente negros, muito eufóricos, ansiosos com aquele momento. Eu estava na presença de corpos e rostos que fui condicionada a relacionar como perigosos. O que havia de diferente ali era a predominância de pessoas negras. Arrisco dizer que 99% das pessoas ali, e estava bem cheio, eram negras. Eu era exceção e destoava de todas.

Não comentei nada disso com o Vanderson. Mas me pareceu claro que ele sabia que pra mim aquelas cenas contrastavam com meu cotidiano, com os lugares que eu frequento, pois ele me perguntou no meio do encontro: e aí, você já viu alguma coisa diferente, que não está acostumada? Eu disse que não. Nesse momento ainda não tinha visto os rapazes do tráfico de tão perto e armados. Eles passaram em fila, a menos de meio metro da gente, carregando armas que me lembravam metralhadoras, mas que meus privilégios não possibilitam nomear. O primeiro homem da fila era branco. Tive medo nesse momento. Mas um medo menor deles do que de uma possível invasão do caveirão.

Sobre aquelas pessoas, aqueles rostos, por mais que eu estivesse aberta, há um condicionamento criado a partir da minha vivência e experiências por viver numa cidade de muros invisíveis, há uma produção de “rostidade” que faz ver apenas o que já conhecemos. O rosto é uma redundância. Eu os olhava com meus preconceitos e provavelmente eles a mim, como se já nos conhecêssemos a partir da produção desses rostos, com determinada cor de pele, modos de estar, de vestir, etc.

Os rostos não são primeiramente individuais, eles definem zonas de frequência ou de probabilidade, delimitam um campo que neutraliza antecipadamente as expressões e conexões rebeldes às significações conformes. Do mesmo modo, a forma de subjetividade, consciência ou paixão, permaneceria absolutamente vazia se os rostos não formassem lugares de ressonância que selecionam o real mental ou sentido, tornando-o antecipadamente conforme a uma realidade dominante. O rosto é, ele mesmo, redundância. (DELEUZE, 2012 p. 36)

Porque a pesquisa foi se desenhando com minha prática, a própria performance tornou-se também um caminho de investigação, assim como faz a artista pesquisadora e professora do Departamento de Artes e Estudos Culturais da Universidade Federal Fluminense (UFF) Walmeri Ribeiro na discussão dos impactos das mudanças climáticas na sociedade contemporânea, sobretudo em seus modos de habitar|viver. Ela faz isso, com a

questão das mudanças climáticas, eu faço com a questão das desigualdades sociais. Com a questão de quem é o outro, da minha cidade, a quem não enxergamos ou desdenhamos?

Trago comigo pensamentos, conceitos, autores, artistas, experiências em outros climas e paisagens, mas, para além disso, a convicção de que para contribuir como artista pesquisadora para as discussões emergentes dos impactos das mudanças climáticas na vida cotidiana, é preciso uma metodologia que permita processos de imersão em diferentes paisagens, climas e culturas, ou seja, em diferentes Territórios. O caminho escolhido para tal desafio foi a Performance. Performance como pesquisa| Performance as research, ou seja, a Performance como metodologia, como caminho de investigação e experiência que se desdobra em criações artísticas, textos, pensamentos, ações. (RIBEIRO, 2017, p.)

Sair do lugar não é simplesmente se deslocar; envolve outro tipo de deslocamento. Trata-se de um deslocamento das ideias prontas, daquilo que está naturalizado, do “é assim mesmo”, do óbvio, sem surpresas, do que parece estar desde sempre já dado. Em outras palavras, trata-se de um deslocamento do olhar (COSTA, 2014)

Além de não procurar informações prévias sobre os lugares, outro cuidado na criação desse outro corpo é me despir do meu lado repórter, das minhas curiosidades direcionadas e principalmente dos meus próprios preconceitos. Eu, que criei esse trabalho com questões sobre desigualdades sociais, procuro não fazer desse encontro uma entrevista, embora tenha vontade de perguntar muitas coisas. Como escreve Deleuze, procuro (2012) substituir a anamnese pelo esquecimento, a interpretação pela experimentação. Uma das práticas de busca do meu corpo performativo envolve colocar-me em estado de diálogo, de escuta, o que envolve concordâncias e dissonâncias, e não como se entende comumente por uma pesquisadora, com questionário e/ou gravadores – motivo que aguça a curiosidade dos envolvidos.

O que vai acontecer em cada encontro, eu não sei. Nem os assuntos que possam emergir sobre as relações que cada pessoa tem com o lugar onde vive. Realmente busco uma abertura para escuta, sem me perder na minha individualidade.

Visitar a Vila Kennedy me levou a revisitar e questionar o que o filósofo Peter Pál Pelbart (2007) escreve, baseando-se em Foucault, sobre como agiriam, hoje, os poderes. Acredito que, em muitos lugares da cidade do Rio de Janeiro, além da ação ondulante, acentrada (sem centro), em rede, reticulada, molecular, características atribuídas ao modo de agir pós-moderno do poder, há ainda o poder direto e disciplinar que vem do tráfico, da polícia, do exército e em muitos lugares da milícia. O autor escreve que:

O poder já não se exerce desde fora, desde cima, mas sim como que por dentro, ele pilota nossa vitalidade social de cabo a rabo. Já não estamos às voltas com um poder transcendente, ou mesmo com um poder apenas repressivo, trata-se de um poder imanente, trata-se de um poder produtivo. Este poder sobre a vida,

vamos chamar assim, biopoder, não visa mais, como era o caso das modalidades anteriores de poder, barrar a vida, mas visa encarregar-se da vida, visa mesmo intensificar a vida, otimizá-la. (PELBART, 2007, p. 57)

Este parágrafo ressoa bem, se articulado à minha vida pessoal e a de outras pessoas aqui moradoras do asfalto, na zona sul do Rio de Janeiro, moradores de classe média e ricos de parte da zona oeste, como a Barra da Tijuca, mas na Vila Kennedy, no Complexo da Maré, no Complexo do Alemão, na Cidade de Deus, na Rocinha, em Senador Camará, Realengo, Santa Cruz e muitos outros lugares da cidade, e, arrisco a dizer, do Brasil, além dos poderes agirem de forma acentrada, há ainda os poderes diretos e o poder transcendente, haja visto o crescimento do neopentecostalismo na cidade.

O filósofo camaronês Achille Mbembe (2018) traz discussões que são mais próximas a essa realidade, ao dizer que em certas regiões, certos lugares há uma combinação entre três poderes: disciplinar, biopolítico e necropolítico. Além dos poderes disciplinares exercidos pelas escolas, trabalho e igreja, há também uma biopolítica e uma necropolítica que define quem vai morrer e como vai morrer, tendo o racismo como ferramenta.

Figura 18 – Foto 1 – Time Metral; Foto 2 – Torcida próxima à grade; Foto 3 – Ana Paula Penna, dentro do campo, fotografando a torcida; Foto 4 – Time Metral



Foto: 1, 2 e 4 – Ana Paula Penna; 3 – Vanderson.

Vanderson quis me mostrar a animação, a valorização de uma cultura, havia crianças muito envolvidas e ansiosas para que tudo começasse, e eu, à medida que o lado de fora do campo ia enchendo e a quantidade de explosões de fogos, bombas, ia aumentando, com fumaças coloridas, eu não sabia descrever o que sentia. Mas confesso que tinha medo de escurecer e ficar perigoso pra nossa volta²⁸. O medo se acirrou depois que os rapazes do tráfico passaram indo e tempos depois voltando, muito próximos de nós. Era evidente que eu não era de lá. Estava estampado em meu corpo. E talvez eles quisessem mostrar que estavam ali, para a estranha que poderia ser uma ameaça. Não sei. Nunca saberei. Na hora congelei e nem vi rostos. Vi tudo como cena de televisão. Os mesmos cordões grossos de prata ou de ouro e uma arma que era mais da metade do corpo do rapaz. O primeiro que passou era branco, o segundo negro. Não vi rostos. Se vi, algum fenômeno psicológico me fez apagar a lembrança. Mas o medo maior não era deles, até porque eles estavam ali dentro do campo, vistos com a maior normalidade pelos organizadores, que inclusive dirigiram-se a eles, em tom de brincadeira. Meu medo maior era da invasão do *caveirão*²⁹ em meio àquela quantidade de gente, e sons de bombas, de fogos. Afinal, completava-se sete dias que ele não aparecia. A última vez havia sido, inclusive, no domingo anterior.

Vanderson, embora quisesse tornar aparente as forças, os poderes que operam sobre esses sujeitos, busca criar outras narrativas sobre a Vila Kennedy, como redator da página do Facebook *Voz da Vila Kennedy*, onde mostra as coisas boas, eventos e atitudes criativas que acontecem por lá. Há dois textos produzidos por ele e publicados na Voz da Vila Kennedy que ele fez questão de me apresentar. Quando indo à USP apresentar esta pesquisa, perguntei se ele gostaria de mandar um recado, algumas palavras às pessoas que iriam me ouvir. Um dos textos que ele me enviou, por *link* do Facebook, via Whatsapp, em setembro de 2019:

BASEADO E FATOS REAIS

Terminando de tomar café da tarde aqui com minha avó,
ela assistindo o finalzinho de uma novela.

Na tela o saudoso Ítalo Rossi acompanhado daquela atriz ma-ra-vi-lho-sa que me fugiu o nome agora.
Corta pro Jose Wilker de gravata borboleta. Que estilo. Que garbo. Que voz! Que elegância...Dan Stulbach, Caroline Dieckman - meu deus - Mylla Christie! Ainda existe? linda...

Olhei a TV de relance, nem prestava atenção na trama.

²⁸ Fiz um vídeo curto desse momento. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D4VY-t4k5ag>.

²⁹ Caveirão é o nome popular do carro blindado usado pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro em incursões nas favelas, com aparência de tanque de guerra.

Levantei e fui pra pia lavar meu copo.

Foi aí que distraído voltei a pensar numa cena que me ocorreu um pouco antes de montar a mesa ainda agora.

Quando minha avó colocou a água no fogo para preparar o café se deu conta que acabara o adoçante dela.

- Vanderson, vai lá no mercado comprar um adoçante que acabou. Ah, aproveita e traz dois quilos de arroz e aquela bolacha sem sal.

(minha avó não é paulista mas fala bolacha. ela é do Pará. isso é normal por lá?)

Fui ao mercado e enquanto aguardava minha vez na fila do caixa a tal cena:

Na minha frente, na fila, passando o carrinho de compras, estava um garoto que forma na boca.

Chamo de garoto pois deve ter um pouco mais da metade da minha idade.

Estava acompanhado ao que me parece de seus irmãos menores.

Muito parecidos todos eles.

Um, dois, três, quatro. Um ao lado do outro formando como se fossem uma escadinha.

Todos rindo, aparentemente felizes e alegres.

No carrinho arroz, feijão, macarrão, leite, bastante iogurte, biscoitos, muuuuuuuuuitos biscoitos.

Essa criançada deve gostar do biscoito da vaquinha. Compreendo, eu também me amarro.

A primeira vez que vejo esse garoto sorrindo,

sempre carrancudo me olhando atravessado quando passo pela esquina.

Nunca entendi qual era a dele. Me vê passando todo dia indo e vindo, não é possível que não saiba o meu proceder. Morador, pô. Sou cria, irmão. Te vi chegar aqui, rapá. Tá maluco? Qual foi, menó?

Isso, claro, nunca falei pra ele. Só na minha imaginação mesmo. Não sou doido...

Sei lá qual seria a sua reação.

Melhor não arriscar conscientizar um cara com um para-Fal 762 atravessado no peito, pistola e granada na cintura.

Às vezes é AK. Quarenta e sete.

Se esse muleque tiver dezessete é muito.

Mas estava ele ali também sorrindo, o que pra mim por um momento foi um alívio.
Sim, pois ele parecia muito contente em abastecer a dispensa de casa e fazer a alegria dos irmãos menores. Sorria alegre enquanto afagava um e outro carinhosamente na cabeça.

Mas apesar do largo sorriso a cara continuava feia.
Ou seja: de repente a cara fechada quando me vê nem é bolação comigo, é só o caso de feiúra mesmo.
Se dependesse de traficar beleza tu tava fudido, hein, bandido?
Ainda bem que seus irmãos se salvaram...

Não cai na pilha não...
Tô te zoando, cara.
Como se fosse um amigo.
Aliás, se eu fosse teu amigo, e gostaria, iria te dar um toque: não vale a pena.

Sai.

Ó, só: os que estudaram comigo, os da minha geração que formaram com a tropa, mofaram na cadeia e entre uma e outra vez que a lili cantou voltaram pro sistema, até que um dia saíram e morreram brutalmente em algum confronto; ou teve os que foram de vala sem nem dar tempo de avançar pra fogueteiro; e um que se salvou tá na igreja.
Não sei se salvou a alma do inferno, mas tá lá na igreja. Paraplégico.

Irmão, duvido que seja esse o futuro que você pensa pra você.

Sai.

Enquanto há tempo.

Não por mim, mas por você.

Pelos seus irmãos, pela sua história.

A onda passa, vai por mim.

Não quero que você morra.

Nem que mate.

Não gostaria de repente assistir uma notícia sobre sua morte numa intensa troca de tiros no RJT...

- Eita, já começou o jornal, vó? A novela acabou e eu nem percebi.

Vou indo lá, amanhã se der passo aqui de novo, tá?

Voltando pra casa

com quem esbarro na esquina apertando um?

Susto da porra!

Sai dessa, muleque.

papo reto.

Tu não me conhece mas eu me preocupo com você.

Paz na guerra.

[.Vander](#)

Escritor, roteirista,

joga nas onze e se vira nos trinta;

Cria da VK. Jornalista.

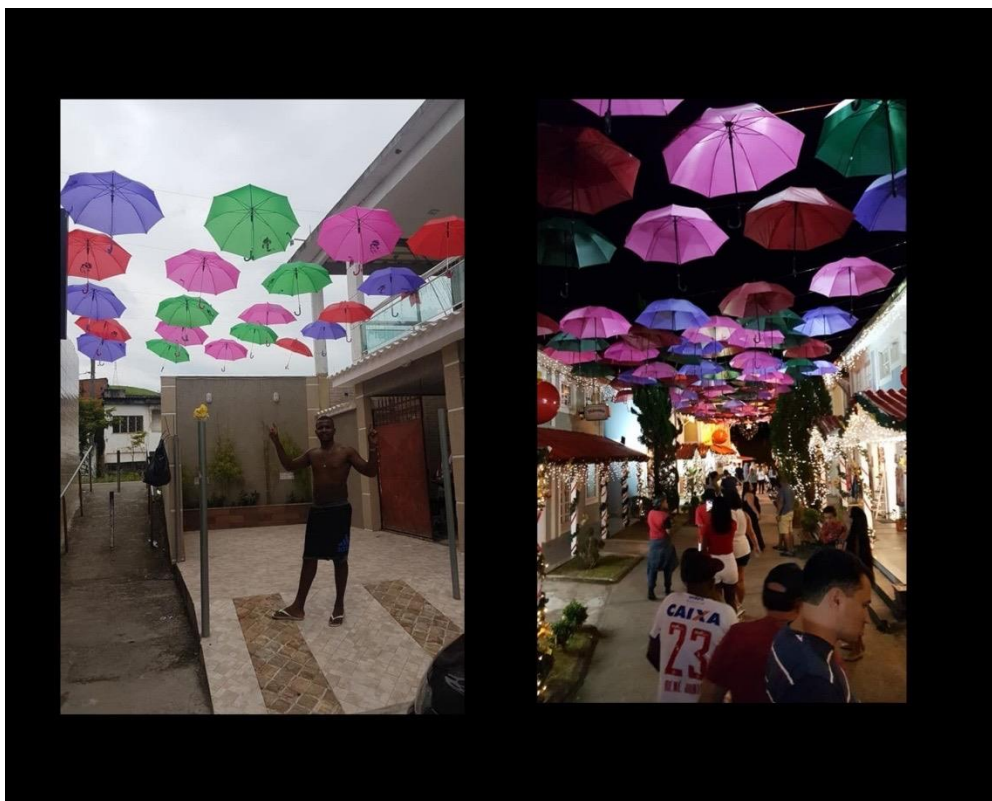
* texto originalmente escrito em 20 de julho de 2017³⁰.

O outro texto falava de um dos moradores da Vila que viajou e, ao voltar encantado com o que tinha visto em Penedo, resolveu fazer o mesmo em Vila Kennedy: um teto cheio de guarda-chuvas coloridos. Em outro texto intitulado: Como assim a Vila Kennedy no Japão?, escreveu sobre a adolescente que conseguiu ir estudar no Japão, fato que também foi publicado em alguns meios de comunicação de massa.

³⁰Disponível em:

[https://web.Facebook.com/vozdavilakennedy/photos/a.310120815802185/1317980418349548/?type=3&theater.](https://web.Facebook.com/vozdavilakennedy/photos/a.310120815802185/1317980418349548/?type=3&theater)

Figura 19 – Guarda-chuvas na vila Kennedy inspirados nos guarda-chuvas de Penedo



Fonte: Página do Facebook Voz da Vila Kennedy.

É como se, para essas pessoas de áreas abandonadas pelo poder público — ou melhor, abandonadas não, porque o poder público está presente lá e em outras dezenas de favelas, através principalmente da polícia —, para estas pessoas, antes de gritarem *não nos mate*, fosse necessário dizer ainda: somos gente, somos honestos, também somos capazes, somos inteligentes, capazes de criar. Há outro rosto atrás do rosto produzido por nós em relação ao adolescente do tráfico, há outros corpos, outras subjetividades. Os corpos desses meninos são invisíveis para nós, enquanto estão lá na Vila Kennedy. Não nos importa quem são. Não nos importa o que lhes acontece. É preciso repetir:

A história tem nos mostrado que a invisibilidade mata, o que Foucault chama de “deixar viver ou deixar morrer”. A reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida. (RIBEIRO, 2019)

Lembro-me de, quando criança (1984-1989), ter percebido um certo padrão em relação às fotografias, exibidas na TV, de pessoas atingidas por balas perdidas na cidade do Rio de Janeiro. Tinha medo de identificar esse padrão nos álbuns de fotos das pessoas da minha família. Era como se, por algum motivo transcendental, as balas não fossem tão

perdidas assim, pois algumas pessoas seriam marcadas para morrer. E ter em casa uma fotografia com determinada estética seria um presságio, um mau agouro, um aviso da iminência desse tipo de morte. Só mais tarde viria a compreender que o padrão dava-se porque quem morria de bala perdida eram, quase sempre, pessoas negras ou morenas, pobres e faveladas.

O avô de Agatha Felix, menina negra, assassinada com um fuzil pela polícia, em 2019, disse no enterro da neta: ela fazia inglês e balé. Precisaria ainda dizer alguma coisa para justificar a gravidade da tragédia, da violência, que é o assassinato de uma criança de 8 anos? Numa das vezes em que procurei Vanderson para dar continuidade ao programa, ele perguntou: você viu na TV? Mataram um homem numa cadeira de rodas.

Para Vanderson, ser reconhecido apenas por estereótipos deve ser insuportável. Ele sabe que é bem mais, que é capaz de criar outros corpos, assim como os outros que vivem lá.

Eu achei tudo lindo..tudo incrível. Fico feliz por você ter sido uma pessoa aberta e interessada. Com um olhar cuidadoso e dedicado em perceber as nuances do ambiente sem pré-julgamentos e/ou melindres. E olha que te joguei no olho do furacão propositalmente pra ver qual seria a tua. Meu maior prazer é fazer evidenciar o lado bom da minha comunidade, apesar do cenário e cotidiano bruto que nos cerca rua a rua, esquina a esquina, beco a beco. Quis mesmo que você tivesse contato com tudo um pouco, apesar do pouco tempo que tivemos para isso. Foi pouco até. Existem muitas nuances mais. (texto de Vanderson, enviado via Whatsapp, de 20 de agosto de 2019)

A exposição ao risco de morte, por grande parte da população, não vem apenas da política de segurança pública ou da guerra entre traficantes, mas também envolve as dificuldades de acesso aos serviços médicos, a uma boa alimentação, aos direitos ao lazer, ao esporte e à cultura. Desde os primeiros contatos, antes mesmo de combinarmos o encontro, uma das dificuldades de Vanderson era conciliar esse momento com o adoecimento de sua avó, de quem cuidava e acompanhava nas internações, fazendo escalas com outras pessoas da família. Tenho dúvidas se a demora no diagnóstico e na internação não terá apressado sua morte, aos 75 anos. E essa é a realidade da maioria dos cariocas, principalmente hoje, na gestão Crivella-Bolsonaro, que vem sucateando ainda mais o SUS (Sistema Único de Saúde)-Rio de Janeiro.

2.3. Aqui não tem eu, tem nós. Com Nathalia e família. Vila Autódromo (zona oeste)

Encontro com Nathalia, da Vila Autódromo (Bairro: Jacarepaguá – zona oeste). Pedro é nossa pessoa-ponte. Faz parte do programa performativo criado como um dos objetos de investigação desta dissertação o encontro com 1 (uma) pessoa, além da pessoa-ponte que também faz parte do encontro. E assim segui e sigo. Mas o que não esperava era que em alguns lugares não encontraria eu, encontraria nós. Chegaremos às 10:44h da manhã do dia 25 de julho de 2019, no lugar formado por uma rua só.

A Nathalia me foi indicada pelo Pedro, Pedro Santos, que conheci em abril de 2019, numa trilha – eu estava sozinha e ele, em grupo, a caminho de um Festival de Cinema em uma praia de Paraty. Entrei em contato com ela há algumas semanas, mas fiquei sem celular e a comunicação ficou um pouco mais limitada. Nathalia não tem celular e acessa pouco as redes sociais, o que já soa como uma distinção pra mim, uma vez que já faz muitos anos que não conhecia ninguém sem celular. Há um celular compartilhado pela família. Pedro, que, com muita gentileza e parceria, aceitou participar deste encontro, me falou: você vai gostar dela, *faz Artes Cênicas, na Unirio!*

A distância física entre minha casa, em Laranjeiras, até a Vila Autódromo é de 40,9 Km (quarenta quilômetros e nove metros). O valor da passagem (ida e volta) é de 17,30 centavos. Saio de casa por volta das 9:00h e chego na Vila Autódromo às 10:44h, através de um trajeto que me é familiar, pelos meios de transporte já bem conhecidos, com exceção do BRT³¹. Esse foi meu primeiro encontro e estava com um misto de sensações: curiosidade e medo do desconhecido, alegria e pensamentos sobre o que era aquilo que eu estava fazendo. Assim segui com este trajeto:

– a pé (20 minutos), da minha casa, em Laranjeiras, até a Estação de Metrô Largo do Machado;

³¹ BRT significa, em inglês, *Bus Rapid Transit* (Transporte Rápido por Ônibus). Na prática, representa um transporte articulado que trafega em corredor exclusivo e, por isso, é uma alternativa mais rápida de viagem para os passageiros. Este modelo de mobilidade existe em mais de 140 países e, aqui na cidade do Rio de Janeiro, é administrado por um grupo de empresas privadas de transporte de passageiros, reunidas em um consórcio. Para ser considerado BRT, o sistema precisa ter: – corredor exclusivo para circulação dos articulados; – alinhamento das faixas de ônibus, especialmente no canteiro central; – embarque em nível nas estações; – pagamento da tarifa fora do veículo; – prioridade de passagem nas interseções. Na cidade do Rio de Janeiro, o BRT foi inaugurado em junho de 2012, com o corredor TransOeste, ligando os bairros de Santa Cruz e Barra da Tijuca. O sistema conta ainda com outros dois corredores: TransCarioca, inaugurado em 2014, e TransOlímpica, em 2016. Disponível em: <http://brt.rio/conheca-o-brt/>. Acesso em: 18 nov. 2020.

– de Metrô (30 minutos). Valor da passagem: 4,60 reais.

Linha 1 – Estação Largo do Machado até a Estação Botafogo e

Linha 4 – Estação Botafogo até a Estação Jardim Oceânico;

– de BRT 50 (44 minutos). Valor da passagem: 4,05 reais.

Estação Jardim Oceânico até o Terminal Centro Olímpico.

Ao chegar no Terminal Centro Olímpico, atravesso a passarela. *“Do lado direito igreja cor de cenoura. Só há uma rua. A casa tem grade amarela. Qualquer coisa procure por dona Penha”*. Explicou Nathalia, com riqueza de detalhes. Não procurei referências históricas, nem fotográficas sobre a Vila Autódromo, mas o nome me era familiar pelas notícias sobre as remoções durante as Olimpíadas (2014). Tentava imaginar como seria um lugar formado por apenas uma rua.

Do meu lado direito da passarela, avistei o hotel espelhado e, ao lado, algumas casinhas, como ela havia me falado. Desço a passarela e avisto a ruazinha – *“só tem uma rua, não tem erro e é só perguntar pela Penha, todos conhecem minha mãe”*. Ando até essa ruazinha e logo me emociono com uma placa no chão, escrita a mão: Vila Autódromo.

Figura 20 – Foto 1 – Entrada à Vila Autódromo; Foto 2 – placa de sinalização, na entrada da rua; Foto 3 – placa no início da rua, que mostra a comunidade antes e depois das remoções.



Fonte: Fotos e montagem de Ana Paula Penna.

As casinhas são padronizadas, a maioria branca, e são poucas, acho que umas 15. Encontro a casa de Nathalia, grade amarelinha e cachorrinha marrom que me recebe com latidos. A casa tem à frente uma mesinha com 3 ou 4 cadeiras, algumas plantas, tudo muito bem cuidado. A janela está aberta e expõe um bar da sala, com várias bebidinhas³² – bebidas que seu pai mais tarde me diria que foram doações. Bato palmas e chamo: – Nathalia! (espero) – Nathalia (espero) Uma, duas, três vezes. Apenas Nina responde com seu latido insistente. Procuo uma campanha, mas não há. Penso se abro o portão e entro. Talvez ela não tenha ouvido meus chamados. Mas logo penso que isso não seria possível, já que a cadelinha Nina não parava de latir. Não entro também por medo de Nina. Espero mais um pouco, ainda emocionada e surpreendida com a ação de me encontrar com alguém que realmente nunca vi. Pedro ainda não chegou e como não tenho celular, não tenho como saber se está vindo. Nathalia então aparece em outra casa, mais à frente e sinaliza com as mãos pra eu esperar que ela já está vindo. Eu sorrio pra ela, já feliz com esse encontro.

Ela abre o portão de casa, me convida a entrar, muito simpática, e enquanto abre a casa, fala da cadela que é calma, que estava tomando banho na outra casa mas depois me explica tudo, que é pra eu ficar à vontade em casa, que ela só vai lavar os cabelos e já volta. Eu digo que tudo bem, agradeço e em questão de poucos minutos, estou sozinha na casa de uma pessoa que nunca vi na vida, com a porta da casa aberta. Em instantes me pergunto: o que estou fazendo aqui? O que fui inventar? Mas no fundo, excitadíssima com o que poderia acontecer e achando incrível a confiança de Nathalia em mim, uma estranha, embora talvez não fosse tão estranha assim, já que era “amiga” de Pedro, muito próximo à família de Nathalia.

Logo meus pensamentos e observações foram interceptados por um carro que estaciona na porta. Olho pra ver se não seria o Pedro, meu amigo e pessoa-ponte deste encontro, mas não é. Um carro com algumas pessoas. Supus que fosse a família de Nathalia, pois já sabia que ela morava com a família. Desce seu pai, sua mãe e sua avó. Foram levar a avó para fazer alguns exames e “aproveitaram para fazer umas comprinhas” – foi o que me disseram. Logo em poucos minutos, eu estava nos fundos da casa, almoçando, tomando cervejas e licor de jenipapo com os pais de Nathalia: Penha e Luiz.

³² Percebi o uso exagerado dos diminutivos, neste parágrafo, após muitas leituras. Considerando a relação entre linguagem e modos de ver o mundo, rejeito esse meu uso excessivo, mas deixei aqui como marca de uma pesquisadora em vigília de seus próprios preconceitos, e em construção. O diminutivo pode denotar carinho, mas também infantilização, desvalorização ou romantização. A potência dessas pessoas não combina com diminutivos.

Antes, porém, conversei um pouco com sua avó, uma senhora muito simpática, com problemas de memória, não lembrava a cidade de nascimento, na Paraíba. Contou-me que veio da Rocinha, e sua neta, Nathalia, após meu comentário de que nosso encontro tornou-se de grupo, me falou que a avó sempre tinha hábito também de ter muita gente em casa, na Rocinha, a maioria mulheres. “O pessoal devia pensar até que era sapatão”!, falou dona Antonia, em tom meio baixo, com um gargalhar um tanto tímido. Eram mulheres que precisam de abrigo por algum motivo, como, por exemplo, para proteger-se do marido agressor.

Durante o almoço, conversamos e rimos muito. Numa mesa ao fundo da casa, com um arbusto bem bonito, algumas plantas e mudas, bem cuidadas e com um cuidado estético, contaram que estão replantando algumas coisas, já que as remoções destruíram quase todas as árvores da antiga Vila Autódromo.

Chama a atenção a alegria da família e o carinho trocado entre eles. Esposo e esposa. Pai e filha, mãe e filha. Sorriso no rosto e afagos, abraços. A mãe pede que façamos uma oração juntos, antes de começarmos a comer, de agradecimento ao nosso alimento à mesa. Fechamos os olhos e damos às mãos. Ela faz a oração de agradecimento e pede que nunca falte alimento na mesa de sua família e na mesa de todas as pessoas, pedem pelos moradores de rua. Chamou minha atenção o pedido para o coletivo. Ao desenvolver dos assuntos, ela falou que tem trabalho comunitário em que as pessoas se reúnem e levam roupa e comida para moradores de rua no centro da cidade. Ela lava as roupas antes de entregar “pois algumas pessoas dão roupas com um cheiro meio ruim”, o marido confirma dizendo que algumas roupas estão já bem rasgadas também. Ela, a mãe, me conta que pode não parecer, mas eles estão quase sempre bem ocupados, pois têm reuniões periódicas com pessoas de outras comunidades e também pessoas que apoiam o movimento, têm o trabalho da igreja (católica) e outras coisas. Ela me conta também que há pouco tempo esteve em Washington, em Nova York e em Genebra, na ONU, para falar do Museu das Remoções. O Museu é um museu a céu aberto, que recebe visitas de brasileiros e estrangeiros, com placas que sinalizam os lugares onde as casas foram removidas, onde eles (moradores) explicam a história da Vila, incluindo as remoções, que foram processos extremamente cruéis, doloridos. Há um projeto para que eles criem um CNPJ e comecem a ganhar um dinheirinho com esse Museu. O seu Luiz fala: – por enquanto nada, mas espero que um dia a gente receba... Já sua esposa fala que dinheiro não é importante. Pelo contrário, as pessoas mudam com o dinheiro. É melhor não ter.

Nathalia contou que sua casa, antes de ser demolida, acabou virando uma ocupação, um lugar de resistência que acolhia os moradores e também apoiadores do “movimento”. E que eles só se deram conta disso depois. Perguntei se eles não sofreram alguma ameaça ou violência. O marido contou que a mulher tomou um tiro de bala de borracha, que se machucou e contam isso rindo. Eu faço a observação “e vocês contam isso rindo?!”. Ela falou: – nós temos que nos manter assim, sempre alegres, eu penso que se hoje tem, amanhã não tem. Eu tenho uma dívida, não tenho dinheiro pra pagar, paciência. Amanhã terei. E conta isso com a maior dignidade do mundo. Contam também com a maior dignidade do mundo que quase tudo que têm na casa é de doação: o bar, com as bebidas, as cortinas, o ferro das cortinas (conta rindo), etc. etc.

O único momento de tristeza que presenciei foi quando estava sozinha com Nathalia, na Igreja Católica (capela) muito simples, fruto da luta e da mão de obra dos moradores. Depois de me apresentar os 2 afrescos da Igreja, contando-me sobre a história de como foram criados por dois voluntários da FIOCRUZ, depois de falar dos bancos que foram doados e reformados, chegamos ao dia da demolição de sua casa. Ela se emocionou muito, chorando, “faz muito tempo que eu não me emocionava contando sobre isso” – disse, ao contar que pediu para “dar uma última olhada na casa”, mesmo depois que os guardas e policiais já tinham dito que a partir dali ninguém mais entrava. Eles (família e outros moradores) já tinham retirado “tudo”. Entre aspas porque ao mesmo tempo que ela sabia que não havia nada, havia sim. Havia tudo. Ela disse que ao ouvir seu pedido, uma guarda municipal – “mulher, era mulher, pegou no meu braço e falou pra eu ir, passando por cima da decisão dos outros”. Aquilo marcou Nathalia, pois o comportamento dos guardas municipais enviados para lá era, na maioria das vezes, mais cruel que o dos policiais militares. Ela me pergunta: – *como essas pessoas podem realizar esse tipo de trabalho? Remover casa? Recolher mercadoria de camelôs? Como podem chegar em casa e dormir? Eu entendo que eles também têm uma família, mas mesmo assim, é difícil.*

Na foto abaixo, Nathalia, da Vila Autódromo (Jacarepaguá, zona oeste) aponta para o poste e diz: – *aquele era o lugar onde ficava nossa casa.*

Figura 21 – Momento em que Nathalia aponta para o lugar onde ficava sua casa

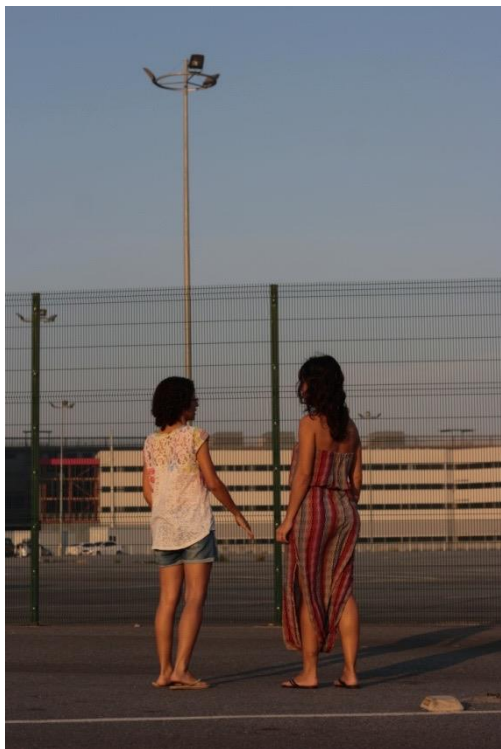


Foto: Pedro Santos (Fotógrafo, professor e pessoa ponte do programa performativo).

Esse foi um dos momentos mais emocionantes da realização dos dois programas performativos, objetos desta pesquisa. E como esse era meu primeiro encontro, ainda não sabia que o tema apareceria nas outras conversas, direta ou indiretamente, sem que eu precisasse levantar a questão. Viria a me transportar para a ideia que também já deveria ser óbvia, de que o Rio de Janeiro é uma cidade de pessoas removidas, e de que essas remoções vêm de longe, dos navios negreiros, passando por remoções de favelas, como é o caso que contam o Vanderson e agora Nathalia. E como sabido, uma cidade também de pessoas que se moveram de seus lugares de origem em busca de uma vida melhor. A questão da moradia é um dos problemas mais antigos e mais graves, tendo se agravado no processo de gentrificação, nos períodos pré-Copa e pré-Olimpíadas e não restringe-se à cidade do Rio, mas, infelizmente, trata-se de um problema do país.

Tania Alice desenvolveu durante alguns anos a performance *Bed Project*³³, realizada em espaços públicos e museus, em que levava sua cama para conversar com quem quisesse

³³ A performance *Bate-papo na cama* faz parte de um projeto internacional dos artistas Tania Alice (França/Brasil) e Álvaro Villalobos (Colômbia/México), que vem sendo realizado em espaços públicos de diversos países. Tania e Álvaro buscam estabelecer um vínculo com a singularidade dos lugares e as principais preocupações das pessoas que por eles transitam. Dentro de uma série de performances participativas, estes

deitar-se com ela. No vídeo “Bate-papo na cama” (2013)³⁴, gravado no pavilhão do Museu de Arte Contemporânea (MAC), na cidade de Niterói, por onde transitam pessoas da cidade do Rio de Janeiro e outros lugares do Brasil e do mundo, o tema que surge no bate-papo é moradia: pessoas falam sobre moradores de ruas, como um problema de todos, enchentes recorrentes, deslizamento nos morros, uma mulher perdeu tudo numa enchente, uma mulher que divide quarto e sala com a filha, mas acha muito tranquilo, surge o tema da corrupção, uma mulher fala do valor muito custoso do aluguel em Niterói, um rapaz fala que a questão da moradia é problema só para pobre, e o vídeo termina com um homem falando que ninguém quer morar no alto da favela, ninguém quer morar num barraco de telha, as pessoas querem viver bem.

Figura 22 – Projeto Bed Project, em Niterói



Fonte: <http://taniaalice.com/bate-papo-na-cama/>. Acesso em: 20 nov. 2020. Foto: Sammara Niemeyer.

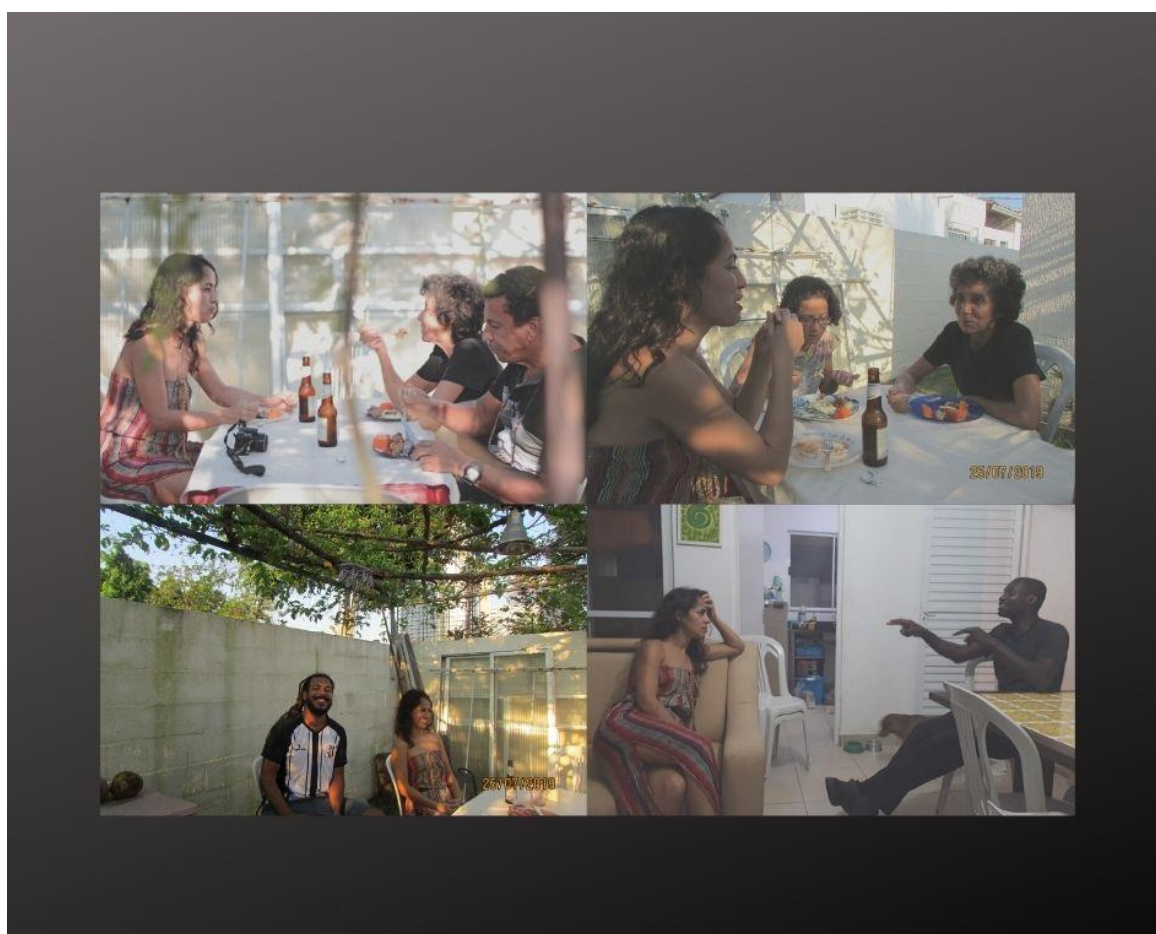
De volta à casa de Nathalia, tomamos um cafezinho. Ela ofereceu pão, manteiga, queijo, leite, a mim, ao Pedro e ao Robson, que chegou depois, enquanto estávamos fazendo o circuito pela Vila. Robson é negro retinto, com o sorriso mais fácil que já vi na vida e extremamente carinhoso com os amigos que encontrou. Fala bastante, estuda Educação Física

artistas investigam os limites entre as práticas artísticas urbanas, com bases relacionais, e os espaços tradicionais de exposições, museus e galerias. A proposta *Bate-papo na cama* envolve o público para uma partilha especial de conversas sobre assuntos sociais relativos aos temas da pobreza, da indigência e da invisibilidade. Disponível em: <http://taniaalice.com/bate-papo-na-cama/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

³⁴Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gwygChwKZOU&feature=emb_logo. Acesso em: 20 nov. 2020.

na UFRJ e tem várias questões em relação ao papel da intelectualidade (professores universitários e cientistas) na política atual. Mencionou muitas vezes o atual presidente como alguém extremamente perigoso para a sobrevivência dos pobres, do meio ambiente, dos direitos básicos. Conversamos muito, inclusive quando Nathalia nos deixou pra se arrumar, pois havia marcado de encontrar alguém no Barra Shopping. Robson teve a iniciativa de começar a lavar a louça do lanche da tarde, que eu continuei.

Figura 23 – Fotos 1 e 2 — Almoço com a família de Nathalia; Foto 3 – eu e Pedro Santos; Foto 4 – eu e Robson, amigo da família.



Fonte: foto 1 de Pedro Santos; fotos 2 e 3 de Luiz e foto 4, de Nathalia. Montagem feita por mim.

Perguntei à Nat o que poderíamos fazer juntas no seu bairro, na Vila Autódromo, e ela disse: – podíamos plantar. Eu gostei da ideia. Quis saber se levaria uma muda ou se poderíamos plantar uma das mudas que eles já têm.

Combinamos (por telefone) a ida deles até minha casa, nesta terça ou quinta-feira (30 ou 1º de agosto), ela vai conversar com a família e com o Robson e eu disse que também

falaria com o Pedro. Ela sugeriu de fazermos bolo de cenoura com cobertura de chocolate e oferecermos aos vizinhos da minha vila, em Laranjeiras (escrito em 28 de julho).

Rio de Janeiro, quinta-feira, 1º de agosto de 2019

2º encontro. Com Nathalia, Penha e Pedro, aqui na minha zona (Bairro: Laranjeiras, zona sul)

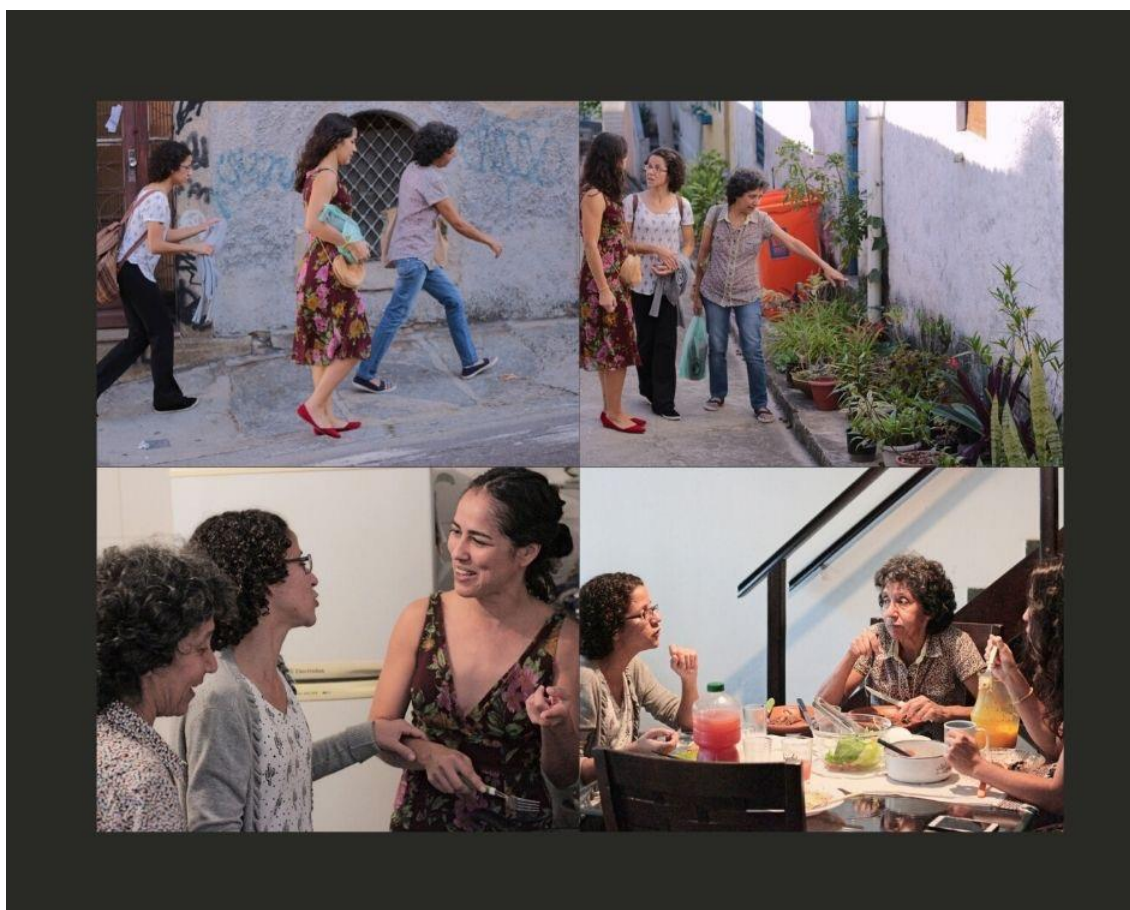
Combinamos no Largo do Machado. Caminhamos até minha casa, em Laranjeiras, durante uns 20 minutos, Nathalia me contava a historia do por que seu pai usar um heterônimo na rede social e, claro, isso envolve perseguição na época das remoções, mais uma longa história. Sua mãe Penha vem atrás conversando com Pedro. Pedro também é da zona oeste, um bairro próximo à Vila Autódromo. É professor de educação física, fotógrafo e cronista do cotidiano. Esteve presente nos dois primeiros encontros e aceitou participar com curiosidade, sem nem saber ao certo do que se tratava, assim como Katianne, Drica e Jaime. O papel dessas pessoas vem sendo desenvolvido, compreendido na prática, porque não apenas registram, mas estão em encontro também, com as pessoas e a cidade.

As duas (Nathalia e Penha) gostaram muito da Vila onde eu moro, Penha se encantou com as plantas das vizinhas e, inclusive, pediu pra que eu pedisse uma muda de rabo de macaco à minha vizinha, Dona Nordélia. Já estou com a muda para presentear-la.

Nesse encontro, preparei um almoço para compartilharmos: arroz, feijão, salada. Suco de manga. Penha veio com uma garrafa com uns dois litros de suco de melancia! O bife, deixei pra fazer na hora. Penha me deu várias dicas e acabou pegando o bife para fritar. Rimos muito, conversamos. E tomamos, os três, duas garrafas de cerveja que ofereci. Elas ficaram impressionadas com a minha casa, com o tamanho. Três andares, quatro quartos, mais a dependência de empregada, onde durmo. Conversamos sobre condições de moradia. Nathalia falou que às vezes a pessoa mora na zona sul, mas em lugares muito pequenos, e com muitas dificuldades de pagar aluguel, que não dava pra relacionar diretamente a zona ou bairro com condições de moradia. Concordamos. Falei que morava com mais 4 mulheres. E elas ficaram curiosas em relação a esse tipo de modo de morar. Apenas uma moradora estava na casa, e dona Penha convidou Nívia algumas vezes para almoçar com a gente. Ela agradeceu, mas estava ocupada. Expliquei que, embora morássemos juntas, cada uma tem sua parte para comidas, seu horário de almoço, por conta de vidas muito diferentes. Pararam em frente a um vitral da área de serviço e ficaram por uns minutos: – *era parecido com o que havia na nossa casa*. Disseram. Eu, que nunca havia reparado naquele vitral, comecei a olhá-lo de outra forma.

Ao final desse encontro, presenteei o Luiz, que não pôde vir, com uma garrafa de vinho, o Robson, com um livro sobre o papel dos intelectuais em tempos de ditadura – por acaso um professor da Unirio levou livros pra doar, eu peguei esse, mas achei que Robson poderia aproveitá-lo mais que eu, nesse momento; à Penha e à Nathalia peguei a mala de roupas separadas para fazer um bazar aqui em casa e ofereci que escolhessem o que quisessem. Elas ficaram muito felizes. Pediram ao Pedro que nos fotografasse, com os presentes. E quando eu voltei lá para realizar a ação, elas haviam separado dois livros infantis de presente para minha sobrinha Liz, de 4 anos, e me ofereceram uma sacola de roupas para escolher: Fiquei com algumas peças: uma jaqueta preta que ficou pequena mas tenho usado com frequência, uma blusa branca e outras peças que também vou doar.

Figura 24 – Foto 1 – subindo a ladeira que leva à minha casa; Foto 2 – na vila onde eu moro; Foto 3 – na minha casa, preparando o almoço; Foto 4 – na minha sala, almoçando



Fotos: Pedro Santos. Montagem feita por mim.

A frase *aqui não tem eu, tem nós* eu ouvi do pai de Nathalia, no 3º encontro com essa família, no dia em que voltei na Vila Autódromo e realizamos a ação juntos: plantar.

Rio de Janeiro, terça-feira, 6 de agosto de 2019

3º encontro. Com Nathalia, Penha, Luiz, dona Antonia e transeuntes da Vila

Trabalhamos muito e juntos, de fato. Eu, Nathalia, Luiz e Penha. E, especialmente, esta frase: – *aqui não tem eu, tem nós*, me fez pensar que a abertura ao encontro com outros cotidianos faria eu desprogramar meu programa performativo. O programa é motor de experimentação para desprogramar o cotidiano. Mas de qual cotidiano falamos? É possível falar de um cotidiano carioca? Encontrar uma pessoa estranha é a desprogramação do meu cotidiano, mas talvez não seja para pessoas que vivam em condições de coletividade. Talvez, para muitas pessoas, não exista esse tempo e espaço para estar sozinho, o individual é quase inexistente, e então para encontrá-las é preciso refazer o programa. Esses encontros fizeram questionar minha pretensão de universalidade do que seria um cotidiano no Rio de Janeiro.

Quando cheguei à casa dessa família, pela segunda vez, Nathalia me esperava e quando falamos *vamos!*, vi que Luiz tinha uma enxada nas mãos e também me esperava. Fomos os 3 plantar. Penha ficou cozinhando para todos, mas foi consultada muitas vezes por Luiz sobre o que plantaríamos e onde, apareceu lá umas 2 ou 3 vezes para ajudar, sugerir lugares, etc. Começamos com uma horta pequena. Três fileiras de terra. Atrás da igreja. Próximos à parede, bancos de concreto caídos no chão. Perguntei sobre. Eram os bancos da praça removida. Eu quis saber mais sobre o assunto, mas vi que não era de nenhum interesse deles falar sobre isso. Respeitei e engoli meu interesse. Nosso objetivo era o presente, ação: plantar.

Luiz falou, sorrindo, antes de sairmos: – *isso que você está fazendo é um milagre!* Faz muito tempo que chamo Nathalia para plantar comigo e nada. Ele havia separado sementes de cenoura, coentro e quiabo para uma horta. E juntos escolhemos mudas de árvores, que eles têm em vasos na parte de trás da casa, para plantarmos pela Vila. Saímos com enxada, carrinho de obra, umas 3 mudas e as sementes.

Começamos pela horta. Já havia pés de abóbora, com a enxada cada um fez um canteiro e ele nos foi instruindo sobre quantidades de sementes. Registramos, nós mesmos, através de fotografias com meu celular e sua máquina fotográfica. Luiz tem uma página no Facebook onde divulga ações e eventos na Vila Autódromo. No dia seguinte a essa ação, ele publicou algumas de nossas fotos nessa página.

Figura 25 – Fotos – eu, Nathalia e Luiz preparando os canteiros e plantando na horta



Fotos: Nathalia, Luiz e Penha, capturadas do Facebook de Luiz.

Mas depois da horta, passamos horas, talvez umas 3 ou 4 plantando as mudas, sob o sol. Cavando buracos, limpando o canteiro de outras mudas que já estavam lá. Enquanto isso, Luiz me contava que quando a Comlurb³⁵ entra na Vila para limpar, aparar o gramado e o

³⁵ Companhia Municipal de Limpeza Urbana – Prefeitura do Rio de Janeiro.

mato, retira indiscriminadamente mudas de árvores, frutíferas ou não. Eu pergunto se nós não poderíamos fazer umas placas. Ele diz que já há um grupo comprometido com isso, mas ainda não fizeram. Tenho vontade de organizar mutirões de replantio na área e Luiz gosta da ideia. Para a última muda, uma palmeira, ele escolhe um lugar, muito provável que não ao acaso. Luiz decide plantar entre o Hotel de Luxo e um resquício de uma árvore, que ele aponta e diz: – aqui era a casa da (nome de uma mulher). É bom você a gente estar nesse lugar de passagem porque os outros moradores podem passar e ver. *Já aconteceu da gente estar plantando aqui e aparecer um segurança do prédio perguntando o que estamos fazendo.* Perguntei o porquê. *A enxada.* Ele disse. *Têm medo de que a gente construa casas por aqui.*

Figura 26 – Luiz cavando um buraco para plantar uma muda de palmeira imperial.

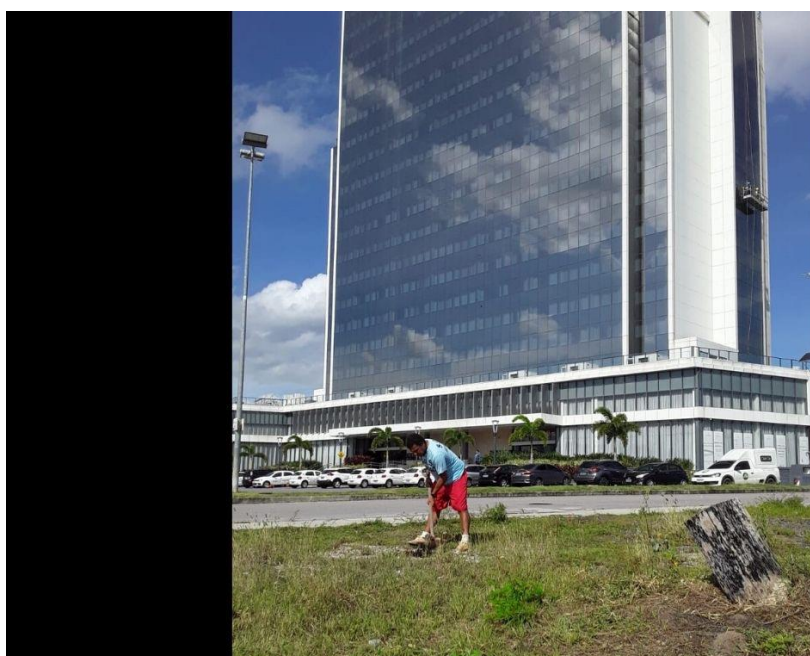


Foto: Ana Paula Penna.

Os encontros com as comunidades de Vila Autódromo, Vila Kennedy, mais tarde Pingo d'água, ambas da zona oeste, e com os bairros do Méier e Del Castilho, zona norte, fizeram pensar a relação entre políticas públicas, corpo coletivo *versus* corpo individual, pertencimento e possibilidades/necessidades de criar um lugar para si.

Os três lugares visitados na zona oeste marcaram pela ausência de políticas públicas ou direitos básicos, como tratamento de esgoto e ruas pavimentadas (Pingo d'água), direito à vida, a ir e vir (Vila Kennedy), direito à moradia (ambos, mas especialmente Vila

Autódromo), direito ao lazer, em lugares públicos, parece não haver em nenhum dos três lugares. Mas a noção de pertencimento das pessoas que moram nesses lugares parece contrapor ao individualismo costumeiro das grandes cidades. Parece haver um corpo maior que o sujeito, maior que a família inclusive, um corpo coletivo, uma noção de comunidade. Claro que precisaria de mais encontros pra compreender essa noção, no dia a dia. E essa noção de pertencimento e coletivo, bem como da falta de expectativas em relação às políticas públicas, faz com que as pessoas ajam criando seus lugares.

Aqui faz-se necessária a distinção entre espaço e lugar. O primeiro prevê o uso funcional e oportuno do espaço e do tempo, enquanto lugar envolveria vínculo, história e memória (SENNET). Nos encontros com Gerusa (Del Castilho) e Mariana (Méier), que moram em bairros urbanizados do Rio de Janeiro, na zona norte, os encontros foram individualizados, e ambas perguntaram a si mesmas, antes dos nossos encontros, o que haveria para mostrar ali.

2.4. Shopping como não lugar. Com Gerusa Flor. Bairro Del Castilho (zona norte)

Pedro Alonso, morador de Del Castilho, branco, LGBTI+, meu amigo desde a graduação em Artes Cênicas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO), há uns treze anos, foi a pessoa-ponte que me indicou Gerusa, com quem já tinha feito aulas de teatro quando mais jovens e disse ter feito isso para que eu pudesse conhecê-la nas suas contradições.

Gerusa combinou comigo no Shopping Nova América, segundo ela *um lugar de conforto para mim*. Talvez hoje eu tivesse feito diferente. Dito que não gosto de Shopping, que não acho tão confortável assim, que acho frio, sem graça e que poderíamos nos encontrar em algum outro lugar do bairro, de seu gosto. Mas o que me levou a aceitar, na época, é também conhecer melhor o seu olhar mesmo, sobre seu bairro e até sobre sua produção de sentidos sobre mim e nosso encontro. Já havia ido umas duas vezes a Del Castilho, inclusive nesse Shopping, uma vez, para tentar comprar uma roupa de preço mais acessível, mas não gosto e não costumo ir a shoppings.

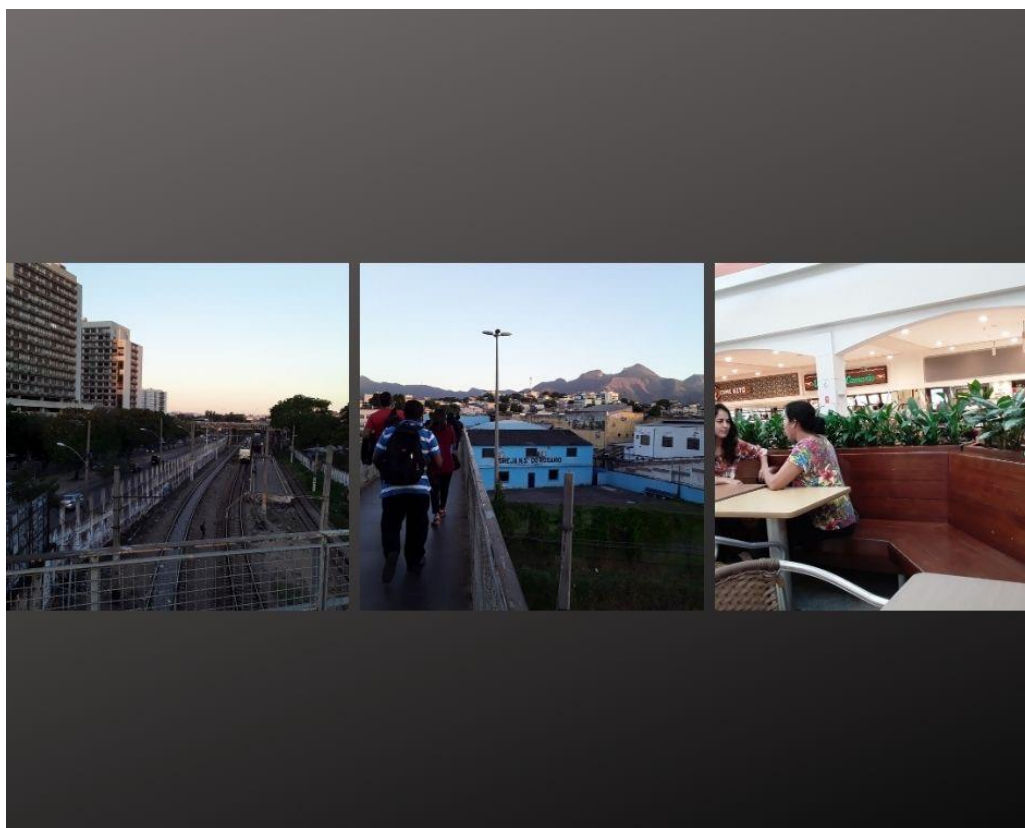
O bairro fica há apenas 20,4 Km (vinte quilômetros e 4 metros) de distância da minha casa. Fiz o caminho a pé até o Metrô Largo do Machado (20 minutos) e tomei o Metrô Linha 2 até a estação Del Castilho (mais 27 minutos). Gastei 8, 10 reais (oito reais e dez centavos) de passagem para ir e voltar.

É quarta-feira, dia 7 de agosto de 2019. Fui sozinha, meu amigo que iria nos encontrar para colaborar com os registros poderia chegar ou não. A sensação, ao chegar ao local de encontro: entrada do shopping era de “frio na barriga”. Será que vou encontrar Gerusa? Ela se descreveu como “índia velha” rindo, através do Facebook de seu noivo. Gerusa está sem celular e, nesse momento, sem rede social. Rer ler este relato, durante a pandemia, me faz pensar no quanto tomar por referências apenas nosso círculo de amigos e conhecidos pode nos levar a enganos, como, por exemplo, acreditar que o aparelho móvel de telefone já está universalizado.

Através da conta de Facebook de seu noivo, Gerusa deu todos os detalhes de como estaria vestida, inclusive que estaria com um casaco preto amarrado na cintura, o que achei curioso e me remeteu também aos aplicativos de encontros de relacionamentos. O shopping é movimentado e tem a entrada que o liga à estação do Metrô e Trem. Cheguei no horário combinado e só esperei por uns 3 minutos. Sorrisos ao nos encontrarmos. Abraço.

Talvez por termos combinado nesse não lugar (AUGÉ, 2005), ou seja, “espaços subtraídos de suas perspectivas relacionais, históricas e identitárias” e permanecermos as duas apenas, os assuntos foram bem intimistas e relacionados às suas dificuldades como mãe de um adolescente autista, abandonado pelo pai, a falta de dinheiro, casa e emprego, também conversamos bastante sobre sexo e feminismo, concordando e discordando de alguns pontos. Mas aí houve um encontro com um “eu”, individual e aparentemente sem sentimento de pertencimento ao seu lugar. Pedi para fazermos uma self na passarela sobre a linha do trem e ela disse: – *ninguém vai entender nada*. Foi quando pensei que muitos lugares do Rio de Janeiro podem ser considerados não fotografáveis pela maioria de nós. Lugares onde não haveria o que se mostrar, pelo que encantar-se, onde não haveria beleza. Haveria apenas a automatização da passagem de corpos, de casa para o trabalho ou escola, ou de casa/trabalho para o shopping. A cidade funcional, com corpos funcionais. A própria ação de tirar fotografias ali já era performativa, nesse sentido, de desmecanizar, desautomatizar nossos olhares e de outros que passavam. Falei, apontando que gosto muito da cadeia de montanhas que atravessa vários pontos da cidade do Rio e podemos ver de alguns pontos. É uma pena que a vegetação dessas montanhas das zonas mais pobres da cidade seja, na maior parte das vezes, devastada.

Figura 27 – Fotos 1 e 2 – Vista da passarela que liga o Shopping Del Castilho ao bairro; Foto 3 – Eu e Gerusa Flor.



Fonte: Fotos 1 e 2 – Ana Paula Penna; foto 3 – pessoa desconhecida.

Quando saímos do Shopping, ela quis me apresentar ao Índio, seu noivo. Eu aceitei, caminhamos por uns quinze minutos até a oficina mecânica onde trabalha ou trabalhava o Índio. Enquanto isso, ela falava para eu ficar atenta com minha bolsa, por conta de assalto. Gerusa fez um paralelo entre o meu projeto e o que ela fez com o Índio, que veio de Roraima e vivia na linha do trem. Ela o ajudou e ele conseguiu um trabalho e uma casa para morar.

Não sei se voltarei a encontrá-la. Gerusa sugeriu que fossêmos a um asilo, pentear idosos e banhá-los, quando perguntei o que poderíamos fazer juntas, em algum espaço público do bairro. *Ação é o que não falta!* Achei tão bonito isso. Mas não conseguimos realizar. E ela também ainda não conseguiu vir até aqui. Convidei a ela e ao Índio, seu noivo, para passarem um sábado comigo no chorinho da Praça General Glicério – *ele vai gostar, seu sonho é tocar algum instrumento!* Suponho que eles não venham por falta de dinheiro, pois há algumas semanas, me escreveu dizendo ter mudado de ideia. – *Por que não uma ação pra mim? Preciso de dinheiro para começar a vender salgados.* Eu sugeri que fizéssemos um vídeo, para que ela falasse sobre seu projeto, eu divulgaria aos amigos, mas ela não quis, para

evitar exposição. Entendo o seu lugar de negação. Mas não pude ajudá-la, que usou a palavra seca, para se definir, durante nosso encontro. – *Estou seca, sem trabalho, sem casa* – mora com a mãe, mas não se dão bem – *e sem dinheiro*. Gerusa, embora evangélica, não era o que se espera de uma mulher evangélica. Falava com muita desenvoltura sobre suas experiências sexuais, inclusive através de movimentações corporais, o que achei bem divertido.

2.5 – O Méier é meu país Com Mariana e Jaime Alves, no Méier (zona norte)

É dia 22 de agosto de 2019, quinta-feira, por volta das 10 horas. Vou ao encontro de Mariana, no bairro do Méier, zona norte da cidade, de ônibus da linha 457 (Abolição-Copacabana), muito conhecida por seus motoristas que arriscam altas velocidades. Eu mesma já havia experimentado isso, poucas vezes, para ir ao Méier, talvez umas quatro ou cinco vezes. Para ir à dentista; uma vez ao teatro, para ver Fernanda Montenegro, em Simone de Beauvoir, e uma vez à praça Leão Etíope em um evento de música. A ida até lá tem duração de pouco mais de uma hora. Caminho a pé até a Rua Pinheiro Machado (13 minutos), espero o ônibus que não demora muito e o trajeto dura por volta de 45 minutos. Do ponto onde tomo o ônibus, após 3 minutos já estamos no bairro do Catumbi, onde a diferença visual é marcante em relação à zona sul. O Méier fica a apenas 14, 8 Km (quatorze quilômetros e oito metros) de distância física de mim, feitos em aproximadamente uma hora de transporte público.

Mariana, mestranda em História pela UNIRIO, me foi indicada por Jaime, morador da Tijuca, de classe média, branco, parceiro de trabalho quando eu era professora de Biologia. Ela, embora tenha mostrado muito entusiasmo pelo seu bairro, dizendo, inclusive no início do encontro: – *o Méier é meu país!*, compartilhou comigo e com Jaime, que antes do encontro havia pensado *o que eu vou mostrar aqui?* Mas essa pergunta mobilizou sua memória afetiva, que foi buscar na infância a praça onde seu pai a levava para andar de bicicleta. E a fez recordar de quando sonhava com o surgimento de uma sala de cinema no Méier, onde pudesse “*matar aulas*” com os amigos.

Mariana chama a atenção para uma relação que a maioria de nós tem com a(s) cidade(s), quando diz: o Méier tem tudo – que é a relação de consumo. Quando ela desenvolve o que seria ter tudo, faz através da citação de inúmeros estabelecimentos comerciais de vendas de produtos, como lojas, farmácias, lanchonetes, restaurantes. Faz questão de dizer que há muito preconceito com moradores e com o bairro, ao qual se atribui perigo de violência, preconceitos, muitas vezes, reforçado pela televisão. Fala do programa de

TV que apresenta personagens moradores do Méier, estereotipados, que falam alto, que são mal-educados. – *As pessoas acham que todo mundo que mora aqui é favelado*, mas o Meier é um bairro de classe média. Não fala isso enaltecendo a classe média, porque de fato o Méier é um bairro de classe média. Mas, naturaliza o preconceito contra favelados. É interessante como nos repetimos nessa questão: criticamos um preconceito, mas na argumentação cometemos outro. Como diz George Orwell, em 1937, citado por Sennet (2003): “Não importa para onde você se volte, essas malditas diferenças de classe estão diante de nós, como um muro de pedra. Ou, talvez, (...) como as paredes de vidro de um aquário” (ORWELL *apud* SENNET, 2003, p. 263).

Rio de Janeiro, segunda-feira, 23 de setembro de 2019

Mariana vem até meu lugar. Laranjeiras (zona sul)

O segundo encontro, com Mariana, teve um caráter diferente dos outros, pois, tanto eu quanto ela, já conhecíamos um pouco o bairro da outra, fazemos parte de um grupo reduzido de pessoas que fazem Mestrado, e ainda, na mesma Universidade, ambas somos de classe média. Então, o que fazia desse encontro um furar de muros era o fato de que nós combinamos de nos encontrar, numa manhã de segunda-feira, com uma pessoa praticamente desconhecida, sem estabelecer assuntos, para além da questão da relação com o lugar, em uma época em que a velocidade, o isolamento e a produtividade são condições e valores preponderantes. Inclusive disse a ela que, até para mim, encontrá-la naquele dia era criar um outro espaço no tempo corrido, de prazos de trabalho do Mestrado e outros que tenho que desenvolver, pois não tenho bolsa. Foi bom caminhar pelos lugares que passo sempre com motivação de ir ao trabalho ou ao supermercado, faculdade e, mais raramente, para encontrar alguém.

Não conseguimos realizar o 3º encontro, em que realizaríamos uma ação na Praça principal do Méier – a Leão Etíope, com perguntas sobre o assassinato das crianças e jovens pobres e negros das favelas do Rio de Janeiro. Estávamos muito afetadas por mais uma assassinato de uma criança, a Agatha, mas neste dia não conseguimos falar muito sobre. Um fato interessante deste encontro é que sem combinarmos, estivemos eu e Marina, nos dois encontros, com roupas muito semelhantes. No primeiro, blusas listradas horizontalmente e no segundo pretas.

Figura 28 – Fotos 1 e 4, em Laranjeiras (Parque Guinle e rua das Laranjeiras); Fotos 2 e 3, Méier (frente da estação de trem e Praça onde Mariana andava de bicicleta)



Fonte: fotos 1 e 4 – Lorrane Lima; fotos 2 e 3 – Jaime Alves.

Eu mesma não tenho uma sensação de pertencimento em relação ao bairro de Laranjeiras. Gosto muito do bairro e é o segundo bairro onde passei maior tempo morando, 11 ou 12 anos, mas minha relação, pelo ritmo imposto pelo nosso modo de vida atual, acaba sendo também de passagem. Fotografar em frente ao casarão chamou a atenção de alguns transeuntes. E parar ali em frente para observá-lo, ouvindo Mariana falar um pouco sobre História do Rio, foi também sair do meu tempo-espaço.

Pertencimento ao lugar, relacionado ao fazer com as próprias mãos, coletivo ou não, fazer a igreja (Vila Autódromo), fazer e manter uma praça (Vila Kennedy), plantar árvores destruídas (Vila Autódromo) ou plantar na praça (Vila Kennedy), produzir parte do alimento, criar uma placa com nome do seu lugar (Vila Autódromo), cuidar do próprio esgoto (Pingo d'água). Tem sido muito interessante ver outras relações possíveis de se fazer a cidade, ver o potencial criativo e de resistência de parte da população, mas o que isso esconde ou denuncia no tipo de organização política na qual vivemos?

Sobre o direito à cidade: “muito mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com nossos mais profundos desejos” (HARVEY, 2014, p. 28). Para ele, é um direito que depende do exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização. Essa ideia é fantástica e poderia ser assim, mas como realizá-la numa sociedade capitalista, neoliberal, extremamente estratificada como a nossa? Como, se aqui há ainda pessoas que lutam pelo direito à vida? Com a palavra, o autor:

Por motivos óbvios, porém, trata-se de um direito complicado, devido às condições contemporâneas da urbanização capitalista, assim como à natureza das populações que poderiam lutar ativamente por esse direito. [...] É por esse motivo que o direito à cidade deve ser entendido não como um direito ao que já existe, mas como um direito de reconstruir e recriar a cidade como um corpo político socialista com uma imagem totalmente distinta: que erradique a pobreza e a desigualdade social e cure as feridas da desastrosa degradação ambiental. Para que isso aconteça, a produção das formas destrutivas de urbanização que facilitam a eterna acumulação de capital deve ser interrompida. (HARVEY, 2014, p. 247)

2.6 – Alegria como (re) existência comunidade Pingo d`água (Guaratiba – zona oeste)

Rio de Janeiro, domingo, 29 de setembro de 2019. Com Drica e Lohana. Comunidade Pingo d`água (Bairro: Guaratiba, zona oeste)

A comunidade Pingo d`água situa-se a 54, 9 Km (cinquenta e quatro quilômetros e nove metros) da minha casa. Embora mais distante, o trajeto é semelhante ao que me levou à Vila Autódromo: a pé até o Metrô do Largo do Machado, mais o deslocamento via Metrô até a Estação Jardim Oceânico e depois o BRT. E não apresentou muitas questões, para além das horas gastas para chegar: quase 3 horas para ir e mais 3 horas para voltar. E o gasto de pouco mais de 17 reais para ir e voltar.

Conheci Drica, em julho deste ano, através de uma recém-amiga jornalista e atriz. Ex-mãe de santo, joga cartas, mãe de dois rapazes e recém-separada, busca recomeçar sua vida como massoterapeuta. Só nos encontramos uma vez na vida, em um passeio à bela praia de Grumari, com essa minha amiga Clarissa, mas já sentimos um grande carinho uma pela outra. Essa era minha única conexão com Drica, já tendo nesse mesmo dia entrado em sua casa. Pedi a ela que me apresentasse uma pessoa desconhecida, de Pingo D`água. E foi assim que, através de Drica, conheci Lohana. Mas só conseguimos realizar esse encontro dois meses depois.

Durante esse tempo, trocamos mensagens via Whatsapp, combinamos e descombinamos minha ida. Mas uma coisa permanecia: seu entusiasmo em me apresentar a Brisa. E eu pensava: mas o que há de tão incrível na Brisa? O que deve ser Brisa?

A Brisa .. Tem, no caso, a praia de Sepetiba, a praia da Pedra e a praia da Brisa. Só que essas praias, elas não servem para banho. Por causa da poluição do Porto de Sepetiba, poluiu essa área toda. No passado, essa praia aqui tinha aquelas lamas medicinais, né, que as pessoas passava pelo corpo, pra se curar.e tal, mas, enfim, foi muita poluição e a praia não ficou boa. A Brisa, ela é tipo o calçadão de Copacabana,né, mas é bem bonito. Tem coqueiros, tem pranta, tem quiosque. É bem interessante, você vai gostar. Vou ver se eu acho uma foto aqui pra você.

Ah, que ótimo, Drica. Nem precisa me mostrar foto não, viu. Eu gosto de ver pela primeira vez, deixa a surpresa.

Ah, então tá. Pena que vai ser pela manhã porque se fosse à tarde ia ter um monte de quiosque funcionando, pagode, um monte de coisa assim, entendeu? mas aí como a Lô vai trabalhar à tarde.. aí, mas tem muita gente caminhando, é muito legal. Muito legal mesmo. É bem bonito! Tem o píer, que pode botar vocês conversando no Pier, tirar fotografia lá no Pier, vai ficar muito show!

Oba! Maravilhoso! Então, tá. Além dessa parte também mais bonita, mais turística, não tem problema e, pelo contrário, a gente também aparecer nos lugares mais simples também, tá Drica, não sei como é lá pra tirar foto, se tem algum problema, que tem lugar que não pode tirar foto, né. Mas a ideia mesmo é mostrar o Rio real. Mas também vai depender muito do que vocês quiserem me mostrar. Eu não posso também dizer assim: ah, me mostra tudo. Na verdade o meu trabalho é pedir pra vocês me mostrarem os lugares por onde vocês gostam de passar, mas também o que vocês não gostam, sabe? Não é nem só a parte ruim, nem só a parte boa. Entende? Pra ficar real também, pra mostrar que o Rio é muito maior que só a zona sul, que a gente já conhece, muito pela televisão. Mostrar um outro Rio, entende a questão? Por isso que tem que ficar um pouco mais à vontade também, não só nessa coisa da beleza da fotografia, da paisagem bonita, mas da paisagem real também, com os fios, com as coisas que tem na nossa cidade, que nem sempre são tão bonitas, né.

(Rindo muito) Não, você pode ficar tranquila, que aqui a Brisa é bonita, mas tem muita coisa feia também pra você ver. Pode ficar tranquila. A gente vai te amostrar tudo: coisa bonita, coisa feia, coisa horrorosa. Pode ficar tranquila. (áudio via Whatsapp, em agosto de 2019)

A partir daí, nossos áudios foram de muitas gargalhadas, a elogiei, dizendo que ela entendia meu trabalho melhor que eu. E ela respondeu, com sua gargalhada contagiante: – *que nada, que nada. É a experiência de quem mora no barro, no brejo, só da nisso*. Rimos mais e nos despedimos, na torcida por um dia bonito, de sol.

Drica e eu ficamos boa parte do tempo sozinhas, pois Lohana precisou ir ao mercado com o marido, chegando depois. Ela quis me mostrar cada detalhe do seu lugar, inclusive posto de saúde, escolas, delegacia, academia. E quis tirar muitas fotos. Como também gosto, pousamos uma para outra, na Brisa. Há uma réplica do Cristo Redentor neste lugar, onde, segundo ela, moram militares.

Figura 29 – Eu e Drica na Praia da Brisa (Guaratiba)



Fonte: foto 1 – pessoa desconhecida; fotos 2, 3 e 4 - Ana Paula e Adriana.

A seguir, a foto mostra o lugar onde vivem Drica e Lohana. Havia chovido no dia anterior. Segundo Drica, documentos oficiais da Prefeitura consideram que essas ruas já foram pavimentadas e, portanto, não haveria o que fazer.

Figura 30 – Comunidade Pingo d'água (Guaratiba – Zona Oeste), onde moram Drica e Lohana



Foto: Ana Paula Penna.

Lohana chega de carro, com seu filho de 6 ou 7 anos. Ela dirige, embora não tenha carteira. Decidiu não ir trabalhar hoje. Ela trabalha ou trabalhava numa farmácia, em Campo Grande (também zona oeste), mas estava sofrendo assédio moral do patrão, pois está grávida de 2 meses e ele lhe reduziu as folgas. Já entrará com o processo contra ele. Tem sorriso largo, como o meu e o de Drica. Falamos como se já nos conhecêssemos.

Figura 31 – Drica, eu e Lohana



Fonte: foto do filho de Lohana.

Esse encontro, embora muito alegre, me lembrou o conceito de sociedade do espetáculo, de Guy Debord, em que as relações sociais são mediadas por imagens, os homens são mediados por imagens. A televisão, com suas novelas e comerciais, cria imagens sedutoras que ditam nossos modos de ser, vestir, de ser. E hoje, com as redes sociais, todas e todos tornamos-nos produtores e reprodutores de imagens que ficcionalizamos nossas próprias vidas. Drica passa uma imagem muito alegre, apesar de sua condição de vida, em um lugar onde não há saneamento básico, por exemplo. E dominado pela milícia. Dado apresentado como positivo, por ela.

Fico pensando se essa alegria, e incluo inclusive a minha alegria, não seria talvez fabricada por imagens externas a nós. Drica o tempo todo brincava de ser uma personagem da novela da Globo, que é blogueirinha. Não me recordo o nome. O quanto tentamos reproduzir o *glamour* da vida de um artista, e não qualquer artista, mas as celebridades, artistas famosas/famosos.

Ao mesmo tempo, não seria essa sua forma de encontrar algum alento à sua vida que, pra além de questões existenciais, a que estamos submetidos todos, passa por questões

relacionadas a uma sociedade estratificada, uma cidade partida, onde a maioria sobrevive sem os direitos básicos? Até que ponto nossa alegria também nos anestesia em relação aos nossos modos de vida? E, por outro lado, até que ponto a alegria e a poesia não são necessárias para tornar possível, viável uma vida tão dura?

Procurei nesses encontros me deixar contagiar pela alteridade, para possibilitar encontros alegres ou não, abertos a diferentes afetos. Mas aprendendo com eles, com Drica, Vanderson e a família da Vila Autódromo, que, assim como escreveram Krenak, Deleuze e Carolina de Jesus, direta ou indiretamente, sobre esses assuntos, como a alegria e a poesia são também formas de re (existência), ao contrário da tristeza que diminui nossa potência de agir. Krenak (2009, p. 32), por exemplo, fala da importância da dança, do canto e de suspender o céu. “Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir”. E a escritora negra, favelada, Carolina de Jesus, escreve em seu livro *Quarto de despejo* (1960, p. 58): “Fiz a comida. Achei bonito a gordura frigindo na panela. Que espetáculo deslumbrante! As crianças sorrindo vendo a comida ferver nas panelas. Ainda mais quando é arroz e feijão, é um dia de festa para eles”.

A alegria que, algumas vezes parece anestesiá-la, pode ser apenas a forma de sobreviver a este mundo ainda muito injusto. E tanto essas palavras dos atores citados acima, quanto estas experiências com esses encontros, me ensinam a olhar de outros modos para minha própria vida, a enxergar o que há de essencial.

Figura 32 – Encontro para plantar na Vila Autódromo



Foto: Luiz.

2.7. Encontros virtuais para furar muros invisíveis

Quando, em março de 2020, confirmaram-se os primeiros casos de COVID-19 na cidade do Rio de Janeiro, não pude dar continuidade aos encontros presenciais. Criamos, então, um programa performativo virtual, realizado a partir de chamadas de vídeo, via Whatsapp, que foi realizado com 10 pessoas de bairros diferentes, das zonas oeste e norte. Mas agora o programa envolvia, além de conversas sobre seus lugares, também alguma ação escolhida para ser realizada juntas/os, remotamente. De enunciados muito simples, o programa é constituído pelas seguintes ações:

– Solicitar a um/a amigo/a ou conhecido/a que me indique uma pessoa, moradora da zona oeste ou norte, para realizar um encontro virtual, no qual realizaremos uma ação juntos/juntas.

– Realizar um primeiro contato, via Whatsapp, a partir do qual eu falo um pouco sobre o projeto, das minhas intenções: encontrar pessoas das zonas oeste e norte, realizar ação juntos/juntas e conversar sobre a cidade e outros assuntos que surgirem do encontro. E ofereço as opções de ações para escolha, que são: 1. dançar, 2. cantar, 3. colocar os pés ou

mãos na água morna, 4. escutar música, 5. respirar profundamente, 6. tomar sol, por 3 minutos, 7. brincar com a criança, 8. brincar com o animal, 9. meditar e 10. alongar.

Nada é tão objetivo assim. E, muito menos, durante uma pandemia. Esses encontros foram realizados sob condições oscilantes de humor, entre sentimentos de medo da morte, das pessoas que amo e da minha própria morte, impotência em relação ao que fazer diante da vida, o que fazer para ajudar as outras pessoas, como manter a sanidade mental, a saúde psicofísica, como lidar com os medos e angústias das pessoas que me cercam, como lidar com a solidão, com meu tempo, enfim. Um dos encontros foi realizado no meu 45 (quadragésimo quinto dia) de distanciamento social, o primeiro dia que chorei durante a pandemia. Estamos no final de abril de 2020. Chorei muito. E dividi isso com a Jéssica, de Cosmos - moça negra, muito sorridente e simpática, que disse ter iniciado a faculdade de História, mas mudou para Administração por conta do mercado de trabalho. Vi seu telhado de zinco. Ela escolheu ouvir Roxette, *Spending my time*. Minha vontade de chorar continua porque a música me faz lembrar do quanto perco tempo com amores fracassados. A pandemia é um pano de fundo, mas a vida não para. Jéssica, apesar de seu sorriso fácil, fala que o momento é difícil, não por ficar em casa, pois nunca saiu muito, mas pelo medo do que pode acontecer com as pessoas da família ou com ela mesma. O encontro termina, mas o choro continua até o dia seguinte.

Entre 11 de abril e 26 de maio, ou seja, durante um mês e meio, exatos quarenta e seis dias, encontrei dez pessoas. Enquanto que para encontrar presencialmente cinco pessoas, levei três meses. Embora este trabalho não seja sobre números e inclusive parta do desejo de enxergar para além de estatísticas, cabe ressaltar que foi interessante perceber algumas possibilidades que a virtualidade oferece, pelo menos como primeiro contato, já que pretendo dar continuidade a este projeto, agora envolvendo outras pessoas que também queiram furar muros comigo. Uma das possibilidades é que, por não envolver deslocamentos físicos, elimina um dos impedidores mais importantes de cruzar muros na cidade, que é o medo da violência, que, como sabemos, não vem apenas de preconceitos. E a outra é que não envolve custos financeiros e tempo de deslocamento. Então, conceber encontros virtuais como uma primeira abordagem para furar muros invisíveis pode ser uma opção que torne mais viável um primeiro encontro, entre pessoas de zonas socioespaciais distantes.

Outro ponto que vale ressaltar situa-se no lugar da minha experiência pessoal, durante esta pandemia: passei a considerar possível criar vínculos, a partir de contatos virtuais. Os encontros com Rafael, da favela Senador Camará, e Vick, de Paciência (ambos da zona oeste) são exemplos disso. Com eles, que nunca vi pessoalmente, por afinidades estéticas e políticas,

sinto vontade de manter contato, conhecer pessoalmente e inclusive criar parcerias para projetos futuros. Nos dois programas realizados, tanto presencial quanto virtualmente, houve encontros com a duração da ação e encontros que extravasaram a ação, o tempo dela, a tela do celular e acredito que têm potencial de perdurar para além deste projeto.

Perdi, por outro lado, além dos abraços, do contato físico com as pessoas, o encontro com o lugar e com o próprio deslocamento até os lugares. Os encontros presenciais, até pelo deslocamento realizado, via transporte público, tinham duração de um dia inteiro. Enquanto que, via celular, foram reduzidos a menos de meia hora. Os encontros deixaram de ser com os lugares, ou melhor, passei a “encontrar” esses lugares apenas a partir da mediação das pessoas, do que elas me diziam, a partir de suas relações com esses lugares. Sem relação imediata com o bairro, vejo o bairro a partir da mediação da pessoa, então, não há como existir muitos dissensos, choques entre o que ela vê e o que eu vejo. Nossas distâncias foram percebidas e sentidas a partir de questões, principalmente, envolvendo a pandemia. Enquanto muitos amigos estavam preocupados com o fato de não poderem mais ir ao cinema, teatro, aos bares, às rodas de samba, eu ouvi repetidas vezes, ao perguntar como estava ter que ficar em casa: eu já não saía muito mesmo ou, eu continuo trabalhando em casa, ou ainda, que nunca parou, durante toda a pandemia. Pelo contrário, William, morador de Santa Cruz (zona oeste), com sorriso no rosto, contou que além de trabalhar na estação do BRT, trabalha entregando quentinhas com a irmã e ainda corre durante a noite. Me convidou para ir à Santa Cruz, em abril, quando eu realmente estava em *lockdown*, como se vivesse em outro mundo, muito distante do meu. Mas o relato que mais me sensibilizou foi o de Bruno Lima, na comunidade São Jose Operário, em Jacarepaguá (zona oeste). Para Bruno, também nunca houve distanciamento social, muito pelo contrário, trabalhou e trabalha ativamente juntamente com a Igreja Católica da região, arrecadando alimentos, produtos de higiene e limpeza para as pessoas mais vulneráveis do lugar onde mora. E me contando sobre a situação em geral, disse que uma das piores coisas era que muitas crianças estavam sem ter o que comer, com as escolas fechadas. Bruno escolheu a ação respirar. Respiramos juntos. E espero um dia lhe dar um abraço, presencialmente. E ainda poder realizar muitas ações juntos. Dar conta da própria vida e da de tantas/tantos outras/outros também foi e é a realidade de Vanderson, da Vila Kennedy. Muitas cidades dentro do Rio, muitas formas de viver a pandemia.

No lugar de conhecer os lugares, acabei me deparando com o ambiente interno das casas: parede de tijolo cru, telhado de zinco, quadro de formatura no 9º ano na parede e outros espaços típicos da classe média. Esse quadro na parede de Rafael me chamou a atenção. Fico

pensando se não houve por trás disso uma escolha do que se mostrar para uma pessoa, no caso, eu, que me apresento como alguém da zona sul, que trabalha com artes, cuja pesquisa faz parte do mestrado. E mais, penso o quanto isso deve ser incomum para um jovem das classes média e alta, da minha cidade. Duvido que um ex-aluno meu da Escola Parque, localizada na Gávea, tenha algum quadro do tipo pendurado na parede. O que é orgulho para muitos, é a normalidade para uns poucos que se acham totalitários.

Obter as dez indicações, de pessoas de dez bairros distintos, não foi tão simples assim. Nathalia, da Vila Autódromo, tornou-se a principal pessoa-ponte da fase virtual deste projeto. Ela me indicou o Bruno Lima, da comunidade São José Operário (bairro Jacarapaguá, zona oeste) e Fernanda Santos, moradora da Tijuca (zona norte), que me “levou” a um grupo grande de pessoas. Como já dei aula em Santa Cruz, um dos bairros mais distantes da zona sul do Rio, pedi indicação a alguns alunos da zona oeste. Fabrício, de 19 anos, me levou a sua namorada, uma jovem mulher trans, a Jakie, que é de Realengo (zona oeste). E a partir dela, que participava de um *reality show* no Instagram, cheguei até Rafael (autor do mapa afetivo) e Jennifer (Pedra de Guaratiba). Para chegar até Santa Cruz, bairro que fiz questão de incluir nesta pesquisa, depois de tentar através de ex-alunos, sem êxito, consegui chegar a William, através da moça que foi faxineira na casa de minha irmã, a Suellen. Mas o modo mais inusitado de encontrar alguém foi como conheci Victória, moradora de Paciência.

Numa noite de insônia, quando tentava dormir no meu então quarto de empregada, por volta das quatro da manhã, entrei por acaso em uma live, no Instagram, de um Deputado Federal do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), totalmente ao acaso, pois não o conhecia. Glauber Braga, com sua companheira também Deputada Federal do mesmo partido, Sâmia Bomfim, conversavam descontraidamente, tomando cerveja e ouvindo música, numa live em que qualquer pessoa poderia participar, para conversar com eles. Por acaso cheguei nesta live e, pelo clima alegre e intimista, fiquei. Mas, como espectadora. E uma dessas pessoas a entrar foi a Victoria Moura, que hoje chamo Vick. Falou em tom de indignação, do bairro Paciência, onde mora, das dificuldades de transporte, dos horários do trem que dificultam a mobilidade dos moradores da zona oeste, e então, às quatro e trinta e nove desta madrugada, do dia 2 de maio, entrei em seu perfil, expliquei que tinha acabado de vê-la na live do Deputado e gostaria de conversar sobre a zona oeste. Ela respondeu, prontamente: claro. Mandeí áudios falando sobre as ações performativas com pessoas das áreas invisibilizadas ou estigmatizadas, que gostaria de furar muros, falei que era de Santa Teresa e Laranjeiras e, por fim, enviei meu número de telefone para ela, que me respondeu, no mesmo instante, em cinco áudios:

Cara, desde já, eu já falo que parece que é uma coisa... você ser formada pela UNIRIO e a gente trocar essa ideia acerca de artes e performances, né, é obvio que vou anotar seu número, vou gravar agora. Mas, deixa eu te falar. Eu fiz uma introdução ao teatro, às artes cênicas, na UNIRIO, num curso livre, com uma maravilhosa chamada Camila, aí na UNIRIO, ano passado,. Aí eu tava pensando: Nossa, precisava voltar pro teatro urgente! Porque pra mim funcionou como forma de terapia. Mas eu vou anotar seu número aqui e aí a gente conversa o tempo que for preciso acerca disso, tá bom? E assim, nossa, caraca, mano, parece que é Deus! E sim, eu sou moradora da zona oeste, moro aqui em Paciência, tou aqui em Antares, Santa Cruz, sabe? Todo esse lugar em que nada chega! Não chega! Ana Paula, não chega! Cultura, artes, museu! Essas pessoas aqui são muito, muito, muito! Muito esquecidas! Sabe? Se não sou eu, que venci a barreira, e sou uma bolsista da FGV hoje, de verdade, eu não sei o que seria da minha vida, sabe? Pra ver o outro mundo, o outro Rio de Janeiro! É necessário que essa esquerda, que são nossos representantes do Estado, saiba! Eu vou mandar uma mensagem pra ele agora! (fala entusiasmada, referindo-se ao Glauber) Porque ele me pediu.

(Victória Moura, via áudio do direct do Instagram, em 2 de maio de 2020, às 5:00 h)

Eu respondo que não sei o que é isso na pele, mas eu sei o que é isso de observar. Digo que vou contar toda minha história, falo que não conhecia nenhum dos dois deputados, de como cheguei à live, e digo que vou fazer isso amanhã, porque acho que tem muito “caldo pra sair daí”, da nossa conversa. Estimulo-a a mandar mensagem ao Deputado, dizendo que a esquerda tem mesmo que ir à zona oeste, pois a Igreja Universal do Reino de Deus vai e aí não dá certo. Ela escreveu, mas ele não respondeu. Nunca fui ao bairro de Paciência, apenas passei de trem. 60, 8 Km (sessenta quilômetros e 8 metros) e muitas diferenças separam Paciência de mim. Quando, no dia seguinte em que nos conhecemos e realizamos a videochamada, perguntei à Vick o que ela me mostraria, ela disse que não saberia o que mostrar no seu bairro. Depois, lembrou-se do Cemitério. “Tem um cemitério bem bonito aqui”. Não farei qualquer interpretação desse momento aqui, apenas peço a você que me lê que faça o exercício de imaginar morar em um lugar onde a parte mais bonita e interessante é um cemitério.

Durante a videochamada e, como combinado antes, ouvimos uma música escolhida por ela. Drive. “Mas, uma música em inglês?” Pensei. Logo ela, que parece tão combativa e consciente? Qual o problema de querer ouvir ou gostar de música americana? Nenhum. Não tenho nada contra músicas de outras nacionalidades, mas o que considero sintomático da nossa neocolonialidade é o desconhecimento ou desvalorização de músicas brasileiras, em seus inúmeros gêneros, privilegiando músicas americanas. O problema não é ouvir música estrangeira, o problema é só conhecer música estrangeira. E sabemos que isso não é por acaso. E isso não se aplica apenas aos jovens pobres, da zona oeste, pois, durante uma roda de samba no Ocupa Minc RJ, me chamou a atenção jovens brancos de classe média de esquerda

não reconhecerem a maioria dos sambas tocados. No mesmo encontro, ofereci à Vick e ouvimos, juntas, uma música: um samba do João Nogueira.

Mas parei para ver a letra de Drive depois de terminado o encontro e achei a letra bem instigante, relacionando-se tanto ao momento de pandemia, quanto a uma busca por autonomia e não reprodução do *status quo*. Enviei a tradução da letra, através de uma leitura minha, via áudio.

Às vezes eu sinto medo da incerteza, espetando. Eu não posso deixar de me perguntar o quanto vou deixar esse medo assumir o volante e me guiar (...) ultimamente eu tenho começado a achar que eu deveria ser aquele por trás do volante. Então se eu decidir renunciar à minha chance de ser mais um na multidão vou escolher água ao invés de vinho me assumir e conduzir?

(música Drive, da banda norte-americana Incubus, formada em 1991)

Disse a ela que tinha tudo a ver com o momento e talvez com ela, ela respondeu: “Nossa, tou toda arrepiada”. Era uma música que ela ouvia na adolescência e nunca tinha prestado atenção na letra. Eu falo pra ela o quanto penso que a gente deveria pegar as rédeas do lugar onde a gente vive, sem esperar semideuses, mitos e até presidentes de esquerda. Que muitas conquistas dos governos Dilma e Lula partiram de pressão de movimentos sociais, quanto é importante a gente se organizar e não deixar o poder na mão de poucos. Trocamos muitos áudios, depois disso, sobre política, sobre a falácia da meritocracia, racismo estrutural, sobre o filme Parasita, música, rodas de samba, feminismo. Vick refere-se a sua condição de privilégio, durante a pandemia: “eu pelo menos tenho casa, tenho quarto, tenho conforto, moro com minha mãe. Vi uma postagem no facebook sobre o jacaré onde as pessoas não têm condições de ficar em casa, com suas quatro crianças. É muito triste”. Em outras conversas, lembrou que, além do cemitério, há a Casa do amor, em Ucrânia, lugar próximo, onde artistas se reúnem e há oficinas de escrita.

Jakie, a moça trans em transição, de Realengo, me apresentou a música Gota da Liniker, que ouvimos juntas, em um momento bem agradável. Jakie me diz que se eu fosse para Realengo, me apresentaria seus amigos, artistas, que lá há muitos artistas, da dança, das artes plásticas e que o lado ruim é o descaso dos governos refletido na sujeira das praças e na escassez de escolas públicas. “Há apenas uma. Quem quer estudar tem que ir para longe”. Quer? O verbo querer só chamou a atenção agora, enquanto transcrevo aqui sua fala. Estudar parece escolha para as pessoas de origem pobre, ao passo que estudar, no sentido de escolarizar-se, para a classe média, não é muito discutível, parece natural. Esse tema aparece

na minha dissertação de Mestrado em Educação³⁶, cursado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), entre 2001 e 2003, na qual discuto os processos de escolarização das camadas populares, que, mesmo quando são considerados de sucesso, não garantem o acesso às universidades e envolvem um trabalho árduo e extenso da família e, claro, da própria criança, adolescente ou jovem. Não apenas por questões materiais, mas também por questões simbólicas, como a distância entre a cultura escolar e a cultura das camadas populares. Um dos primeiros muros invisíveis. Muito cruel porque sendo invisível, o fracasso cai sobre o próprio indivíduo, que é taxado de preguiçoso, bagunceiro ou burro.

³⁶ Disponível em: http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/ana_paula_penna_da_silva-me.pdf. Acesso em: 20 nov. 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do mesmo modo como esta dissertação não é o começo, mas a continuidade de alguns trajetos que vêm de longe, partindo de marcas pessoais e estranhamentos sobre a cidade e o país onde vivo, termino esta escrita com a sensação e vontade de que este trabalho não termine aqui. Que seja só um dos pontos de chegada para um longo caminho da minha construção como artista e pesquisadora. Ou o começo de um projeto que ainda pode ter outros desdobramentos, artísticos e políticos.

É que no plano das marcas, como vimos, não há unidades discretas, o movimento é contínuo, pontuado apenas por limiares de intensidade em que se produzem diferenças que são disparadoras de uma cronogênese em múltiplas direções. Ora, dar por terminado um texto, publicá-lo, vem como que fazer um corte e efetuar no visível este devir que se engendra no invisível. (ROLNIK, 1993, p. 250)

Na primeira parte, expus as marcas, relações e os trajetos que me instigaram a criar um programa performativo que pudesse furar muros invisíveis da cidade do Rio de Janeiro, que me levasse a ver outros lugares, outros bairros, outros rostos, corpos que não veria a partir da minha relação habitual com a cidade, marcada por uma circulação viciada entre bairros da zona sul e central. Situei meu lugar socioespacial atual, como mulher branca de classe média, moradora de um bairro privilegiado, mas também falei sobre minha origem mais humilde, que relaciono ao fato da minha própria dificuldade de me ver como pertencente a uma classe artística. E sobre encontrar os encontros de Eleonora Fabião, com os artistas e pesquisadores Tania Alice, Marcos Bulhões e Marcelo Denny e com Charles Feitosa, que orientou este trabalho durante o primeiro ano deste Mestrado, encontros fundamentais para o desenho do que viria a construir nesta dissertação.

Na segunda parte desta dissertação, convidei vocês a partilharem deste sair do lugar, através de narrativas criadas a partir da realização do primeiro e do segundo programa performativo. O primeiro, presencial, a partir do qual fui ao encontro de cinco pessoas das zonas oeste e norte, e o segundo, que por ser realizado durante a pandemia, deu-se virtualmente e me possibilitou encontros virtuais com dez pessoas, majoritariamente da zona oeste, de bairros invisibilizados ou estigmatizados por moradores das zonas mais privilegiadas da cidade do Rio de Janeiro. Além de apresentar-lhes um mapa afetivo, desenhado pelo jovem Rafael, morador da favela Senador Camará, com pontos criados a partir de imagens e conversas que emergiram a partir desses dois programas. Sem saber antecipadamente que um dos desdobramentos seria esse, a proposta, que foi se desenhando durante a realização do primeiro programa, é gerar histórias e narrar as experiências vividas a

partir do meu encontro com esta cidade e com as pessoas desses lugares. O mapa afetivo, criado igualmente sem ter sido objetivo inicial, foi criado a partir de conversas virtuais com um grupo de cinco pessoas que participaram de um dos programas.

La narrativa de experiencias y la experiencia de la narrativa son puntos clave del proyecto. Como dice Maurice Blanchot: “El relato no es la narración del acontecimiento, sino esse acontecimiento mismo, el aproximarse de esse acontecimiento, el lugar donde éste está llamado a producirse”. (FABIÃO, 2016, p. 295)

Uma das questões que percebo só após a concretização dessas experiências numa escrita, a partir de apontamentos finais da minha orientadora Tania Alice, é que a divisão em duas partes desta dissertação reproduz os muros invisíveis entre artistas pesquisadores da academia e as pessoas e lugares que encontrei a partir desse projeto. Há toda uma discussão e tentativa de esforço de decolonialidade dentro dos cursos de artes, mas eu mesma não consegui fazer isso de modo muito aprofundado, no uso da bibliografia, nesta dissertação. Grande parte dos artigos que leio de artistas pesquisadores brasileiros referencia-se ainda ao universo de experiências artísticas de autores americanos ou europeus. Quando o escritor e curador brasileiro André Lepecki (2012) escreve sobre a imagem da polícia como coreógrafa da cidade e seus fluxos de circulação, em seu texto *Coreopolítica e coreopolícia*, os exemplos citados não fazem ressonância com o modo de agir da polícia carioca, por exemplo.

A cena do musical de Hollywood *Singing in the Rain*, em que o ator Gene Kelly dança sob a chuva e é interrompido por um policial que apenas *aparece* na cena, parando e cruzando os braços, e o exemplo do artista plástico norte-americano William Pope L., que se propõe a rastejar, vestido de super-homem e com um *skate* amarrado às suas costas, toda a Broadway, até que a polícia aparece redirecionando o seu movimento, interferindo no fluxo da arte como um crítico severo, não fazem ressonância com modos de agir da polícia carioca, principalmente de lugares desprivilegiados. E onde também, além da polícia, há outras forças, como a milícia e o tráfico, agindo sobre as coreografias das pessoas que habitam ou visitam esses lugares e, conseqüentemente, **sobre** possíveis proposições artísticas, principalmente com pessoas vindas de fora. No lugar de um movimento de parar e cruzar os braços, como na cena do filme hollywoodiano, ou de uma intervenção feita por uma conversa, haveria provavelmente ameaças à vida, o que pode ter impedido, na Vila Kennedy, por exemplo, a realização da terceira parte do programa performativo que envolvia a criação de uma ação em conjunto.

O mesmo acontece com leitura de Eleonora (2016) sobre um dos conceitos que emergem de sua prática *Linha*, realizada na cidade de Nova York. A artista e pesquisadora

fala sobre a autovigilância, apropriando-se de uma elaboração de Foucault, de que vivemos a transição de uma sociedade disciplinar para uma sociedade de controle, onde não teríamos mais o olhar vigilante externo, mas sim uma internalização de limites criando uma autovigilância, o que também me parece distante quando penso nos contextos de muitos lugares da zona oeste pelos motivos supracitados, onde não é possível olhar para os lados, e até mesmo falar sobre determinados assuntos, em alguns pontos do bairro, que é uma favela.

É importante pensar na impossibilidade de realização de ações como deriva, criada pelo situacionista francês Guy Debord, nessa cidade. Ir sozinha ou mesmo sozinho a muitos lugares desta cidade, sem que se conheça ninguém, é correr risco de morte. Talvez o fato de eu ser uma mulher cis, mesmo branca, não tenha me causado tanto risco quanto se eu fosse um homem, nesse caso especificamente, quando fui à Vila Kennedy, por exemplo. Uma das pessoas-pontes, um ex-aluno de um projeto social, morador da zona oeste, em sua opinião sobre esse trabalho, disse:

Eu gostei muito. Muito muito muito desse projeto. Qualquer pessoa que olhar vai falar que você é maluca. Porque entrar num lugar estranho, que você nunca foi, com alguém que você também nunca nem viu na vida, iam falar que você é doida, que você tá querendo se matar. Mas eu vejo esse projeto, como um projeto bem legal, que bom que você conhece pessoas de diferentes lugares, você conhece lugares que você nunca foi e nunca iria, né. Amei amei amei. Sério. Foda demais. (FABRÍCIO³⁷, em áudio de Whatsapp, 12 de maio de 2020)

Um áudio desses não seria dito por um/uma morador/moradora da Glória, ou da Lapa, ou do Leblon, ou talvez pudesse ser dito até a parte em que ele diz “você é doida” por ir a um lugar estranho, conhecer alguém que nunca viu na vida. “Não fale com estranhos” é um lema bem aceito e reproduzido por nós, desde crianças, moradores de cidades grandes. Mas um morador da zona sul dificilmente diria que eu estaria querendo me matar por conhecer uma pessoa estranha em Ipanema ou na Glória – ambos bairros da zona sul, talvez isso não fosse dito nem por moradores de favelas da zona sul, onde a entrada ostensiva da polícia apresenta diferenças em relação às favelas distantes da zona sul. O risco de morte, a tensão diária é parte constitutiva que, usando os termos de Lepecki (2012), cria coreografias, fluxos possíveis, nas favelas da zona oeste e norte, mas isso ainda não é problema de todas as pessoas moradoras da cidade porque a maioria de nós aceita a guerra que acontece longe dos nossos olhos. Não nos identificamos com esses rostos, esses outros corpos, os muros são eficazes na produção de diferenças, abismos e indiferença em relação ao genocídio que ocorre

³⁷ Todas essas denominações foram dadas por Fabricio, 19 anos, a meu pedido. No dia 10/11/2020, via whatsapp. Ele é morador de Senador Camará, uma das favelas da zona oeste, favelado, preto, LGBTI+, empreendedor que faz doces, “sou... vamos dizer assim, um poeta”, que adora escrever e ama doces, namorado de uma das meninas mais lindas do mundo que é a Jakie, uma mulher trans, LGBTI+, fotógrafa e designer.

nesses lugares. Há 44 quilômetros daqui de onde escrevo, a guerra contra o tráfico mata “sem querer” um homem na cadeira de rodas, mata “sem querer” um pedreiro que trabalhava na laje, só para citar situações que acompanhei durante as trocas de mensagens com Vanderson, desde agosto de 2019, até o presente momento. O que pode a arte diante desse cenário? Sem pretender ser salvadora, pois não há salvadores. Mas ignorar uma cidade inteira, onde vivemos, me parece que não deveria ser opção. Pretendo, durante o doutoramento, prosseguir com o programa presencial, mas buscando parcerias com artistas dos lugares visitados. Nesse sentido, identifico neste trabalho também uma busca ainda muito iniciante de outras abordagens, outros autores e artistas pesquisadores com olhar voltado às nossas especificidades.

A criação de um *site* ou página no Instagram continua sendo um desejo, reforçado pelas sugestões do artista e pesquisador Marcos Bulhões, mas esbarra com o medo de exposição (minha e dos moradores) onde estas guerras existem, e não são poucos esses lugares. Uma matéria recente do G1³⁸ divulga dados alarmantes:

Uma pesquisa inédita sobre a expansão de organizações criminosas no Rio revela que milícia e tráfico estão presentes em 96 dos 163 bairros da cidade. Nessas áreas subjugadas vivem cerca de 3,76 milhões de pessoas, do total de 6.747.815 habitantes — segundo estima o IBGE. Rio tem 3,7 milhões de habitantes em áreas dominadas pelo crime organizado e que milícia controla 57% da área da cidade. (Nicolás Satriano, 2020)

Ou seja, há que ter todo um cuidado sobre o que falar, como falar. Porque é importante mostrar outras histórias, para além da violência, mas ao mesmo tempo será que há como não tocar nesse assunto? Porque ele dita formas de habitar, de agir, viver e morrer, nesses lugares.

Posso dizer que experimentei, a partir da realização dos programas realizados nesse projeto, algo parecido com o que Fabião (2013) chama de desprogramação. Desprogramar a si mesmo e ao meio é uma das possibilidades da realização do programa, uma vez que:

Através de sua prática acelera circulações e intensidades, deflagra encontros, reconfigurações, conversas, como diz Pope.L, “faz coisas acontecerem”. Através do corpo-em-experiência cria relações, associações, agenciamentos, modos e afetos extra-ordinários. Performances são composições atípicas de velocidades e operações afetivas extraordinárias que enfatizam a politicidade corpórea do mundo e das relações. O performer age como um complicador, um desorganizador; cria para si um Corpo sem Órgãos ao recusar a organização dita “natural”, organização esta evidentemente cultural, ideológica, política, econômica. Um performer pergunta sobre capacidades e possibilidades do corpo; sobre pertencimento, exclusão, mobilidade, mobilização; pergunta: de quem é esse corpo? a quem pertence o meu corpo? e o seu? (FABIÃO, 2013, p. 5-6)

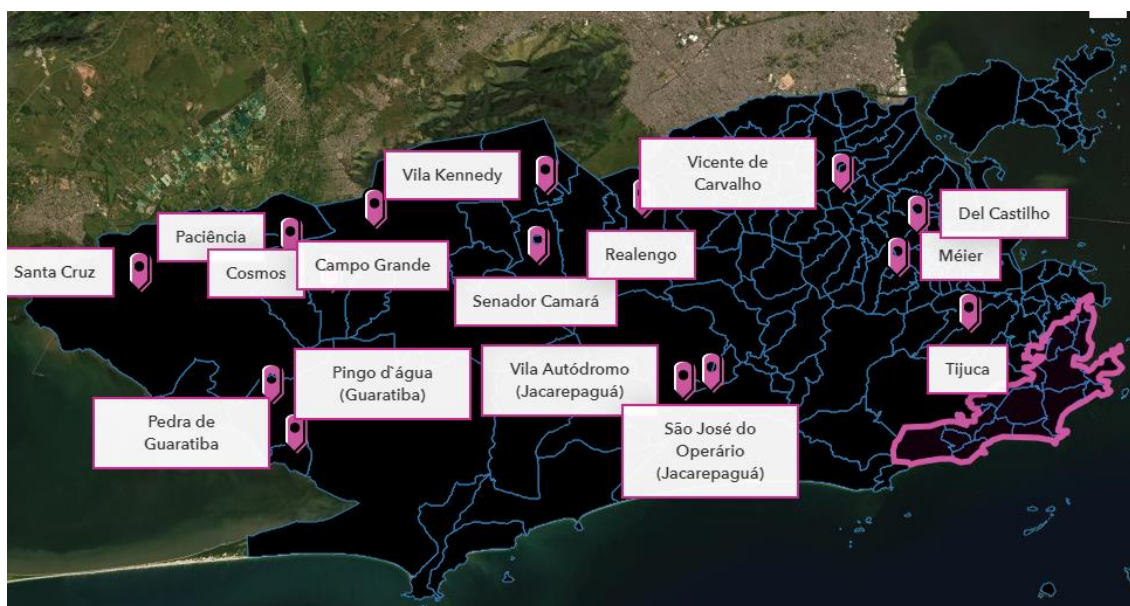
³⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/10/19/rio-tem-37-milhoes-de-habitantes-em-areas-dominadas-pelo-crime-organizado-milicia-controla-57percent-da-area-da-cidade-diz-estudo.ghtml>. Acesso em: 11 nov. 2020.

Um dos aspectos de minha transformação é que desnaturalizei a predominância de pessoas brancas nos lugares onde vou, no meu grupo de amigos e conhecidos. Quando, há alguns dias, uma amiga me mostrou foto de crianças de quem é mediadora numa creche escola no Cosme Velho (bairro da zona sul com ligação à Lagoa Rodrigo de Freitas por um túnel) e elas são loiras, isso me saltou aos olhos. Quando vejo foto das crianças da escolinha da minha sobrinha, também brancas e loiras, eu estranho. Contraditoriamente, minha orientadora e os integrantes da banca são pessoas brancas. A vontade de ter uma artista pesquisadora negra, na banca, foi frustrada porque talvez este trabalho ainda não aprofunde algumas relações raciais, o que pretendo aprimorar no doutoramento. Mas fica aqui como uma autocrítica também e explicitação de uma das contradições nas quais está mergulhado este trabalho.

O segundo aspecto que considero como parte de minha desprogramação é ter ampliado e tornado concreto outro desenho desta cidade, a cidade ganhou outra dimensão para mim, cresceu, os bairros ganharam fisionomias, através dessas pessoas que conheci, concretude, diferenças, e entraram na organização espacial da imagem que, só agora, sigo compondo, para além do que meu cotidiano me levava. Há ainda muito a conhecer e fazer, em coletividade.

No mapa a seguir, criado a partir do site da prefeitura do Rio de Janeiro, identifiquei os lugares e bairros para onde os programas me levaram, mesmo virtualmente. E contornada em rosa, bem pequena, está a zona sul do Rio de Janeiro.

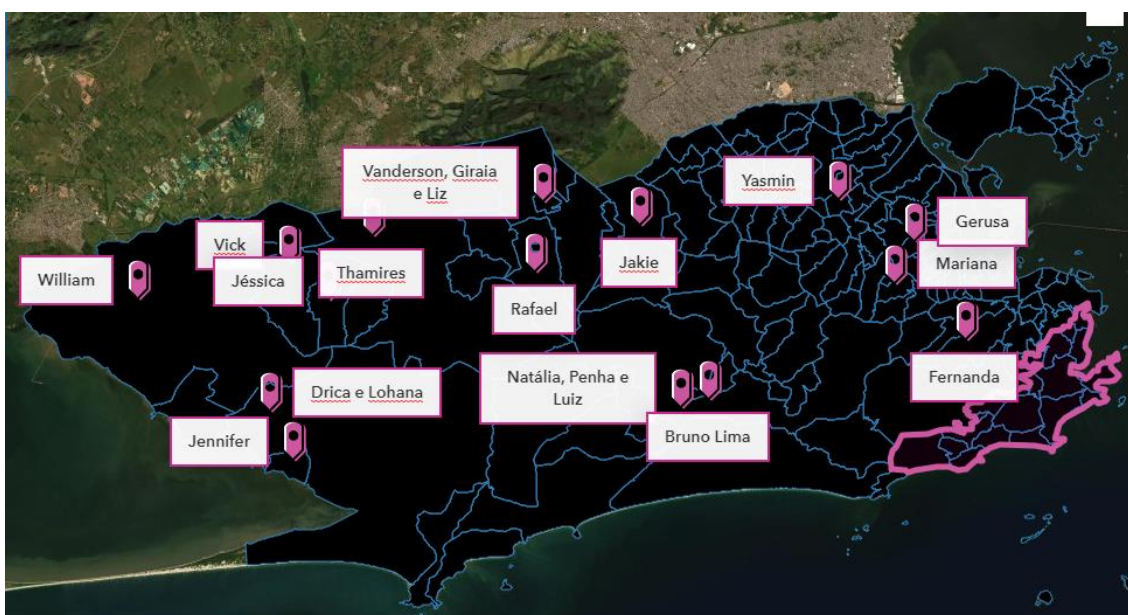
Figura 33 – Bairros para onde os programas performativos me levaram



Fonte: <https://www.data.rio/maps/edit?content=PCRJ%3A%3Alimite-de-bairros>. Acesso em: 9 nov. 2020.

Conversar, escutar, respirar com, ouvir música com, abraçar, caminhar junto, ouvir suas histórias, suas relações com esses lugares, entrar em relação com as pessoas que participaram dos programas, deu novas cores, nuances a esses lugares, que passaram a existir de uma forma mais concreta a mim, menos homogênea, mais diversificada e interessante. Porque os moradores deixaram de ser estatísticas, números, rostos a quem já se atribui características, mesmo antes de se conhecer.

Figura 34 – Pessoas que encontrei a partir dos programas performativos localizadas em seus bairros.



Fonte: <https://www.data.rio/maps/edit?content=PCRJ%3A%3Alimite-de-bairros>. Acesso em: 9 nov. 2020.

Penso, agora, como o simples caminhar pela cidade, mas como programa performativo, pode ser potencial criador de conversas, trocas, memórias de afetos. Mesmo nos lugares e trajetos já realizados anteriormente por mim e pelas pessoas que encontrei, caminhar pelas ruas, a partir de um programa performativo, nos provocou um olhar estrangeiro mesmo para o que já nos era familiar, e nos fez enxergar coisas que pelo hábito, pelos modos de andar automatizados condicionados pelo tempo corrido e necessidades básicas diárias, nos passavam despercebidos. Me colocar em experiência de encontro, a partir de um programa, me levou a outro tipo de atenção, de escuta, de percepções. E potencializou o surgimento de questões sobre nossos lugares mais familiares e relações com a cidade. Mariana, por exemplo, embora tenha reforçado uma frase de orgulho e repetida pelos moradores do Méier: *o Méier é meu país*, me contou que assim que a convidei para participar do projeto perguntou a si

mesma: mas, o que tenho pra mostrar aqui? Como se não houvesse histórias ou relações ou lugares que pudessem interessar em uma conversa sobre o lugar. E na vinda de Mariana até meu bairro, eu mesma parei com ela em alguns pontos da rua das Laranjeiras, por onde passo há mais de 10 anos, e percebi um casarão antigo que nunca havia reparado, simplesmente, porque a mim essa rua é funcional, uma passagem. Parar numa calçada, em dupla, e olhar para um ponto que ninguém olha, chamava a atenção de quem passava. Afinal, o que estão vendo? Em uma tarde, de dia de semana, ou seja, dia de trabalho, o que fazem duas mulheres olhando para além dos muros do casarão?

O sujeito que emerge entre as rachaduras do urbano, movendo-se para além e aquém dos passos que lhe teriam sido pré-atribuídos, é o sujeito político pleno. Para esse sujeito, a questão fundamental é recapturar uma nova ideia, uma nova imagem e uma nova noção coreográfica de movimento. (LEPECKI, 2012, p. 57)

E quando D. Penha e Nathalia (Vila Autódromo) vieram até minha casa, fizeram perguntas sobre as relações que nós cinco, moradoras que compartilhávamos a casa à época, estabelecíamos em relação à partilha de alimentos, divisão de tarefas, que me fez olhar com atenção diferenciada para essas relações já naturalizadas. Elas estranharam um pouco o fato de morarmos juntas e não compartilharmos alimentos, por exemplo. O choro de Nathalia na Capela cor de cenoura, da Vila Autódromo, também veio inesperadamente e como ela mesma disse, não chorava há muito tempo, veio quebrar a ideia de alegria e superação que a família me passou nas primeiras horas do encontro. E acredito ter sido possível porque construímos uma temporalidade e relação de escuta e confiança que não seria possível se a mesma história fosse contada em entrevista gravada ou durante uma visita ao Museu das Remoções, por exemplo.

Foram vários os momentos em que me coloquei em questão, durante esses encontros, em relação à minha capacidade de escuta, abertura ao novo, ao que achava que já pudesse saber, e isso foi muito importante também. Já na finalização desta escrita, minha irmã, uma das pessoas que mais me conhece, me disse que ir a esses lugares para mim não deve representar nenhum desafio, porque, segundo ela, eu transito muito bem e me sinto muito mais à vontade com pessoas mais simples e que, ao contrário, seria muito desafiador encontrar a “high society”, o que considero ser possível mesmo, até porque, inclusive, não convivo e nem conheço, pessoalmente, pessoas realmente ricas. Mas o que foi interessante de me colocar em experimentação nesses programas foi desconstruir uma certa imagem idealizada de um certa unidade do que seriam pessoas pobres. Quando um dos participantes

desse projeto me levou à casa de sua tia e eu me deparei com uma precariedade que não conhecia muito, a não ser por uma tia que mora em uma favela em Salvador, entrar naquela casa, de tijolos crus, sem massa e pintura, na Vila Kennedy me deixou muito desconfortável porque eu estava ali na figura de “outra”, de diferente mesmo. Vanderson me apresentou como pesquisadora e quando uma das pessoas que estavam na casa me perguntou o que eu fazia ali, fiquei realmente desconcertada e constrangida, sem saber bem o que falar, tentando explicar o que era um Mestrado. Talvez por entrar num espaço de intimidade, dentro daquela casa muito simples e sob o olhar de sua tia que fez questão de marcar nossas diferenças, tratando com mais amabilidade a Katianne, a pessoa-ponte desse encontro, por saber que era moradora de Bangu, bairro vizinho. Com ela, que demonstrava uma consciência de classe e dos muros simbólicos, que não tinha dinheiro para comprar seu remédio para alergia, eu não soube muito bem o que dizer. Outro momento, em que me vi como “outra”, quando saí mesmo do meu lugar, vi o quanto eu não conhecia aquele universo, foi quando me vi tão perto de armas que não sei nomear e do medo da invasão do caveirão. Estar em lugar em que há um risco iminente de tiroteio também me tirou do lugar, pois nunca tive essa experiência na vida, tive medo, tive vontade de ir embora como não tive nos outros encontros.

Nesse sentido, volto aqui ao primeiro capítulo e reforço o quão importante foi ter criado um programa em que eu mesma me colocasse em experiência, porque minha origem pobre não me dá a dimensão do que sejam as diversas camadas de uma grande população a quem é atribuída essa nomenclatura. Seria simplificar muito esperar que, por minha origem social, eu já saberia o que encontrar, seria ignorar as interseccionalidades entre classe social e racial, classe social e gênero, classe social e lugar/bairro onde se vive, dentre outras. Colocar em um mesmo “pacote” as pessoas pobres seria reproduzir aquilo que eu mesma gostaria de criticar e transformar. Então, foi muito importante e fundamental dar esse primeiro passo e me colocar em experiência, para sair do meu lugar.

O que consegui com esses programas não foi exatamente furar muros, mas talvez tenha provocado algumas fissuras ou rachaduras, porque o grupo de pessoas que encontrei ainda é de pessoas, embora desses lugares e majoritariamente negras, que apresentam certo lugar de privilégios ou de destaque nos lugares onde moram. Pessoas escolarizadas, algumas com formação universitária, lideranças nas suas comunidades, como a família da Vila Autódromo, Vanderson da Vila Kennedy e Bruno Lima da comunidade São José Operário, pessoas com interesse por arte e por discussões sobre desigualdades sociais e raciais, como a Vick e o Rafael. Isso se deu porque meu programa performativo envolvia pessoas-ponte, ou

seja, pessoas conhecidas ou amigas, que me indicaram essas pessoas estranhas. Elas tornaram possíveis esses encontros, mas, por me conhecerem ao menos um pouco, as pessoas indicadas tinham quase sempre uma afinidade com minhas propostas e pensamentos.

Então, minha intenção de furar esses muros só deu um primeiro passo, uma vez que a partir delas agora sim posso chegar a pessoas mais distantes do meu contexto atual. Donas de casa, pedreiros, faxineiros, pessoas com baixa escolaridade, para dar exemplos. Também considero que a função das pessoas-ponte poderia ter sido aprofundada, para além de fotografar. Durante as realizações, aos poucos, seus papéis foram ampliados e elas passaram a também se relacionar com o lugar, de forma curiosa e atenta, com perguntas, apontamentos, o que foi muito interessante.

Consegui realizar todas as etapas do programa performativo presencial apenas na Vila Autódromo, dos cinco lugares onde iniciei os encontros. E acredito que um dos motivos tenha sido porque criamos laços que ultrapassaram este projeto. Vínculos de amizade. O que também aconteceu com o Vanderson de Vila Kennedy e até com pessoas que ainda não vi, sem intermédio da virtualidade, como o Rafael e a Vick, pessoas que tenho muita vontade de encontrar e conhecer mais. Uma das coisas que me chamou a atenção, na tentativa de criação de ações no programa presencial, foi que as propostas eram muito pragmáticas: plantar, lavar e pentear cabelos dos idosos, fazer bolo de chocolate e distribuir aos vizinhos. Achei isso muito bonito, e foi incrível plantar com a família da Vila Autódromo, cansativo mas muito emocionante. No entanto, reconheço que só no meio desta pesquisa comecei a compreender o próprio conceito de programa performativo. Então, ao continuar esta pesquisa, pretendo também dividir com as pessoas a compreensão deste conceito e realizar ações simples, mas um pouco mais detalhadas e elaboradas. Para que não fique apenas como uma ação social, o que já seria e é muito importante e louvável. Mas desenvolver melhor as escolhas em relação a: onde, como, e trabalhar o simbolismo das ações, para além dos efeitos práticos.

Há uma vontade minha, compartilhada com algumas das pessoas que encontrei, de articularmos um encontro presencial com todos. E quem sabe com outros artistas, das zonas oeste e norte. E percebo o quanto eu posso, agora, ser ponte, criando encontros entre pessoas de origens socioespaciais da cidade do Rio de Janeiro. Inclusive, aproveitando as possibilidades e facilitadores da virtualidade para iniciar conversas, até que elas possam se concretizar em encontros presenciais. Por mais perdas que os encontros virtuais possam ter, em relação à sensorialidade, no caso do projeto que quero iniciar, pode ser uma das primeiras

formas de quebrar preconceitos, sem que a pessoa tenha que enfrentar os possíveis medos de ir até determinados lugares.

Se a organização espacial da cidade não permite encontros de fato entre classes e raças, a performance pode inventar esses encontros. Se as escolas separam, se a organização espacial da cidade separa, então, como a performance relacional pode dar a ver uma sociedade organizada de forma tão cruel e desigual, possibilitando caminhos para alteridade e mudanças desse cenário?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALICE, T. **Diluição das fronteiras entre linguagens artísticas**: a performance como revolução dos afetos. Reflexões sobre a linguagem da performance no Brasil. Catálogo Nacional do SESC, 2014.

ALICE, T. Performance e Sociedade: Percepções Contemporâneas. *Revista Polêmica*, Rio de Janeiro n. 8, 2009. Disponível em: [http://www.polemica.uerj.br/8\(2\)/imagem/p8\(2\)_5.htm](http://www.polemica.uerj.br/8(2)/imagem/p8(2)_5.htm).

ALICE, T. Por que você é pobre? – uma reflexão sobre a segmentação dos espaços culturais do Rio de Janeiro. *In: SECOND INTERNACIONAL CONFERENCE ON ARCHITECTURE, Theatre and Culture, 2012. Anais...* Rio de Janeiro: FAPERJ / FINEP / CNPQ, 2012. v. 1.

AUGÉ, Marc. **Não lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade**. Lisboa, 90 Graus, 2005.

BOMFIM, Z. Á. C. Afetividade e ambiente urbano: uma proposta metodológica pelos mapas afetivos. *In: PINHEIRO, J. de Q.; GÜNTHER, H. (Orgs). Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 253-280.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BAFFI, Diego. Anti-artigo ou artigo para a diferença. **Anais Abrace**, v. 11, n. 1, 2010. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/3371/3529>.

CAMPBELL, Brígida. **Arte para uma cidade sensível**. São Paulo: Invisível Produções, 2015. Disponível em: <https://brigidacampbell.art.br/Arte-para-uma-cidade-sensivel>.

CARVALHO, Camila. Cidade e favela: transescalaridade das disparidades sociais? **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, MG, v.18, n.63, set. 2017.

CARREIRA, Denise. O lugar dos sujeitos brancos na luta antirracista. **Ensaio. SUR** 28., v 15, n. 28, 2018.

COSTA, Luciano B. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 7, n. 2, p. 66-77, maio/ago. 2014.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2. 2. Ed. Trad.de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.

FABIÃO, Eleonora. **Ações**. Rio de Janeiro: Tamanduá Arte, 2015.

FABIÃO, Eleonora. Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea. **Sala Preta**, 8, p. 235-246, 2008.

FABIÃO, Eleonora. **Performance e teatro**: poéticas e políticas da cena contemporânea. Próximo Ato: teatro de grupo. São Paulo: Itaú Cultural, 2011. p. 236-252.

FABIÃO, Eleonora. Programa Performativo: o corpo-em-experiência. **Revista do Lume**, São Paulo, n. 4, p. 1-11, 2013.

FABIÃO, Eleonora. Una acción llamada *Línea*: encuentros con el encuentro. In: **Danza y pensamiento**. Componer el plural: Escena, cuerpo, política. Barcelona, 2016.

GREINER, Christine. A experiência da morte como potência de vida. In: GREINER, Christine; AMORIM, Claudia. **Leituras da morte** (Org.). São Paulo: Annablume, 2007.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**. São Paulo. Ed. Paulo de Azevedo LTDA, 1960. v. 1.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**. Episódios de racismo cotidiano. Trad. de Jess Oliveira. Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LEPECKI, André. **Coreo-política e coreo-polícia. Ilha Revista de Antropologia**, v. 13, n. 1, 2, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2011v13n1-2p41>. Acesso em: 9 nov. 2020.

MARES, Rizia Mendes. A dimensão afetiva na experiência urbana: os sentidos do habitar na cidade contemporânea. **Revista Geografia em Atos (GeoAtos on-line)**, v. 5, n. 12, p.82-98, jul. 2019.

MORADORES do asfalto têm visão preconceituosa em relação a favelas. **Carta Capital**, 16 fev. 2015. Disponível em: http://www.cartacapital.com.br/sociedade/moradores-do-asfalto-tem-visao-preconceituosa-em-relacao-a-favelas-4298.html?utm_content=buffer905f2&utm_medium=social&utm_source=twitter.com&utm_campaign=buffer. Acesso em: 24 fev. 2015.

NAJAR, A. L. *et al.* Desigualdades sociais no Município do Rio de Janeiro: uma comparação entre os censos 1991 e 1996. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 18, (Suplemento), p. 89-102, 2002.

PÁL PELBART, Peter. A vida desnudada. In: GREINER, Christine; AMORIM, Claudia. **Leituras da morte** (Org.). São Paulo: Annablume, 2007.

PELBART, P. P. Biopolítica. **Sala Preta**, 7, p. 57-66, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v7i0p57-66>.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RANCIERE, J. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: Exo e Ed. 34, 2005.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro: Polén, 2009.

ROLNIK, Suely. **Geopolítica da Cafetinagem**, 2006. Disponível em: <http://eipcp.net/transversal/1106/rolnik/pt>.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**, v. 1, n. 2, p. 241-252, 1993. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/cadernossubjetividade/article/view/38134>.

SALLES, João Moreira. A dificuldade do documentário. *In*: MARTINS, José Souza; ECKERT, Cornelia; CAIUBY, Sylvia Novaes (Orgs.). **O imaginário e o poético nas ciências sociais**. Bauru: Edusc., 2005. p. 55-71.

SATRIANO, Nicolás. Rio tem 3,7 milhões de habitantes em áreas dominadas pelo crime organizado; milícia controla 57% da área da cidade, diz estudo. **G1 Rio**, 19 out. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/10/19/rio-tem-37-milhoes-de-habitantes-em-areas-dominadas-pelo-crime-organizado-milicia-controla-57percent-da-area-da-cidade-diz-estudo.ghtml>.

SENNET, Richard. **Carne e Pedra – o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro, São Paulo: Ed. Record, 2003.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Trad. de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2009.

UNO, Kuniichi. **A gênese de um corpo desconhecido**. Trad. de Christine Greiner com a colaboração de Ernesto Filho e Fernanda Raquel. São Paulo: n-1, 2012.

UNO, Kuniichi. **As pantufas de Artaud segundo Hijikata**. *In*: GREINER, Christine; AMORIM, Cláudia. **Leituras da morte** (Org.). São Paulo: Annablume, 2007.

ANEXO 1

Lugar 1 – ZONA OESTE – Vila Autódromo (Bairro Jacarepaguá) – Fica ao lado da cidade do Rock, onde acontece o Rock in Rio. Quando tem Rock in Rio é o inferno pra eles porque muita gente vai lá pra mijar, os ambulantes acampam, fica uma zoadá geral

Desenho 1 – Prédios luxuosos *versus* placa de madeira desenhada a mão. Foto minha da primeira vez que fui lá. Meses depois a prefeitura colocou uma placa oficial. Mas, ver isso cortou meu coração.



Desenho 2 – Rua com casinhas brancas. Tem esse cartaz na entrada da Vila. Uma foto de antes das remoções e a foto atual.



Desenho 3 – Ausência da casa da família incrível que conheci (Natalia, Penha, Luis e dona Antonia). Foto de Pedro Santos. Nessa foto, sou eu e Natalia. A Natalia apontou para o poste e me disse: Ali era a minha casa.



Desenho 4 – Muita alegria e partilha de alimento, ideias, risadas.



Desenho 5 – Fazer a cidade com as próprias mãos. No 2º dia que fui lá, para plantarmos juntos. Porque a prefeitura removeu não só as casas, mas também as árvores. Luis decidiu plantar nesse lugar, de propósito, para os passantes verem. Plantou uma palmeira.



Lugar 2 – ZONA OESTE – Bairro: Vila Kennedy

Desenho 1 – Aqui todo mundo é artista – frase do Giraia, um senhor que pinta a praça, desenha amarelinha no chão, faz instalações com luzes coloridas. Na foto, eu estou de costas, Vanderson do lado e Giraia (o artista) atrás.



Desenho 2 – Campeonato de futebol (evento muito importante que reúne a comunidade toda. Vanderson me convidou a entrar no campo. E tempos depois passou na minha frente uma fileira de homens armados com “metralhadoras”, os caras do tráfico.



Desenho 2 – Campeonato de futebol.



Desenho 3 – Nessa rua, não se pode fotografar, falar sobre o assunto, olhar para os lados. Meninos do tráfico no radinho.

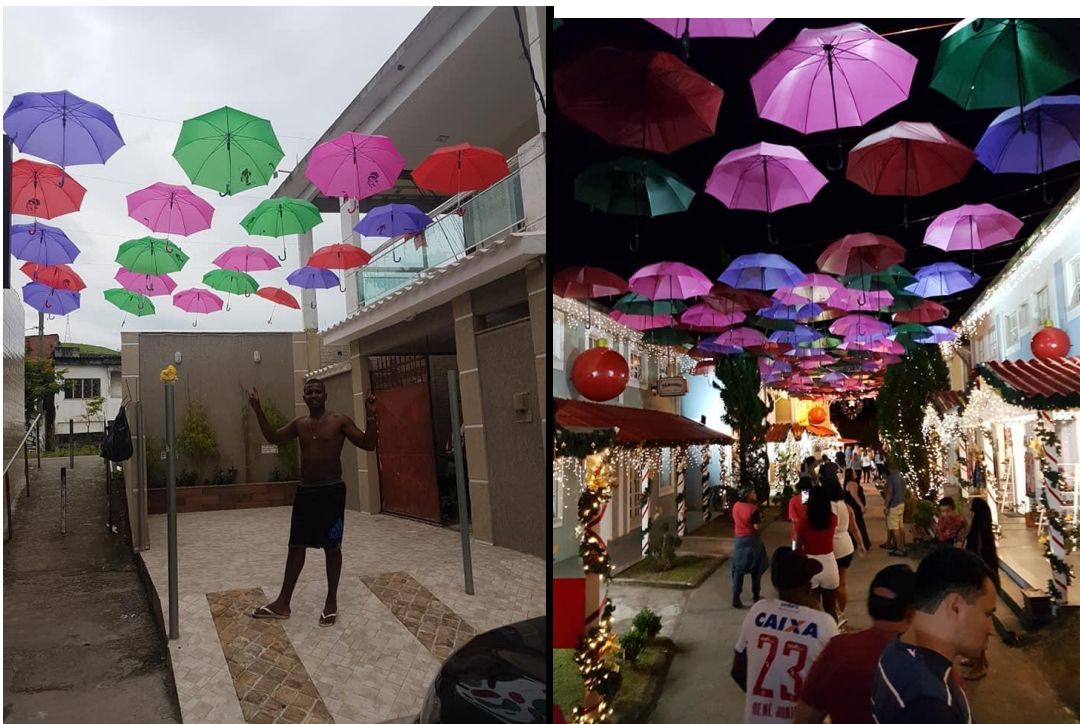
Desenho 4 – Estátua da Liberdade. Em cima da estátua tem um pombo morto.



Desenho 5 – CAVEIRÃO que pode chegar a qualquer momento. Tinha ido no domingo passado.

Desenho 6 – Menino de 8 anos empreendedor, vendendo suco na porta de casa.

Desenho 7 – Morador viaja pra Penedo e resolve criar beleza na Vila Kennedy também.



Lugar 3 – ZONA OESTE – Bairro: Guaratiba (Comunidade Pingo d'água)

Desenho 1 – Brisa – um lugar de frente para o mar, com esse pier. Com calçadão cheio de quiosques. Primeiro lugar que Drica me levou.



Desenho 2 – A comunidade mesmo é assim:



Desenho 3 – Casa de tijolos com muitos passarinhos presos nas gaiolas.

Lugar 4 – ZONA OESTE – Santa Cruz – Willian

Desenho 1 – Morro da Bandeira, de onde se pode ver Santa Cruz toda e Campo Grande.

Desenho 2 – Willian sente falta de cinema.

Desenho 3 – Tem muita história!!! Casa da Princesa Isabel, que hoje é Museu.

Lugar 5 – ZONA OESTE – Senador Camara – Rafael

Desenho 1 – Boca de fumo.

Desenho 2 – Não tem praça, mas tem campo de futebol.

Desenho 3 – SUPERVIA.

Desenho 4 – Passarela que liga casa à escola, onde, de um lado, polícia, e, do outro, traficantes.

Desenho 5 – A zona portuária é outro mundo. Senti o baque da diferença. Prédios gigantescos. Não parece que a gente vive no mesmo mundo.

Desenho 6 – Copacabana é um lugar onde não me sinto bem.

Lugar 6 – ZONA OESTE – Realengo – Jakie

Desenho 1 – Muitos amigos.

Desenho 2 – Muitos artistas, da dança, das artes plásticas.

Desenho 3 – Descaso. Sugeira nas praças.

Desenho 4 – Só há uma escola pública, quem quer estudar tem que ir pra longe.

Lugar 7 – ZONA OESTE – Campo Grande – Thamires

Desenho 1 – Longe de tudo, dos pontos turísticos.

Desenho 2 – Não tem atrativos culturais, aqui teatro é muito precário, só a Lona Cultural. Ah! Tem o Luso Brasileiro. Teatro mais próximo é Bangu.

Desenho 3 – Aqui era mato. Agora tem Shopping.

Desenho 4 – Tá crescendo, cada esquina tem um prédio. Mas aqui tem quantidade comunidades bem carentes, lugares bem pobres, bem populosos.

Desenho 5 – Trânsito horroroso. Transporte público muito ruim.

Desenho 6 – Campo grande não é só trânsito. Tem o Parque Nacional do Medanha. Nunca fui, eu não era muito de cachoeira.

Lugar 8 – ZONA OESTE – Paciencia – Vick

Desenho 1 – Cemitério muito bonito.

Lugar 9 – ZONA NORTE – Vicente de Carvalho – Yasmin

Desenho 1 – Shopping Carioca.

Lugar 10 – ZONA NORTE – Méier – Mariana

Desenho 1 – Méier tem tudo! Fala Mariana. Comércio (lojas, restaurantes, bares), laboratório de exames (ri). Ela me mostrou algumas lojas que tem na zona sul também.

Desenho 2 – Praça onde seu pai a levava para andar de bicicleta, com algumas plantas. Praça cercada, com grades, onde há um coreto azul.

Desenho 3 – Outra Praça Leão Etíope onde acontecem eventos culturais



Desenho 4 – Méier é meu país! Ela disse, muita gente do Méier fala assim. Todo mundo acha que aqui só mora favelado. Ela diz: Minha vó fala que mudou muito, que agora estão chegando favelados aqui.

Desenho 5 – Linha do Trem. Estação Méier.